COMIC-CON

AS NOVIDADES DE *HOMEM-ARANHA 3*, *TRANSFORMERS*, *STARDUST* E MUITO MAIS

GUERRA NAS ESTRELAS

GEORGE LUCAS SE RENDE AOS FÃS E LANÇA A TRILOGIA ORIGINAL EM DVD

SET

cinema • dvd • entretenimento

EDITORA PEIXES

www.setonline.com.br

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

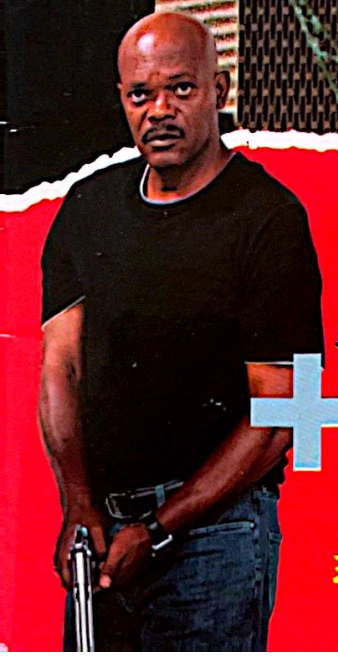
Setembro, 2006 - Ed. 231 - Ano 19 - R$ 9,90

11 DE SETEMBRO AINDA É CEDO?

Duas superproduções hollywoodianas revivem os atentados que mudaram o mundo

OLIVER STONE ESQUECE A POLÍTICA E RESGATA NICOLAS CAGE EM **AS TORRES GÊMEAS**

O TERROR DE UMA VIAGEM SEM VOLTA EM **VÔO 93**, O FILME MAIS TENSO DO ANO



SERPENTES A BORDO

+ 30 MAIORES FILMES CULT DO CINEMA

PROMOÇÃO

LOST

CONCORRA A DVDs E OUTROS PRÊMIOS EXCLUSIVOS DA SÉRIE-FENÔMENO

O Amor Mata...
JOHN TRAVOLTA
JAMES GANDOLFINI
JARED LETO
SALMA HAYEK
OS FUGITIVOS
LONELY HEARTS
KB·OP·23
PC·74·56
CALIFORNIA FILMES
PROCURE NAS LOCADORAS
www.californiafilmes.com.br

NESTA EDIÇÃO

6 CARTAS

11 TAKES

20 O DIA EM QUE A TERRA PAROU
Cinco anos depois dos atentados de 11 de Setembro, *Vôo 93* e *As Torres Gêmeas* relembram de formas diferentes uma das maiores tragédias da humanidade

34 30 FILMES CULT
Serpentes a Bordo transforma-se num fenômeno da Internet e gera a lista dos longas mais cultuados do cinema

44 DESFILE INFERNAL
Numa comédia de humor negro, Meryl Streep vira a mulher mais poderosa da moda e infernaliza a vida da secretária em *O Diabo Veste Prada*

52 O QUINTO ELEMENTO
Colocamos **Cacá Diegues** e **José Wilker** frente a frente para discutir *O Maior Amor do Mundo*, novo filme da dupla mais afinada do cinema nacional

55 FILTRO

56 CINEMA

62 DVD & VÍDEO

70 TELEVISÃO

76 MÚSICA

78 LIVROS & HQS

79 GAMES

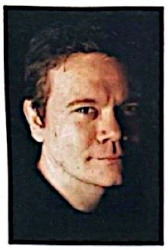
80 EQUIPAMENTOS

82 PONTO FINAL

NA CAPA: Imagem do World Trade Center (Reuters)

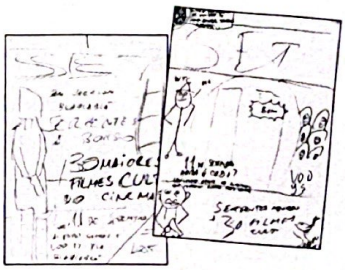
"Alô, revista SET?": Anne Hathaway é humilhada em *O Diabo Veste Prada*, mas tem emprego garantido aqui

EDITORIAL



Fã de cinema não é só o sujeito que assiste aos blockbusters gringos. Ou os filmes do circuito alternativo. Nem aquele que não sai de casa se o programa não for uma produção nacional, para "valorizar o que é nosso". Fã de cinema é quem gosta de tudo isso aí em cima. Não dá para ser apaixonado por uma expressão artística sendo seletivo. É com esse ecletismo que a gente conduz SET, tentando sempre falar para o fã de cinema, e não o fã de guetos ou de modismos. A reportagem do editor especial Ricardo Matsumoto, por exemplo, aborda os dois filmes que chegam aos cinemas no mês em que os ataques terroristas ao World Trade Center e ao Pentágono completam cinco anos: *As Duas Torres* e *Vôo 93*. É cinema sério, que reflete o mundo em que vivemos sob o olhar de dois grandes diretores. Alessandro Giannini, nosso editor, reuniu-se com José Wilker e Cacá Diegues para explorar os bastidores de sua quinta colaboração, *O Maior Amor do Mundo* – e, de quebra, ver sua visão do estado das coisas. A jornalista Juliana Pereira, que também é especializada em moda, foi a Nova York para o lançamento de *O Diabo Veste Prada* e esmiuçou a produção que coloca dois universos tão distintos e ao mesmo tempo tão similares em choque. E eu conversei com Samuel L. Jackson e com os realizadores de *Serpentes a Bordo* para entender como um filme de terror B virou um fenômeno. Tem para todos. E, se você gosta de cinema como eu acredito que gosta, eles são para você.

Roberto Sadovski
Diretor de Redação roberto.sadovski@edpeixes.com.br



Trabalho em progresso: Sadovski e Salem mostram sua visão do que poderia ser a capa de SET. Ainda bem que eles só escrevem...

AFOGANDO EM NÚMERØS

A edição de SET que você tem em mãos em estatísticas nada comprovadas

ARQUIVO PESSOAL

Uma imagem vale mais que mil palavras: mesmo assim, não podemos deixar de tirar um sarro do encontro do século entre o Elvis-Stormtrooper que assombrava a San Diego Comic-Con e Roberto Sadovski, fantasiado de Serginho Groisman

1 editor curou a ressaca da derrota do São Paulo indo para Gramado

2 funcionários da revista são bicampeões da Copa do Brasil

34 vezes o computador da editora de arte travou na matéria dos filmes cult

3 membros da equipe estão garantidos no show do New Order. É a idade

1 editor-chefe estava em Londres quando descobriram planos para explodir aviões

0,5 dia foi usado por Alessandro Giannini para ajudar no fechamento

EDITORA PEIXES

SET

PRESIDENTE
Angelo Rossi

REDAÇÃO *(e seus filmes cult preferidos)*
Diretor de Redação: *Roberto Sadovski (O Corvo)*
Editor-Chefe: *Rodrigo Salem (This Is Spinal Tap)*
Editora de Arte: *Marcia Chicaoka (Edward Mãos-de-Tesoura)*
Editor Especial: *Ricardo Matsumoto (Vamos Nessa)*
Editor: *Alessandro Giannini (O Bandido da Luz Vermelha)*
Diagramadora: *Denise Gariani (Cinderela Baiana)*
Assistente de Redação: *Margarete de Lara (Laranja Mecânica)*
Colaboraram nesta edição: (redatora-assistente) *Érika Caprotti* **(texto),** *Alfredo Sternheim, André Gordirro, Arianne Brogini, Chris Hewitt, Dulce Damasceno de Brito, Eduardo Torelli, Juliana Pereira, Renato Carlini, Roberto Pujol, Sérgio Martins* **(ilustração)** *Fernando Gonsales* **(revisão)** *Marisa Ribeiro*

PUBLICIDADE
Diretora: *Cidinha Cabral* (cidinha.cabral@edpeixes.com.br)
Gerentes: *Debora Leopoldo* (debora.leopoldo@edpeixes.com.br), *Sandra Garcia* (sandra.regina@edpeixes.com.br)
Executivos de Negócios: *Débora Villela Petrin, Ellen Biagio e Sérgio Garcia*
Executiva de Contas: *Stella Maris Bovino*
Coordenador de Publicidade: *Jorge Luiz Trinca*
Gerente de Marketing Publicitário e Eventos: *Monique Marie O.L. Otenio*
Assistente de Marketing Publicitário e Eventos: *Marcelo Rodrigues Silveira*

GESTÃO E CONTROLE OPERACIONAL
Diretor: *Carlos Romualdo*

ASSINATURAS
Gerente: *Orlando Palialol*
Gerente de Processos: *Robson Cerqueira*

MARKENTING/CIRCULAÇÃO
Gerente: *Sidnei Lubianco*
Supervisor de Produto: *Fernando Pansan*
Planej. e Contr. Produção: *Wagner Pinheiro (supervisor)*
Gerente de Vendas Diretas: *Miguel Abdulack*

JURÍDICO
Diretor: *Djair Rosa*

PUBLICIDADE REGIONAL
Executivo de Contas: *Maurício Emanuelli*
Tel. 3049-3123 – mauricio.emanuelli@edpeixes.com.br

REPRESENTANTES
Brasília: *A2 Representação* – Tel./Fax (61) 3223-7005 / 7006
Rio Grande do Sul: *Zigon Comunicações* – Tel./Fax (51) 3228-7300/ 8166-4140
Rio de Janeiro: *Tope Publicidade* – Tel./Fax (21) 2245-8660
Minas Gerais: *SBF Publicidade* – Tel./Fax (31) 3261-2700
Santa Catarina: *By Speranza* – Tel./Fax (48) 3232-0519
Paraná: *Tunitec Editora* – Tel. (48) 3338-9493
Espírito Santo: *Dicape Representações e Serviços Ltda.* – Tel./Fax (27) 3229-1986
Pernambuco/ Alagoas/ RN/ Paraíba: *Editio Comunicação* – Tel./Fax (81) 3091-5068/ 3222-8604
Representante Internacional: *Multimedia, Inc. (USA)* – Tel. (1) 407-903-5000 – Fax (1) 407-363-9809

SET, Edição 231, setembro de 2006, é uma publicação da Editora Peixes S.A. ISSN 0104-1592. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Helena, 260, 4º andar, Vila Olímpia, São Paulo/SP, CEP 04552-050 tel.(11) 3049-3149. Publicidade: tels.: (11) 3049-3159/3049-3162/3049-3160. Distribuição: SET é distribuída com exclusividade no País pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações. Números atrasados: Podem ser solicitados, ao preço da última edição em bancas mais despesas de envio, à Somey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Balsa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300; fone/fax (011) 41612481, de segunda a sexta-feira das 8h às 17h40; na internet acessando www.lojaspeixes.com.br; ou através do jornaleiro ou distribuidor Dinap da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque.

UOL www.setonline.com.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(0xx11) 3038-8080
De segunda a sexta-feira das 8 às 20 horas
e aos sábados das 9 às 15 horas
E-mail: assinapeixes@teletarget.com.br
ou acesse: www.assinepeixes.com.br

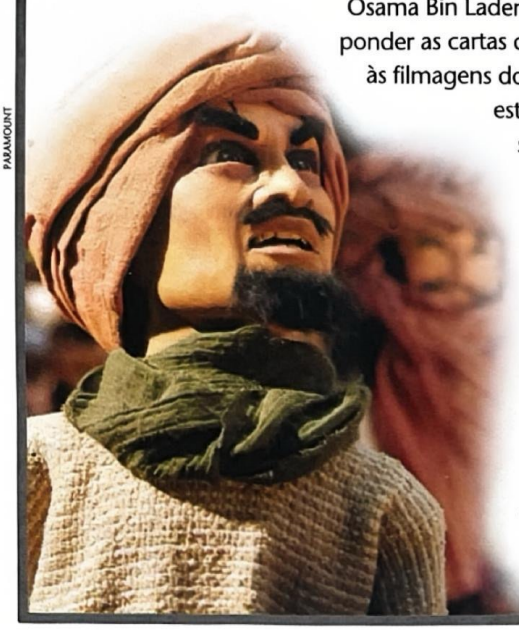
PRE-PRESS: VOX
IMPRESSÃO: GLOBO COCHRANE GRÁFICA E EDITORA LTDA.

IVC ANER

A POSSESSÃO NÃO CONHECE LIMITES
DONALD SUTHERLAND
SISSY SPACEK
JAMES D'ARCY
RACHEL HURD-WOOD
www.maldicao.com.br
an american haunting
MALDIÇÃO
BASEADO NUMA TERRÍVEL HISTÓRIA REAL
CALIFORNIA FILMES
ASSISTA NOS CINEMAS

TERROR A BORDO

Nem cobras nem terroristas podem impedir nossa Seção de Cartas



PARAMOUNT

Osama Bin Laden tentou, mas não conseguiu me impedir de responder as cartas do mês. Não estou brincando. No retorno da visita às filmagens do quinto *Harry Potter*, na Inglaterra, o megaterrorista estava com um plano de detonar nove aviões que sairiam de Londres rumo aos EUA. A polícia londrina interrompeu o plano, mas a volta foi uma missão quase impossível. E meu vôo, quando finalmente subiu, estava repleto de cobras! Quatrocentas cobras! E um Samuel L. Jackson! Ok, essa parte é mentira, porém nada como entrar no clima do filme que pode mudar o jeito de se vender cinema para sempre. Enquanto isso não acontece, ficamos aqui com os leitores elogiando ou massacrando *Superman – O Retorno* e *Piratas do Caribe – O Baú da Morte* e fazendo vídeos mais-que-vagabundos parodiando *Lost*. É duro voltar à realidade. Mas se Samuel L. Jackson, Chuck Norris e Obina podem, eu posso. ***Rodrigo Salem***

SUPERMAN VERSUS *PIRATAS*

É de entristecer qualquer fã do Superman a baixa aceitação do novo longa. *Piratas do Caribe* não merece este estardalhaço todo. O filme de Bryan Singer é muito superior, principalmente em emocionar e fazer a adrenalina subir. Infelizmente, corremos o risco de não ver uma continuação do maior super-herói de todos os tempos.

Karina Rocha Henriques
karinarocha81@hotmail.com

SUPER VS. *PIRATAS 2*

A bilheteria de *Piratas do Caribe 2* é tão exagerada quanto o próprio filme. É uma história fraca, baseada nos efeitos especiais e que usa e abusa do talento de seu astro, mas colocando-o em situações embaraçosas. Por outro lado, *Superman – O Retorno* é um longa preciso, com atuações convincentes e efeitos especiais mais espetaculares, mas com uma bilheteria "longe de ser um sucesso".

Mário Luís
Curti-kurti@uol.com.br

SUPERMAN APROVADO

"Pernas gordas, uniforme moderno demais e ator ruim." *Superman – O Retorno* recebendo críticas de tudo o que é lado, e de pessoas que nem tinham assistido ao filme. Fui ver e o resultado: um dos melhores longas de todos os tempos e a atuação magníficados atores. Onde estão esses retardados que vão ver os filmes preocupados em detalhes de roupas e aparência?

Flávio Abreu
São Paulo-SP

SUPER APROVADO 2

Acabei de assistir a *Superman – O Retorno* e digo que o filme é a melhor adaptação de quadrinhos do século. Ótimo, tem aventura, romance e um Superman que não vemos desde Christopher Reeve.

Acácio Carlos Lopes Júnior
acacio_wow@hotmail.com

SUPERMAN REPROVADO

Com o supermico de *Superman* nas bilheterias, imagino com que cara o Bryan Singer deve estar, uma vez que largou *X-Men 3* para dirigir o filme do Azulão. E o terceiro filme dos mutantes ainda foi o que mais arrecadou. É, o destino tem seus caprichos.

Adriano J.V. Neves
Leme-SP

BRASIL, SIL, SIL!

Eu estou decepcionado e frustrado. Acabo de assistir ao desenho *A Era do Gelo 2* e, como vocês sabem, o diretor é o brasileiro Carlos Saldanha. Mas o filme não tem NENHUMA referência ao Brasil! Nem na história, nem no visual, nem na música. Antes que reclamem dizendo que sou nacionalista fanático, quero lembrar que os americanos sempre dão um jeito de se referirem a sua cultura em tudo quanto é filme, música e videogame. Por que um brasileiro, podendo mostrar que a gente também existe, não aproveitou a oportunidade? Será que tem vergonha de ser brasileiro? Então por que não muda de nacionalidade de vez? Ao invés de sentir orgulho, os brasileiros deviam ter vergonha de um patrício que rejeita tanto suas origens. E o filme é inferior ao anterior, sendo que a edição brasileira é porca, não tendo disponibilizado sequer o áudio original.

Ricardo de Lohen Dania Pedroza
ricardo_pedroza@uol.com.br

É, Carlos Saldanha. Você não é brasileiro, assim como aqueles traidores que jogam futebol lá fora e ganham milhões a nossa custa. Não importa que A Era do Gelo 2 *se passe dois bilhões de anos no passado, quando o tatatatatataravô da ameba que um dia geraria Pedro Álvares Cabral ainda era jovem. Essa é minha preocupação maior com o Brasil e assino embaixo do e-mail do Ricardo. Essa tal de eleição que vem por aí não importa. E quero meu dinheiro do DVD de volta.*

SAUDADES DE TOM

O que vocês podem adiantar sobre os novos projetos do ator Tom Hanks: *The Risk Pool* e *Charlie Wilson´s War*?

Kamila M. Machado
Colatina-ES

Após a chatice que foi O Código Da Vinci, *nosso herói se livra do mullet para viver um irresponsável e viciado em jogos que precisa cuidar do filho depois que a mãe do moleque sofre uma crise nervosa. Esse é* The Risk Pool, *adaptação do livro de Richard Russo, dirigido pelo incomparável Lawrence Kasdan, diretor da obra-prima* O Apanhador de Sonhos. Charlie Wilson's War *promete bem mais. Ao lado de Julia Roberts e Philip Seymour Hoffman, e dirigido por Mike Nichols, Hanks assume o papel de um senador texano que acoberta a venda de armas ao Afeganistão nos anos 80 e pode ter influenciado em algo muito mais assustador anos depois.*

DENTISTA DE VERDADE

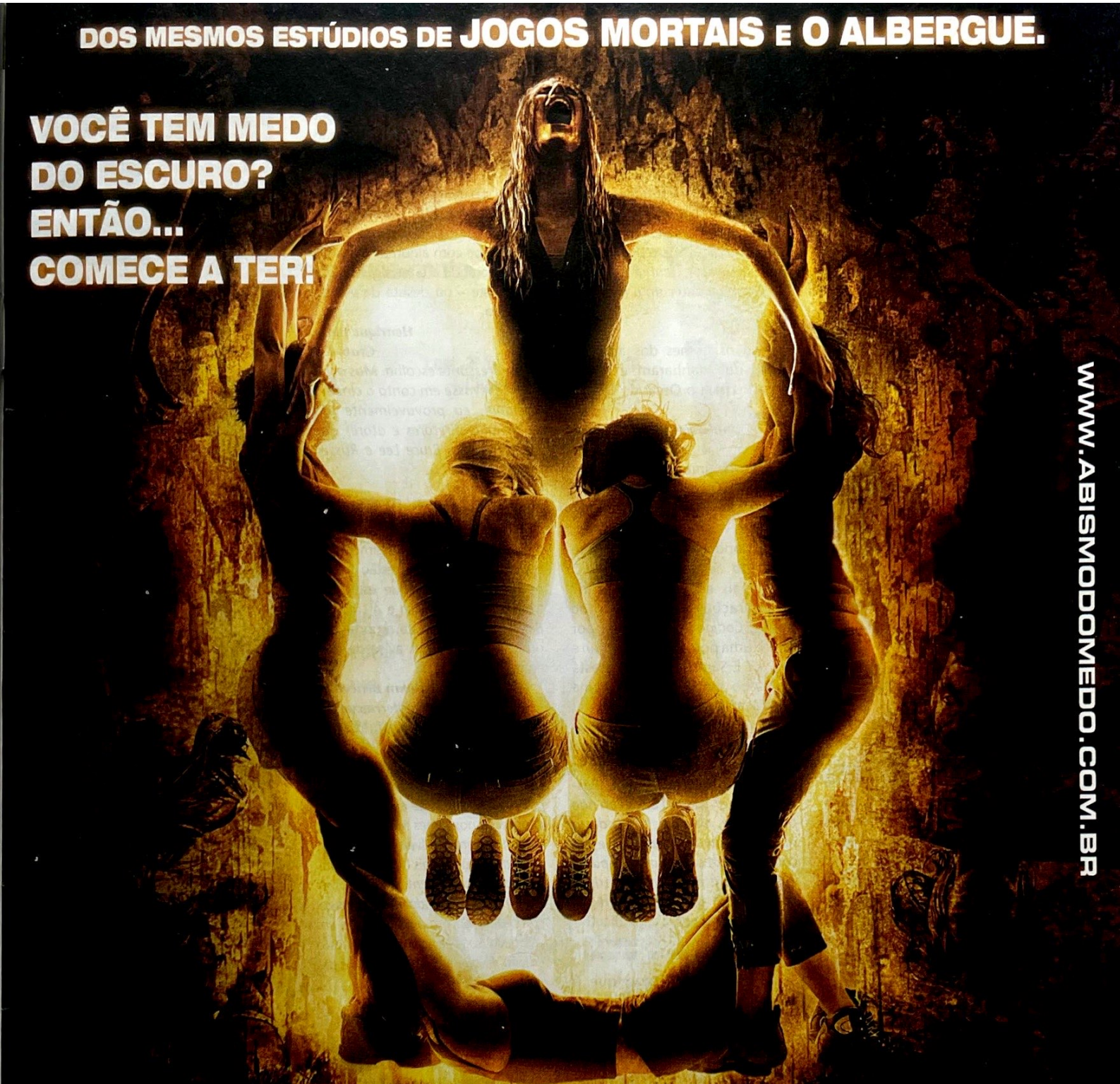
Se vocês apostaram que o leitor Cleverson Benevides da Silva é dentista (*Seção de Cartas de agosto*), eu topo o prélio. Qualquer um deles sabe que é irrelevante o ato de molhar o creme dental antes da escovação. E aceito também uma aposta no que você está pensando ao ler isso: "$%&*, nunca imaginei que uma mensagem tão idiota renderia comentário". E aí, acertei?

Clayton Bonfim Lima
Belo Horizonte-MG

Acertou.

ASSINATURAS SET
POR TELEFONE: (0xx11) 3038-8080
POR FAX: (0xx11) 3038-1415
E-MAIL: assinapeixes@teletarget.com.br
ou ACESSE: www.assinepeixes.com.br

DOS MESMOS ESTÚDIOS DE **JOGOS MORTAIS** E **O ALBERGUE.**



WWW.ABISMODOMEDO.COM.BR

"O MELHOR SUSPENSE DE HORROR DESDE *ALIEN*."
joblow.com

"O FILME DE HORROR MAIS ASSUSTADOR DOS ÚLTIMOS ANOS."
-Tony Thompson - Fangoria

ABISMO DO MEDO

the descent

CALIFORNIA

ASSISTA NOS CINEMAS

CARTAS

PERDIDOZ

Meu nome é Fernando e, junto com meus amigos, criei o seriado *Lozt Com Z*, que pode ser visto no You Tube (www.youtube.com). Gostaria que assistissem e se gostarem entrem na nossa comunidade no Orkut: *Lozt Com Z*.

Fernando (Jack?)
fernando-rin@hotmail.com

Juro por Deus que passei quinze minutos pensando em como dar uma resposta engraçada a essa carta, principalmente depois de perder quase nove minutos da minha vida vendo os três capítulos toscos da série do Fernando. Mas me lembro de que gente como Peter Jackson e Genival Lacerda começou assim, na marra. Então, escolhi dois grandes momentos de Lozt Com Z (não acessem, estou avisando) para dividir com os leitores: 1) a piada do ônibus do Corinthians, que substitui o avião da Oceanic; e 2) o flashback de Sayd, num exército iraquiano em que todos os soldados e oficiais (na verdade, só existem dois) usam uma camisa promocional de Operação Babá, *de Vin Diesel.*

SÃO ELES MESMOS?

Revendo *Máquina Mortífera 4*, percebi nos créditos que os roteiristas eram Alfred Gough e Miles Millar. Gostaria de saber quais foram os outros filmes que tiveram o roteiro escrito pela dupla de *Smallville* e quais os seus maiores sucessos.

Douglas Henrique Souza da Silva
São Gonçalo-RJ

A dupla não fez muita coisa para se gabar, fora Máquina Mortífera 4. *Participaram da criação do roteiro de* Homem-Aranha 2, *criaram a série* Bater ou Correr *e cometeram* Aquaman, *a série cancelada antes mesmo de passar na TV.*

MAIS TRILOGIAS

Desejo obter informações sobre dois filmes que foram cogitados como possíveis trilogias. O primeiro é *Corpo Fechado*, em que Bruce Willis anunciou a intenção de fazer uma trilogia. O segundo é *Eclipse Mortal*, que já teve sua seqüência, mas não li nada a respeito de um terceiro longa.

Nilvio Pinheiro
npp_rj@yahoo.com.br

Ambos estão no limbo. Tanto Willis quanto Vin Diesel querem mais de seus personagens (David Dunn e Riddick, respectivamente), mas não existe nenhum estúdio muito empolgado com a idéia.

SÓ ISSO?

Peço os nomes dos atores e atrizes que ganharam e foram indicados para o Oscar de 1990 a 2005.

Anderson Felipe da Silva
Goiânia-GO

Apenas uma coisa a dizer: www.oscars.org.

HERESIA

Respondam-me o que é isso chamado *Serpentes a Bordo*. O filme mais aguardado do ano? Comparações com *Piratas do Caribe*, *Codigo Da Vinci* (que por sinal é uma porcaria), *Superman* e *Carros*? E Samuel L. Jackson está passando fome para fazer uma aberração dessas?

Eduardo Moura e Silva
edmsdiggory@hotmail.com

*Espero que nossa edição tenha respondido a sua pergunta. Passando fome? Samuel L. Jackon não passa fome, ele diria: "Saia desta mer** de avião, sua fome do car*****, antes que eu fique pu*** e detone suas po*** das suas tripas para a p*** que pa****!". Mais respeito, por favor.*

CARREIRA

Gostaria de saber o que é preciso fazer para ser um cinesta. Por favor, me respondam!

Bruno Pimentel Chagas
Laguna-SC

Aqui no Brasil? Fácil: ter algum parente bem colocado no governo e arrumar a mamata de uma Lei de Incentivo à Cultura. Depois, faça algo que ninguém entenda, mas sempre com uma história edificante sobre nossas raízes. É melhor que investir em ações.

CONCURSO CULTURAL

Vocês lançaram uma proposta curiosa na Seção de Cartas da edição de agosto: "Qual a personalidade socável do cinema?". Bom, eu não preciso ir para Hollywood ou para a Europa para escolher a pessoa ideal. Meu voto vai para Moacyr Góes. Quem sabe com algumas porradas o cara aprende a fazer algum filme que preste – ou desista de vez da profissão.

Henrique Lima
Crato-CE

Interessante escolha. Mas acho que, se levasse em conta o cinema nacional, eu provavelmente iria socar mais diretores e atores que Rocky Balboa, Bruce Lee e Russell Crowe juntos.

TEMPO DE DESPERTAR

O que está acontecendo com SET? Filmes importantíssimos em quesito de Oscar não estão tendo nem uma nota de que estão estreando. *Transamérica* e *A Lula e a Baleia* não tiveram nota, reportagem ou ao menos algum aviso de que entrariam em cartaz.

Mathpan Benevides
mathpan@terra.com.br

Antes de mais nada, o fato de ser um "filme de Oscar", um longa do Afeganistão ou um blockbuster não tem nada a ver com ter a resenha publicada no mês de estréia. O que aconteceu nos filmes referidos é que a distribuidora resolveu lançá-los em cima da hora, depois de vários adiamentos. Sempre tentamos resolver esse impasse usando nosso site ou compensando um pouco depois em vídeo, como você pode conferir nesta edição, já que A Lula e a Baleia *é um de nossos destaques.*

POUCA VONTADE

Queria saber se já estão filmando, já filmaram ou tá na pós-produção *o ultimato Bourne*, última parte da trilogia de robert langlum???, existe prazo de lançamento???, desculpe a informalidade com as letras minúsculas, mas tô com muita preguiça!!!

Laila Damascena Antunes
lenamlovegood@yahoo.com.br

Tô com muita preguiça para responder!!! No mês que vem, tento novamente.

CARTAS: 39 • E-MAIL: 309 • FAX: 4 • TELEFONEMAS: 170 — TOTAL 522
Correspondência recebida entre 22/7 e 22/8

Tudo o que você quiser saber sobre filmes, lançamentos, seu artista preferido, fale com a gente

POR TELEFONE: (0xx11) 3049-3172
POR FAX: (0xx11) 3049-3166
POR E-MAIL: set@edpeixes.com.br

POR CARTA:
Rua Helena, 260 - 4º andar
CEP 04552-050 / São Paulo - SP

EDIÇÕES ANTERIORES

Nº 230 – Agosto 2006

Michael Mann ressuscita *Miami Vice* com a ajuda de Colin Farrell e Jamie Foxx; M. Night Shyamalan em superentrevista sobre carreira, crítica e *A Dama na Água*; Os 25 anos da morte de Gláuber Rocha; Casseta e Planeta em nova produção; em DVD, *Capote*

Nº 229 – Julho 2006

Como *Piratas do Caribe – O Baú da Morte* se tornou um fenômeno inesperado; invadimos o set de *Apocalypto* e enfurecemos Mel Gibson; Michael Douglas acerta em *Sentinela*; o drama de *Zuzu Angel*; nos cinemas, *Carros*; em DVD, *O Matador*

Nº 228 – Junho 2006

Visitamos as filmagens de *Superman – O Retorno* e revelamos todos os detalhes da volta do Homem-de-Aço; Wolfgang Petersen fala sobre seu novo remake, *Poseidon*; na onda das refilmagens, *A Profecia* ganha versão moderna; em DVD, *Munique*

Nº 227 – Maio 2006

Acompanhamos a pós-produção de *X-Men: O Confronto Final*; *O Código Da Vinci* chega aos cinemas cercado de mistério; a volta de Nelson Pereira dos Santos; perfil de Tommy Lee Jones e Richard Fleischer; nos cinemas, *O Homem-Urso*; em DVD, *Paradise Now*

Nº 226 – Abril 2006

Acompanhamos as filmagens de *Missão: Impossível III*; *V de Vingança* reúne subversão e Hollywood; Sharon Stone fala sobre *Instinto Selvagem 2*; a estréia de *Irma Vap – O Filme*; Terrence Malick volta em *O Novo Mundo*; em DVD, *Vidas em Jogo*

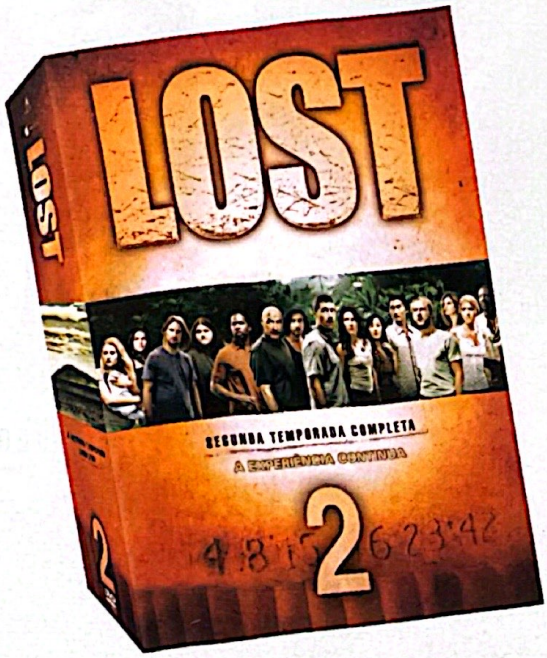
Nº 225 – Março 2006

As séries de TV que não devem em nada aos filmes de cinema; Harrison Ford retorna em *Firewall*; Carlos Saldanha fala sobre *A Era do Gelo 2*; os trinta anos de Luís Sérgio Person; os melhores de 2005; *Ritmo de Um Sonho* consagra Terrence Howard; em DVD, *Crash*

NÚMEROS ATRASADOS: Edições anteriores podem ser solicitadas, ao preço da última edição em banca mais despesas de envio, a Somey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Balsa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300, tel./fax (11) 4161-2481, de segunda a sexta-feira, das 8h00 às 17h40, na internet acessando www.lojapeixes.com.br ou através do jornaleiro ou distribuidor DINAP da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque.

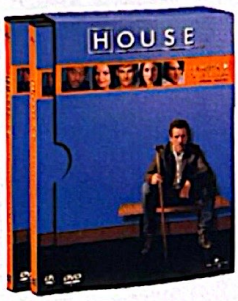
A gente entrega onde os personagens queriam estar: em casa.

Confira Lost e outros lançamentos no Submarino.

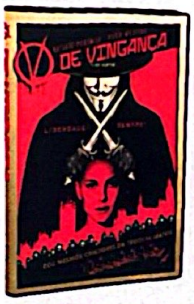


Lost: 2ª Temporada completa + Chaveiro Exclusivo Lost
7 DVDs
Pré-venda: lançamento em 13/09
R$ 159,90 à vista
6x R$ 26,65 sem juros no cartão

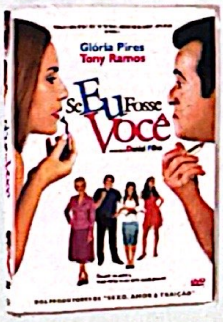
Jornada nas Estrelas: A Nova Geração - 2ª Temporada - 6 DVDs
Pré-venda: lançamento em 08/09
R$ 129,90 à vista
3x R$ 43,30 sem juros no cartão



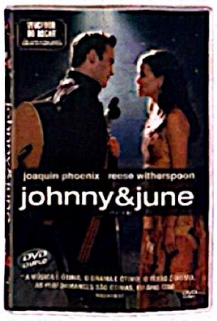
House 1ª temporada 6 DVDs
Pré-venda: lançamento em 01/09
R$ 119,90 à vista
3x R$ 39,97 sem juros no cartão



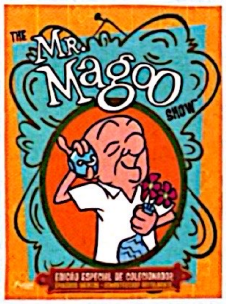
V de Vingança
R$ 44,90 à vista



Se Eu Fosse Você
Pré-venda: lançamento em 04/09
R$ 29,90 à vista



Johnny & June Duplo
Pré-venda: lançamento em 04/09
R$ 39,90 à vista



The Mr. Magoo Show Edição especial de colecionador - 4 DVDs
Pré-venda: lançamento em 09/10
R$ 99,90 à vista
3x R$ 33,30 sem juros no cartão

Pode imaginar. Aqui tem.

Ofertas válidas até 30/09/06, sujeitas a disponibilidade de estoque sem aviso prévio e as condições e formas de pagamento vigentes no Submarino na data da compra. Garantimos o estoque mínimo de 10 peças de cada produto. Os preços anunciados não incluem o serviço de entrega.

PROMOÇÃO

LOST

SEGUNDA TEMPORADA COMPLETA

A EXPERIÊNCIA CONTINUA

© Buena Vista Home Entertainment, Inc e Touchstone Television.

QUAL É O SIGNIFICADO DOS NÚMEROS?

Justifique sua resposta e concorra a packs da segunda temporada e bolsas exclusivas.

Regulamento:
1. Participação: 1.1 - O premiado será o autor da criação. 1.2 - Só terão direito aos prêmios as cartas com todos os dados do autor (nome, endereço completo e e-mail quando houver) preenchidos de forma legível, com letras de fôrma ou impressa, enviadas pelo correio para Caixa Postal 27.020 – CEP 04007-990 - São Paulo, pelo e-mail: promoset@edpeixes.com.br 1.3 - Ou pessoalmente na Rua Helena, 260, 4º andar - Vila Olímpia - São Paulo, até o dia 06/10/2006. 2. Critérios: 2.1 - Para participar, o concorrente deverá enviar pelo e-mail de Promoções da revista SET, utilizando no máximo 05 (cinco) linhas, a resposta à pergunta: "Qual é o significado dos números?" Justifique sua resposta. 2.2 - O texto deverá ser apresentado obrigatoriamente em língua portuguesa. 2.3 - A avaliação será baseada nos seguintes critérios e pela ordem: criatividade e adequação ao tema. 2.4 - A avaliação final e a escolha definitiva dos ganhadores acontecerá no dia 09/10/2006. 3. Premiação. 3.1 - Serão escolhidas as 10 (dez) melhores respostas. Do 1º ao 3º receberão 01 (uma) bolsa exclusiva e 01 (um) boxe da segunda temporada de *Lost*. Do 4º ao 10º receberão 01(um) boxe da segunda temporada de *Lost*. A colocação será estabelecida pela comissão julgadora. 3.2 – As ganhadores receberão do 1. 3.2 - Os prêmios serão enviados pelo correio até 45 dias após a publicação dos resultados. 4. Divulgação: 4.1 - Os ganhadores serão notificados por meio de um anúncio, publicado na revista SET de novembro de 2006. 4.2 - Os participantes vencedores desse concurso autorizam automaticamente a Editora Peixes a usar suas imagens, nomes e vozes em: fotos, cartazes, filmes e/ou spots, e em qualquer outro tipo de mídia e peças promocionais para a divulgação do resultado da promoção, além de concordarem automaticamente com a cessão dos direitos autorais eventualmente existentes sobre os textos premiados à Editora Peixes e à Buena Vista Home Entertainment, sem nenhum ônus para que os organizadores desse concurso possam fazer uso desse material livremente e da forma que melhor lhes convier. 5. Considerações: 5.1 - Esse concurso tem caráter exclusivamente cultural, não estando vinculado à compra de produtos, nem subordinado a qualquer modalidade de sorte ou sorteio (art. 30 do Decreto Lei Nº 70952/72). 5.2 - Quaisquer dúvidas, divergências ou situações não previstas nesse regulamento serão julgadas e decididas de forma soberana e irrecorrível pela comissão julgadora. 5.3 - É vedada a participação de funcionários (parentes e familiares) da Editora Peixes, e de qualquer outras pessoas envolvidas na organização desse concurso.

Promoção:

Buena Vista Home Entertainment

Touchstone Television

Editora Peixes

TAKES

bastidores ▪ novidades ▪ gente que faz

- DIRETOR FALA SOBRE *300 DE ESPARTA* E *WATCHMEN*
- *MOTOQUEIRO FANTASMA* GANHA INTERPRETAÇÃO COMPLEXA
- COMO VENOM FOI PARAR EM *HOMEM-ARANHA 3*?
- NEIL GAIMAN DÁ TODO O APOIO À ADAPTAÇÃO DE *STARDUST*

FEIRA SEM VAIDADES

SET acompanha a maior convenção de cultura pop do mundo com exclusividade e conta tudo

ROBERTO SADOVSKI

Malucos por todos os lados: fãs de *V de Vingança*, *Sin City*, Batman e *O Estranho Mundo de Jack*

Nada de tapete vermelho. Ou zilhões de paparazzi. E, amém, nem um filme sequer sobre uma criança voltando para casa em um país tomado pela guerra. Ao contrário dos festivais de cinema pelo mundo afora, a Comic-Con International, maior convenção de histórias em quadrinhos, fantasia e ficção científica do planeta, deixa o "glamour" de lado e concentra-se no que é mais importante: a celebração da cultura pop por quem é realmente apaixonado. A convenção, que nasceu há 26 anos em San Diego, reunindo cerca de 300 aficionados por gibis que queriam discutir idéias com criadores e vender e trocar suas revistas, evoluiu para um evento gigantesco, que em quatro dias reúne mais de 100 mil pessoas em torno não só de histórias em quadrinhos, mas de games, brinquedos, >>

SET sem fio

Tenha TAKES em seu celular Envie agora para o número 55000 uma mensagem com o texto LIG TAKES. Você receberá diariamente em seu celular uma notícia dos bastidores do cinema via SMS. Disponível para celulares Oi e CTBC, cinco notícias por semana a R$ 0,15 por mensagem.

TAKES em vídeo em seu celular Disponível para Oi. R$ 1,99 por vídeo baixado.

exposições de arte, concursos de fantasia – e filmes. Muitos filmes. "Descoberta" há menos de uma década pelos grandes (e pequenos) estúdios de cinema, a Comic-Con transformou-se em ponto de partida crucial para começar o burburinho em cima de filmes gravitando nos gêneros terror, ficção científica e fantasia que chegam aos cinemas nas semanas seguintes – ou que nem sequer estão em produção.

SET acompanhou a festa e descobriu que – como você confere nas fotos que ilustram este texto – para o fã furioso não basta ter uma paixão: o bacana é tornar-se parte dela. Na festança, por sinal, essa linha fica embaralhada, já que não existe tanta distância entre criadores e criaturas. Além dos artistas (de quadrinhos, principalmente) que atraem filas para autógrafos, a comunicação entre o público e os astros como Samuel L. Jackson, Nicolas Cage, Rosário Dawson e Tobey Maguire – todos na convenção este ano – é direta: ao final de cada painel, de cada apresentação, o microfone é livre para qualquer pergunta de qualquer pessoa. O que pode causar certo constrangimento, como o moleque de uns 8 anos que, ao fazer uma pergunta sobre *Hellboy 2* para o diretor Guillermo Del Toro, ouviu uma resposta natural e simpática recheada de "fucks". Ou o fã vestido de Aranha Escarlate, o clone do Homem-Aranha, pedindo um longa para Sam Raimi. Mas a Comic-Con é assim, com surpresas talhadas para deixar os fãs ávidos. E você fica por dentro nas páginas a seguir.

Roberto Sadovski

"GARANTO QUE *THE REAPING* SERÁ ASSUSTADOR, E NÃO COMO OUTROS FILMES DE TERROR SEM SUSTOS COMO *ÁGUA NEGRA*."

O diretor **Stephen Hopkins** *barbariza a concorrência*

DIVULGAÇÃO

ARQUIVO PESSOAL

Trio maravilha: Haden Church, Raimi e Grace

Separados: no meio de Maguire e Kirsten

VENOM EXISTE!

Diretor, produtor e ator explicam o vilão

"Venom é para caretas!" E foi assim que Sam Raimi se despediu de mim em 2004, quando conversávamos acerca de *Homem-Aranha 2*. Na verdade, metade do papo fora sobre como os vilões clássicos do herói eram bacanas, e engodos visuais como Venom eram, bem, *engodos*. Agora Raimi está sentado em minha frente, explicando como o personagem foi parar em *Homem-Aranha 3*, que estréia em maio do ano que vem. "A culpa é de Avi (*Arad, produtor do filme*)", aponta o diretor. "Quando começamos a preparar o terceiro filme, ele me chamou e disse que eu já tinha brincado com os vilões clássicos, que havia colocado o Homem-Areia no novo longa, e que os fãs mais novos mereciam algum mimo. Mas ele disse que Venom só teria de estar no roteiro se eu achasse alguma coisa que me atraísse, algum elemento humano que nunca encontrei nos gibis. Este "elemento" foi encontrado em Topher Grace, que interpreta o fotógrafo e rival (em todos os sentidos) de Peter Parker, Eddie Brock – curiosamente, o único fanático por gibis no elenco, novo e velho. "Eu me amarrava quando o Aranha era desenhado por Todd McFarlane", dispara o ator, referindo-se ao desenhista que ajudou a criar Venom. Mas que os fãs dele não esperem uma origem similar à dos gibis. "Esta é minha visão de Venom, de alguém que teve exatamente as mesmas oportunidades e sofreu idênticas perdas de Peter, só que sem um compasso moral", finaliza Raimi. "Só espero que ela seja aprovada." A julgar pela reação para lá de eufórica dos 6 mil fãs que testemunharam a exibição do novo trailer de *Homem-Aranha 3* – ainda com efeitos inacabados –, Raimi pode dormir sossegado.

HOLLYWOOD BOULEVARD

Por Dulce Damasceno de Brito

TOTALMENTE FATAL

Assim como fez em vários filmes de sucesso, Joan Bennett levou um homem à violência na vida real

Dizem que a vida imita a arte. No caso de Joan Bennett, a frase é justa. O destino levou a belíssima atriz a provocar, na vida real, um ato violento gerado pelo ciúme – exatamente como aconteceu em muitos dos filmes que protagonizou com sucesso. Essa norte-americana nascida em 27 de fevereiro de 1910, na cidade de Palisades, New Jersey, seguiu a carreira de seus pais, famosos no teatro. Uma de suas irmãs, Constance, também fez o mesmo, tendo se destacado em longas como *Madame X*, ao lado de outra dama da fatalidade, Lana Turner. Foi junto do pai, Richard, que Joan estreou na tela aos 6 anos de idade. Mas apenas em 1928, divorciada do primeiro marido e com uma pequena filha, é que ingressou para valer no cinema. Por volta de 1933, era uma estrela da Fox. Sua carreira tomou rumo decisivo graças ao produtor Walter Wanger, que a transformou de cândida loira em uma morena fatal. Nesta condição, fez inúmeros filmes, alguns dirigidos pelo mestre Fritz Lang, como *Um Retrato de Mulher, O Segredo da Porta Fechada* e *Almas Perversas*. Este último, de 1945, vi há pouco em DVD. Sua personagem devassa leva o pacato e apaixonado Edward G. Robinson a cometer um crime. O mesmo ocorreu em sua vida amorosa.

Walter Wanger já era marido de Joan desde janeiro de 1940. Em dezembro de 1951, ele flagrou a esposa saindo de um prédio residencial abraçada ao agente Jennings Lang, um boa-pinta famoso por suas conquistas. Não deu outra: Wanger atirou em Jennings, acertando na região da genitália do moço que ficou prejudicado em sua vida sexual. Embora negassem ser amantes, as evidências falaram mais alto. O produtor cumpriu pena por tentativa de homicídio. Mas ele sempre considerou a condenação injusta, alegando que tinha defendido a sua honra. Quando saiu da prisão, fez o drama *Quero Viver*, que valeu o Oscar de melhor atriz de 1958 para Susan Hayward.

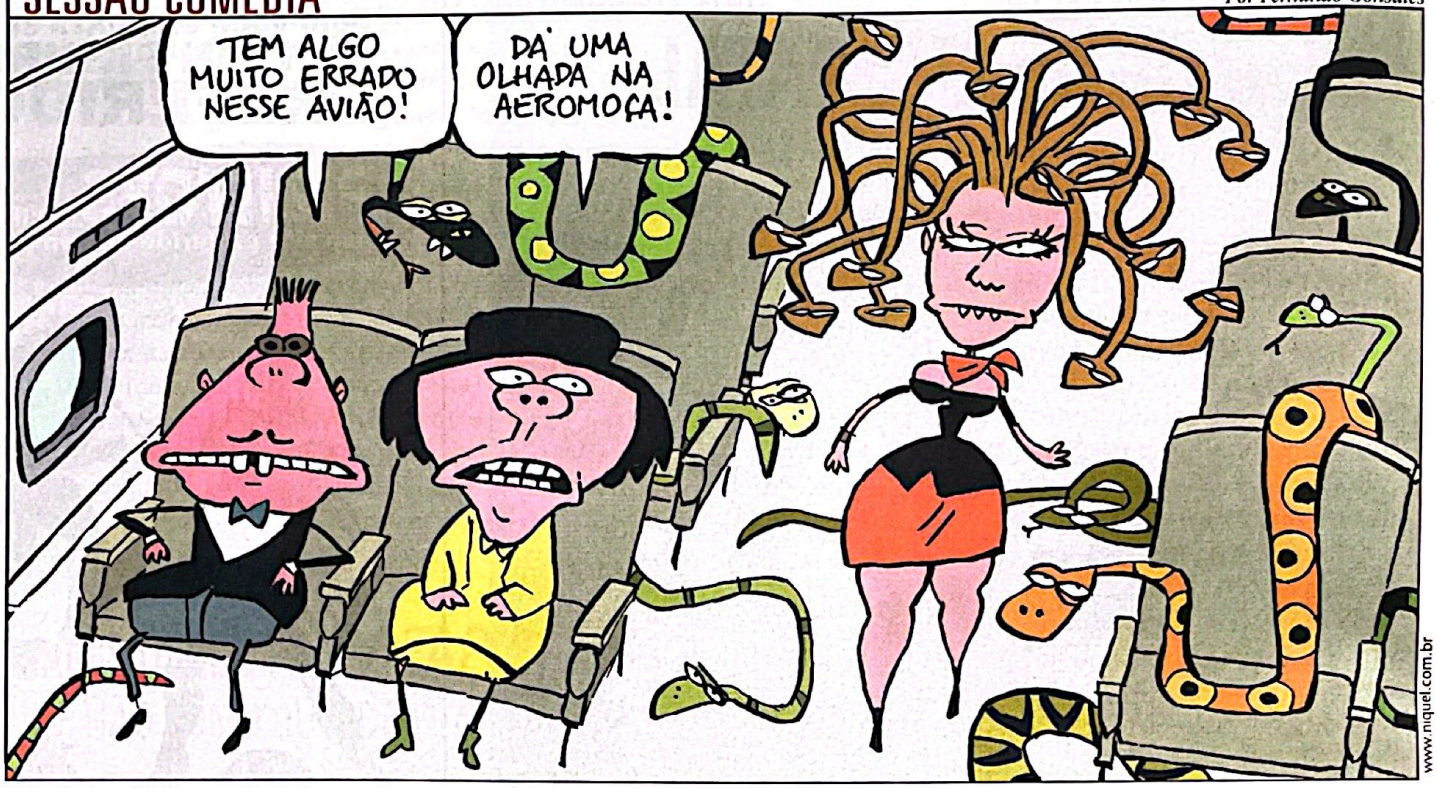
ARQUIVO PESSOAL

Dulce diverte-se com a femme fatale, Joan Bennett

Quanto a Joan, sua carreira entrou em declínio. Eu a conheci nos estúdios da Paramount em 1954, fazendo um papel secundário em *Veneno de Cobra*. Aos 44 anos, não era mais aquela mulher sedutora. Tinha recebido ordens de não tocar no assunto do adultério. E assim fiz. Ela foi cordial, falou de seu prazer em trabalhar ao lado de Humphrey Bogart e Peter Ustinov, do diretor Michael Curtiz. Na ocasião, quis lhe perguntar por que ainda estava oficialmente casada com Wanger. Não tive coragem. O divórcio só aconteceu em 1965. Ela ainda atuou em muitos filmes para a TV, onde apareceu pela última vez em 1986, em um documentário sobre Spencer Tracy. Em 1990, aos 80 anos, a atriz morreu em Nova York.

SESSÃO COMÉDIA

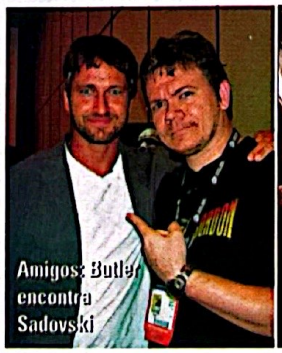
Por Fernando Gonsales



HERÓIS GREGOS E IANQUES

Diretor de *300 de Esparta* e *Watchmen* instiga os fanáticos

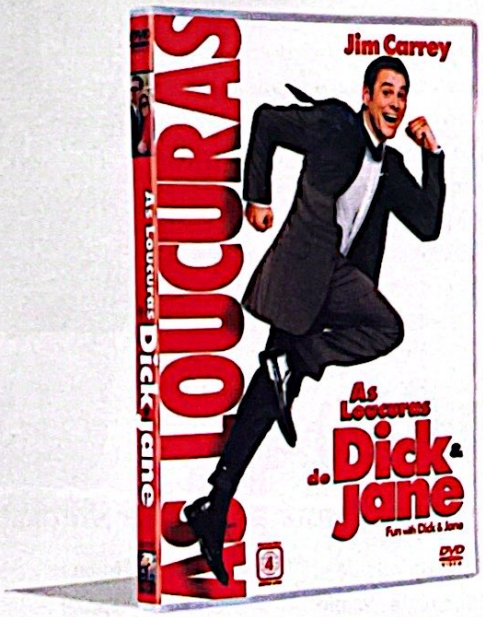
Frank Miller, o gênio por trás de *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, não está nada bem hoje. "Ainda estou muito gripado", confessa o roteirista-transformado-em-diretor com *Sin City*. "Mas sei que se não aparecesse por aqui, amanhã a Internet estaria cheia de boatos de que eu não dei meu apoio a *300*." Miller refere-se a *300 de Esparta*, adaptação de sua série histórico-documental que mostra a resistência de soldados espartanos ao poderio de milhares do exército persa. "Quando fiz *300*, queria ter um registro mais preciso da história além do longa de 1962", continua. "É engraçado que agora minha série tenha virado também um filme." O diretor de *300*, Zach Snyder, compartilha o entusiasmo. "Não é só a trama que é um arraso, mas ainda o modo como Frank a contou", ressalta o cineasta, que usou uma técnica parecida com a de *Sin City*, com cenários digitais e atores trabalhando em um fundo verde. "Sempre que pintava alguma dúvida, olhávamos para o livro de Frank – nossos storyboards serviam para preencher as lacunas em movimento entre os quadrinhos." Comandando o exército persa, por sinal, está Rodrigo Santoro, que ganhou o papel do rei Xerxes depois de mandar um vídeo em que surgia caracterizado. "Ainda bem que meu traje não era tão complicado", manda Gerard Butler (*O Fantasma da Ópera*), que surge como seu antagonista, o rei espartano Leônidas. "Complicada foi a experiência de rodar em estúdio no fundo verde." *300 de Esparta* estréia nos EUA em março, mas Zach Snyder já prevê seu retorno a Comic-Con em 2007 para falar de outra adaptação que vai dirigir: *Watchmen*, considerada a mais perfeita série de super-heróis da história. "Ainda não 'quebramos' o roteiro, já que quero encontrar o tom certo para contar a trama e deixar o mínimo de fora", conclui. "Pena que seu criador, Alan Moore, não apóie o cinema como Frank. Só espero que, um dia, se ele vir o filme na TV, não ache que eu estraguei sua história."

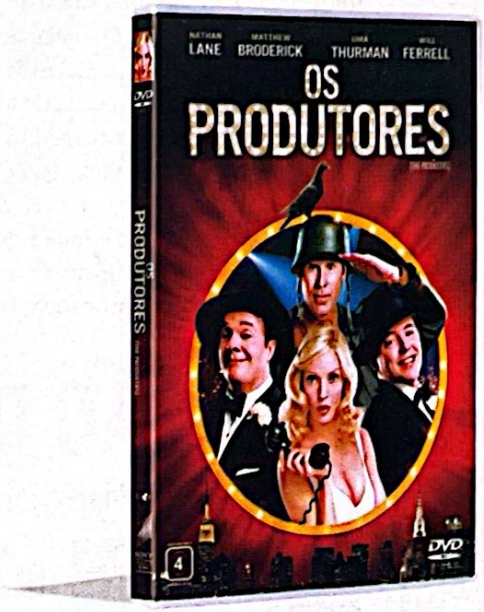

Amigos: Butler encontra Sadovski

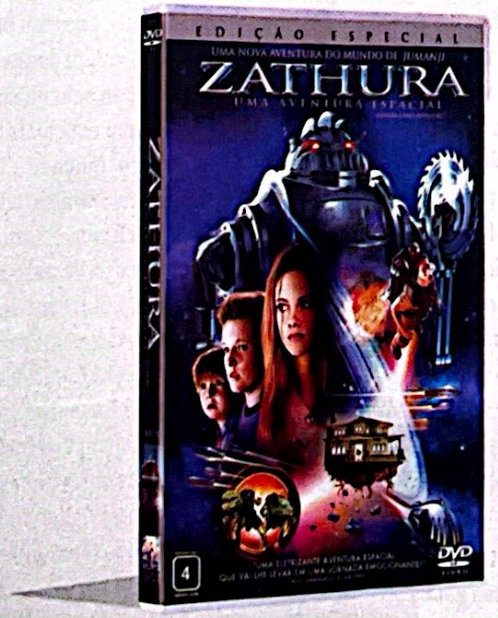
300 de Esparta: realismo fantástico

FOTOS: DIVULGAÇÃO

PREPARE SEU ESTOQUE DE PIPOCA.







COMPRE JÁ.

www.sonypictures.com.br

SONY PICTURES HOME ENTERTAINMENT

As Loucuras de Dick & Jane © 2005 Columbia Pictures Industries, Inc. Todos os Direitos Reservados. Os Produtores © 2005 Brooksworks LLC. Todos os Direitos Reservados.
Zathura – Uma Aventura Espacial © 2005 Columbia Pictures Industries, Inc. Todos os Direitos Reservados.

cartaz em cartaz

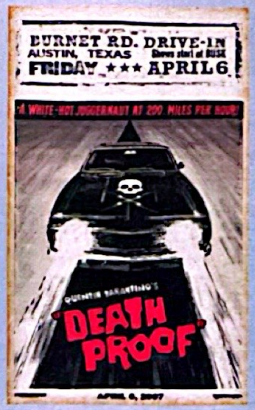
PLANET TERROR

O QUE ACHAMOS: A heroína com uma arma no lugar da perna já mostra o espírito do filme.

PLANET TERROR

O QUE ACHAMOS: Um pouco mais "normal" que o anterior, mas ainda continua chamativo.

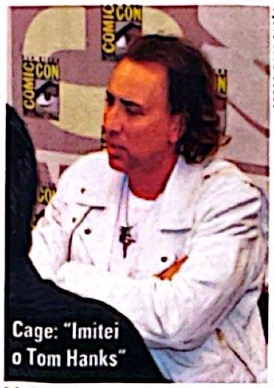
DEATH PROOF



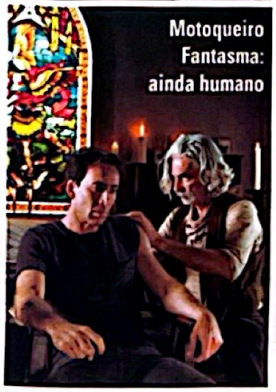
O QUE ACHAMOS: Perfeito. O carro assassino de Tarantino pede para ser estampa de camiseta.

CABEÇA QUENTE

Nic Cage diz que *Motoqueiro Fantasma* será complexo



FOTOS: DIVULGAÇÃO



É inevitável: a primeira coisa que se nota em Nicolas Cage quando ele começa a entrevista é seu corte de cabelo bizarro – como se ele tivesse chegado em uma motocicleta, e sem capacete. O que é, na verdade, adequado, já que Cage está na convenção – ao lado do direto Mark Steven Johnson e da atriz Eva Mendes – para falar sobre *Motoqueiro Fantasma*, adaptação do personagem da Marvel que finalmente dá a chance de o astro encarnar um herói dos gibis. Ou melhor, um anti-herói. "Ele não é o sujeito bonzinho que resolve a situação", conta Cage. "É um personagem complexo que precisa usar um dom vindo do Inferno para fazer o bem e, quem sabe, encontrar a redenção." O roteiro adapta as várias encarnações do personagem nas HQs, que sempre foi mais ancorado em seu visual – o crânio flamejante e uma moto criada do fogo – que em tramas memoráveis. "Ele é Johnny Blaze, mas traz elementos de todas as interpretações que já teve", continua Johnson. "Sem falar que é mesmo uma das melhores criações visuais da Marvel. Espere para ver o rosto de Nicolas incendiando-se de dentro para fora, a carne derretendo e toda a dor que ele sente a cada transformação." Cage, que quase foi o Superman, acrescenta, com um sorriso irônico: "Ele sempre foi meu personagem favorito". A gente finge que acredita.

INVASÃO DAS FADAS

Ao contrário de Alan Moore, Neil Gaiman está ao lado de *Stardust*

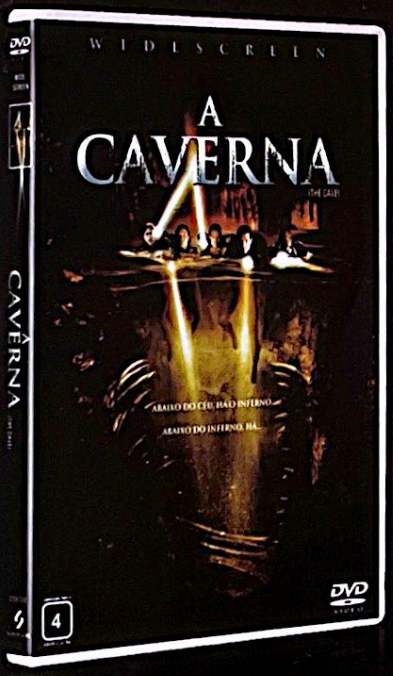
Sienna Miller encanta em *Stardust*

Transformers: novas imagens surgem

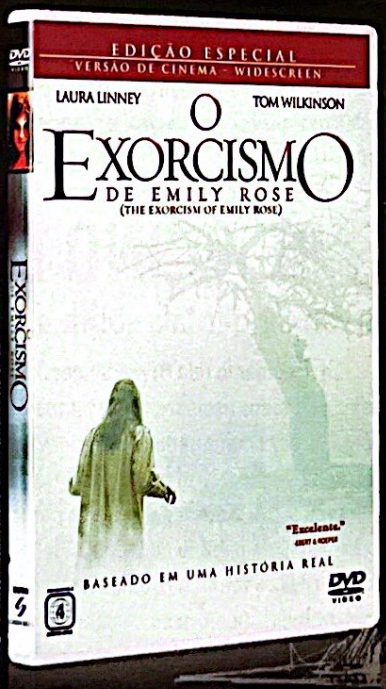
A lembrança mais forte do escritor Neil Gaiman de quando esteve no Brasil, em 2001, foi a da multidão enfileirada em uma livraria de São Paulo para conseguir um autógrafo do criador da série *Sandman*, da Vertigo – no dia seguinte, sua voz era um fiapo. "Foram dias esquisitos", conta Gaiman, que visitou a Comic-Con com o ilustrador Charles Vess para falar de *Stardust*, seu conto de fadas que chega ao cinema dirigido por Matthew Vaughn (*Nem Tudo É o Que Parece*) e com Robert De Niro e Michelle Pfeiffer no elenco. "Não tive o menor problema em participar do filme, só que a distância", lembra o escritor, que preferiu não roteirizar o filme, tarefa que ficou nas mãos de Jane Goldman. "Existem muitas diferenças. Adaptações são necessárias quando se muda a mídia. Mas todas ficaram sensacionais, no espírito da história." Gaiman ainda espera, por sinal, estrear como diretor em *Morte: o Grande Momento da Vida*. "O filme estava na Warner ao mesmo tempo em que desenvolviam *Sandman* – que graças a Deus não foi feito com aqueles roteiros. Depois *Morte* foi para o limbo, passeou por outros estúdios e voltou para a Warner, agora em seu selo independente. Acredito que está mais perto do que longe de ser lançado", torce. O produtor de *Stardust*, o veterano Lorenzo di Bonaventura, diz que esse é só o começo de uma nova era de filmes baseados em gibis: "Agora os portões foram escancarados e não tem mais volta". Curiosamente, outro filme de Di Bonaventura aguardado pelo público da Comic-Con estava estranhamente ausente da festa: *Transformers*. "Nem eu vi os robôs ainda, já que eles serão feitos em computador e não chegamos a essa fase do trabalho", desconversa. "E seria frustrante montar qualquer apresentação sem ter o que mostrar." Nada como uma bela desculpa.

SANGUE, SUOR E ÁGUA BENTA.

MATOSGREY



A Caverna - Equipe de mergulhadores é enviada para investigar uma caverna subterrânea e acaba deparando com uma especie totalmente desconhecida e aterrorizante.



O Exorcismo de Emily Rose - Com Laura Linney e Tom Wilkinson. Exorcismo tem final trágico e agora o padre que o praticou é obrigado a se defender e explicar seus atos na justiça.

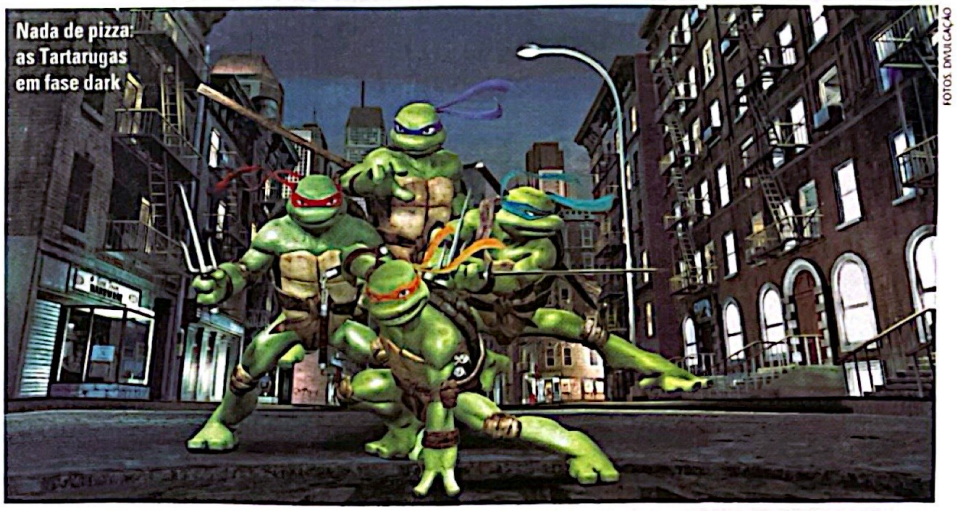
COMPRE JÁ.

SONY PICTURES HOME ENTERTAINMENT

www.sonypictures.com.br

© TM 2005 CineNic Internationale Filmproduktionsgesellschaft mbH & Co. I. Beteiligungs-KG.
Todos os Direitos Reservados.
© 2005 Screen Gems, Inc. Todos os Direitos Reservados.

DANIEL AUTEUIL
JULIETTE BINOCHE
CACHÉ
um filme de
MICHAEL HANEKE
FESTIVAL DE CANNES 2005
PRÊMIO DE MELHOR DIRETOR
PRÊMIO FIPRESCI
PRÊMIO DO JÚRI ECUMÊNICO
CALIFORNIA FILMES
www.californiafilmes.com.br
PROCURE NAS LOCADORAS


Nada de pizza: as Tartarugas em fase dark

FOTOS: DIVULGAÇÃO

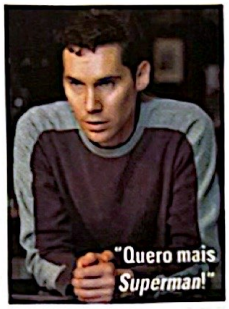
FINAL SEM PIZZA

As Tartarugas Ninja ganham versão dark e violenta

Ao final da apresentação da Warner, a surpresa ficou por conta da "première" mundial do trailer de *As Tartarugas Ninja*, longa em animação digital que chega aos cinemas no ano que vem. A reação da platéia que acompanhava o painel foi inacreditável, uma mistura de risos, lágrimas e euforia. Não é de todo estranho: quem tem mais de 30 anos lembra, nem sempre com afeto das cascudas. No começo dos anos 90, elas eram imbatíveis – fosse no cinema, desenhos, brinquedos e jogos de videogame com o quarteto Rafael, Michelangelo, Leonardo e Donatelo. "Não é a intenção seguir o desenho ou mesmo os filmes", revela Kevin Munroe, que assumiu a direção do projeto após ter passado por mãos inusitadas como as de John Woo. "Estou voltando aos quadrinhos originais no filme, sem o Destruidor, e com a sugestão da existência do clã ninja Tetráculo." Peter Laird, co-criador das Tartarugas, está a bordo como produtor executivo – seu parceiro, Kevin Eastman, provavelmente quer manter distância. Depois do trailer, Munroe reservou mais um mimo para a platéia que acompanhava a apresentação:15 minutos ainda inacabados da obra, que passaram uma atmosfera mais sombria, longe das bobagens do quarteto na TV. O diretor anunciou que as vozes dos irmãos lutadores seriam de desconhecidos – mas o Mestre Splinter, a ratazana-sensei, ganharia a voz do veteraníssimo ator Mako. Dois dias depois, infelizmente, o ator morreu.

O RETORNO DE ZOD?

Bryan Singer fala sobre a seqüência de *Superman*


"Quero mais Superman!"

Era o momento que Bryan Singer esperava com receio: a reação dos fãs depois de todos assistirem a *Superman – O Retorno*, que, embora esteja longe de ser configurado como fracasso, não atingiu o número inflacionado que seus produtores almejavam. "Não posso trabalhar pensando em números", fala o diretor, depois de participar de uma sessão de perguntas e respostas do público ao lado de Richard Donner, diretor de *Superman – O Filme*. "Fiz o longa que queria fazer, estou feliz com o resultado e já me preparando para a continuação." Como assim, continuação? "Nada está assinado, mas acredito que ela saia em 2009", diz. "Eu já tirei a história que precisava ser contada, de seu retorno à Terra e todas as implicações, da frente. Agora vai ser como *A Ira de Khan*." Quando pergunto se podemos esperar vilões que possam ser páreo físico para o Homem-de-Aço, Singer desconversa: "Talvez. Quem sabe ele não seja o último sobrevivente de Krypton afinal de contas?". Ajoelhem-se diante de Zod!

11 DE SETEMBRO DE 2001.

4 TERRORISTAS QUISERAM TRANSFORMAR O VÔO 93 NUMA ARMA.
40 PASSAGEIROS E TRIPULAÇÃO IMPEDIRAM QUE ATINGISSEM O ALVO.

"...Vôo 93 é emocionante
desde a primeira cena..."
NEW YORK TIMES

"Um verdadeiro filme de suspense...
com atuações realistas...
- DAILY VARIETY

"...Comovente! Vôo 93 promove
o encontro entre a dor e o silêncio.
O silêncio que leva à paz..."
-USA TODAY

BASEADO EM FATOS REAIS

VÔO 93

FLIGHT 93

O FILME

PEÇA NA SUA LOCADORA

OCEAN
PICTURES DO BRASIL

Cinco anos depois dos atentados de 11 de Setembro, *As Torres Gêmeas* e *Vôo 93* revivem o horror e levantam a questão em Hollywood: "Não é cedo?"

Por Ricardo Matsumoto, de Nova York

O dia em que a t

11/09/2001
8h45

erra parou

Na manhã do dia 11 de setembro de 2001, a Terra parou. Em estado de choque, o mundo acompanhou por meio dos canais de TV o que na época parecia inimaginável: ataques terroristas de larga escala em pleno território americano. Em poucas horas, os Estados Unidos foram alvo de uma série de atentados que desencadeou o pânico global. As duas torres do imponente World Trade Center, que antes marcavam o horizonte nova-iorquino, foram atingidas por aviões seqüestrados e despencaram, levando muito mais que as pessoas que se encontravam no interior. O caos também vitimou centenas de bombeiros e policiais, que ajudavam no resgate dos sobreviventes. Por fim, levantou uma nuvem de medo e desconfiança que dura até hoje.

De lá para cá, a América foi superando o trauma e o mesmo aconteceu no cinema. No início, todas as referências ao ocorrido eram retiradas e o assunto era proibido. As torres chegaram a ser apagadas digitalmente de comédias como *Escrito nas Estrelas* (com John Cusack e Kate Beckinsale) e *Zoolander*. Em *Homem-Aranha*, uma seqüência que envolvia os dois prédios teve de ser cortada. Apenas documentários pareciam autorizados a falar do acontecido. Quando se noticiou que dois filmes sobre o 11 de Setembro estavam sendo produzidos em Hollywood, os protestos começaram. Muitos diziam ser muito cedo para mexer na ferida. Outros acusavam os estúdios e os cineastas de tentar ganhar dinheiro em cima da tragédia. Bobagem. *As Torres Gêmeas* e *Vôo 93* se completam e estão longe de ser meros caça-níqueis.

Enquanto Oliver Stone deixou a polêmica de lado e decidiu abordar o lado humano ao contar a vida de dois policiais que lutam pela sobrevivência debaixo dos escombros do WTC, Paul Greengrass resolveu mergulhar no sufocante drama do vôo da United que rumava para uma missão suicida. Em comum, ambos mostram histórias humanas, de sofrimento e tensão. Colocados lado a lado, os dois filmes podem ser vistos como um tributo a todos os que morreram naquele dia. E, acima de tudo, belos pedaços de cinema.

Eles vivem!

Oliver Stone faz apologia à união ao resgatar Nicolas Cage em *AS TORRES GÊMEAS*

Quando o World Trade Center desabou, parecia ser o final trágico do pior dos pesadelos. Para muitos, entretanto, o horror estava apenas começando. No momento em que a construção entrou em colapso, centenas de voluntários – entre bombeiros e policiais – continuavam dentro dos prédios guiando as pessoas para fora. A maioria não conseguiu se salvar. *As Torres Gêmeas* conta a história de dois sobreviventes, John McLoughlin e William Jimeno. Policiais que trabalhavam na estação de ônibus de Port Authority (em Manhattan, Nova York), eles estavam entre os últimos homens retirados dos escombros com vida. McLoughlin, Jimeno e suas respectivas esposas foram responsáveis pela história que Oliver Stone decidiu levar para as telas.

Para viver McLoughlin, Stone escolheu o astro Nicolas Cage. Vindo de dois relativos fracassos – *O Senhor das Armas* e *O Sol de Cada Manhã* –, o ator viu com simpatia o papel e achou que seria uma chance de ser uma pessoa melhor. "Quando o roteiro veio parar na minha mão foi literalmente uma resposta às minhas preces", exagera o ator, em coletiva de imprensa realizada em Nova York. "Eu estava entrando em uma fase da vida em que procurava um projeto que ajudasse as pessoas. E daí recebi uma ligação de Oliver Stone falando sobre *As Torres Gêmeas*. Após ler, fiquei muito feliz porque não tinha um lado político nem conspiratório. Era apenas uma história verdadeira. E achei que esse filme podia auxiliar as pessoas". Apesar disso, uma trama verídica poderia

ter atrapalhado, pois os protagonistas são capazes de dizer onde começa a mentira e termina a verdade. "Para mim, o mais importante era tratar o personagem com respeito. Porque estou lidando com uma pessoa viva. O que me impressionou mais quando conheci John foi sua devoção pela família e é um tema que desenvolvemos durante o filme", revela.

Stone compartilha da mesma opinião. Seu objetivo sempre foi render uma homenagem a esses homens. "Eu tinha a sensação de que algo foi roubado, e queria isso de volta", diz o diretor, em entrevista exclusiva, numa frase que pode ter um efeito clichê, mas resume toda a fase de superação que o cinema americano passou nesse meio tempo. Ele estaria falando das torres, das vidas perdidas ou mesmo da confiança em seu país?

Nic Cage espera pelo Superman

FOTOS UIP

Perigo: Peña entra no WTC

Seja qual for a resposta, a grande polêmica foi criada em cima do momento de lançar um filme como este. Seria cedo demais? "Houve muita discussão sobre isso. Eu realmente não entendo o porquê de tanta polêmica", desconversa Nicolas Cage. "Agora parecia ser o momento certo. Acho que hoje em dia tudo acontece muito rápido. Os jovens viram as imagens dos atentados na TV e ficaram impressionados. Eles querem respostas. Meu filho veio com diversas perguntas. E me lembro de que, quando eu era criança e vi *Papillon* e *Síndrome da China* nos cinemas, meu pai me ajudou a compreender o que estava ocorrendo no mundo. Acho que é sempre reconfortante ter acesso a histórias verdadeiras de pessoas superando grandes obstáculos."

O astro não esconde também sua admiração pelo cineasta, com quem trabalhou pela primeira vez. "Oliver Stone é ótimo. Eu vi todos os filmes. Eles fazem pensar e criam discussões. O que gosto em Oliver é que ele pega assuntos que são interessantes. Fiquei muito feliz em trabalhar com ele", recorda Cage. O engraçado é que há cerca de dez anos, na época do lançamento de *Despedida em Las Vegas*, o ator encontrou Stone no Festival de Cinema de Chicago. E aproveitou para falar por que razão eles nunca trabalharam juntos. "Ele me perguntou se cortaria meu salário e eu disse: 'É claro que sim, nós temos de trabalhar juntos'. Não sei se ele se lembra disso", completa com bom humor.

Alerta: famílias esperam notícias

NARRATIVA SIMPLES

Quem está acostumado com os trabalhos anteriores de Stone, pode estranhar a narrativa simples do filme. Ele quis ser fiel aos relatos de McLoughlin e Jimeno e concentra todo o foco da trama nos dois policiais e em suas respectivas famílias. Por isso, não espere ver as cenas dos aviões se chocando com os prédios, que foram repetidas até a exaustão na época, ou análises sobre a razão do ataque. Você enxerga os edifícios em chamas ao longe, mas todo o ponto de vista vem das pessoas envolvidas.

O 11 de Setembro começa igual a um dia como qualquer outro com pessoas saindo de suas casas e rumando ao trabalho. Tudo parecia na mais perfeita ordem até a sombra de um avião assustar Jimeno. Ouve-se uma explosão. Minutos depois, as primeiras informações surgem na CNN. McLoughlin reúne a equipe e parte em direção ao local. Até chegar e ver o World Trade Center em chamas, ninguém tem a menor idéia do que está acontecendo. E mesmo depois é difícil compreender todo o cenário. Esse sentimento de confusão e apreensão nos olhos dos policiais cria o envolvimento com o público.

Na hora de conseguir voluntários para entrar no World Trade Center, poucos tomam a iniciativa. Jimeno foi um deles. O medo era compreensível, já que o cenário lembrava o de uma guerra. Filas com feridos caminham para as portas quando se ouve um estrondo. Em questão de segundos, tudo vem abaixo. "O que nós passamos foi cem vezes pior do que você vê na tela. Eu queria poder descrever. Foi como estar no Inferno. Era o pior lugar do mundo. Um pesadelo tão grande multiplicado. Eu cheguei a rir falando: 'Isso não pode >>

FOTOS: UI

Realismo: os escombros em estúdio

estar acontecendo comigo'", conta o verdadeiro Will Jimeno, que conversou com SET ao lado de seu alter ego no longa, ator Michael Peña. O próprio Jimeno faz uma ponta no filme, como um dos policiais de Port Authority que estão dentro de um ônibus. "Vestir o uniforme novamente foi uma sensação indescritível", confessa. Não só eles, mas vários membros da polícia trabalharam como figurantes. Um prêmio para quem passou meses em recuperação no hospital e ainda sofre as conseqüências da tragédia.

IMERSÃO NO PAPEL

Michael Peña, não teve nenhum drama para chamar a atenção de Stone, mas seu nome surgiu depois da participação no ganhador do Oscar deste ano, *Crash – No Limite*. "Oliver Stone me presenteou com esse papel", conta. Peña estava disposto a mergulhar fundo em seu personagem e recebeu uma grande ajuda de Jimeno. Decidiu, então, ir além da pesquisa normal. Não só bateu longos papos com o policial, como foi morar com ele durante uma semana. Nesse período, Peña virou quase um membro da família.

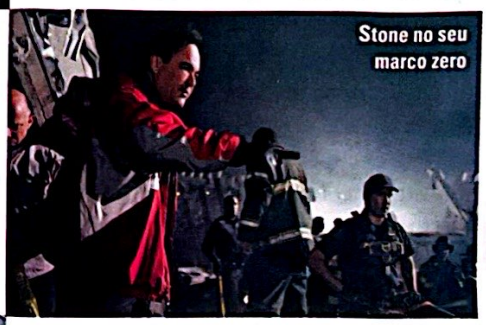
A dedicação não pára por aí. Tanto Peña quanto Cage passam a maior parte do filme presos, cobertos de terra e sujeira. São momentos desesperadores, onde os dois travam diálogos para se manterem acordados até o resgate surgir. "Gosto de me expressar com todo o corpo, e foi um desafio ficar o tempo inteiro naquela posição", explica Cage. Para se preparar psicologicamente, o astro também fugiu do padrão e passou horas isolado em um pequeno tanque.

Caos: o resgate dos últimos sobreviventes

DUAS VISÕES

A partir da queda das torres, o filme é visto em dois ângulos diferentes. O primeiro mostra McLoughlin e Jimeno soterrados e imobilizados, tentando sobreviver e aguardando o resgate que parecia impossível. O segundo é centrado nas famílias. Maria Bello (*Marcas de Violência*, de David Cronenberg) interpreta Donna McLoughlin. Sem notícias do marido, ela precisa lidar com o filho (Connor Paolo), que não se conforma com a situação e tenta descobrir o que aconteceu. A mulher de Jimeno, Allison, é vivida por Maggie Gyllenhaal (irmã de Jake e vista em longas como *Confissões de Uma Mente Perigosa*). Grávida, ela perde o rumo ao descobrir que o companheiro estava dentro do WTC quando as torres desabaram. Stone ainda cria um lado metafísico que pode desagradar a parte do público. Principalmente, em uma seqüência específica, quando Jimeno tem uma visão santa.

No entanto, o personagem que causou a maior polêmica foi David Karnes (Michael Shannon), o homem que primeiro localizou os dois policiais com vida. Muita gente achou que era pura invenção. No filme, esse ex-militar que virou contador e é cristão devoto decide ir para Nova York em uma missão divina. Por mais incrível que pareça, isso realmente aconteceu. Karnes pegou seu antigo uniforme, cortou o cabelo e rumou em direção dos escombros. Fingiu estar na ativa para atravessar o cordão de isolamento e começou a busca de sobreviventes. Depois disso, ele voltou à ativa e foi servir no Iraque.



Stone no seu marco zero

É bem provável que os brasileiros não façam idéia da real dimensão do que foi o desastre do 11 de Setembro e como isso afetou o mundo. Milhares de pessoas morreram, é claro, mas um número muito maior perdeu a vida no tsunami que atingiu o sudeste asiático em 2004. Contudo, se você conhecia Nova York antes do ataque, percebe que a cidade foi mutilada e a paranóia tomou conta de quem viaja ou anda pelos Estados Unidos, parte por causa de um governo que usou a segurança nacional e a cultura do medo para restringir liberdades individuais ou agendar invasões a outros países. De certo modo, ao lembrar de como tudo era antes, Oliver Stone criou um filme marcante.•

PARCEIRO DE OURO

Com 30 anos, esse americano nascido em Chicago conseguiu seu primeiro papel de destaque em *Crash – No Limite*, em que interpreta o chaveiro mexicano que cuida da filha pequena. Geralmente escolhido para personagens étnicos, ele fez inúmeras incursões em séries de TV como *Felicity, E.R. e C.S.I.* e algumas aparições menores no cinema em *Guerreiros Buffalo* e *Menina de Ouro*. Em *As Torres Gêmeas*, estréia como protagonista ao lado de Nicolas Cage

Embora em um pequeno papel, você teve uma participação de destaque em *Crash – No Limite* e agora tem seu primeiro papel principal ao lado de Nicolas Cage. Como foi esse salto?

Para ser honesto com você, acho que sou um cara de sorte. *Crash* foi minha primeira grande chance depois de dez anos de carreira. Eu tinha cinco cenas em que trabalhei duro para que ficassem boas. Em *As Torres Gêmeas*, havia algo em torno de quarenta cenas. Não sei direito o número exato, mas eram muitas. Comecei a pensar: "Meu Deus, o que vou fazer?". E ainda com um diretor tão badalado como Oliver Stone e um ator como Nicolas Cage. Vi *Coração Selvagem, Arizona Nunca Mais, Feitiço da Lua, Adaptação, Despedida em Las Vegas*. Em todos eles, sua interpretação era fantástica. No começo foi legal, fiz minha pesquisas e tal. Mas na primeira semana de filmagens, fiquei muito nervoso (*risos*). Parecia meu primeiro dia no primeiro emprego.

E foi fácil trabalhar com eles?

Foi bem mais fácil do que pensei, porque Nicolas Cage me ajudou bastante. Quando eu sugeria algo, ele dizia: "Essa é uma grande idéia, Michael". Ele é uma pessoa que não é egocêntrica, muito profissional e só está preocupado em fazer um bom filme. E Oliver é fantástico.

É verdade que vocês filmaram em lugares reais, como no vestiário da delegacia onde os verdadeiros John McLoughlin e Will Jimeno trabalhavam?

Foi algo intenso. Você tem um senso histórico e dá uma perspectiva diferente você saber que era lá que eles se reuniam toda manhã. Foi interessante também porque os policiais que acompanhavam as filmagens vieram falar o quanto tinham orgulho de John e Will.

Como foi sua pesquisa, eu soube que você praticamente se mudou para a casa de Jimeno, é verdade?

Sim, é verdade. Eu fiquei hospedado na casa dele mais ou menos por uma semana. E foi divertido. Ele é um cara fantástico e tem uma presença incrível. Ele abriu seu livro e deu todas as informações. O engraçado é que ele não é do jeito que imaginei. Quando li o script, algumas das passagens eram do tipo: "É muito bom para ser verdade".

Você passa praticamente o tempo todo deitado e filmado em close, foi difícil atuar assim?

Cara, você não faz idéia. Eu não podia dar uma volta para espairecer e me preparar psicologicamente. Tinha apenas de me concentrar e preparar. Pensava naquelas pessoas que foram soterradas, em suas famílias, na minha própria família e por aí vai. E isso me ajudou bastante. Por isso tenho uma grande paixão por esse filme. É uma história que ninguém conhece. Todos sabem o que aconteceu quando o World Trade Center desabou. Mas o longa mostra o que aconteceu depois disso.•

Em paz

Oliver Stone esquece

Nascido em 15 de setembro de 1946, o nova-iorquino Oliver Stone faz parte do seleto grupo de diretores cuja personalidade extrapola as telas. Ele é conhecido pelos filmes políticos, mas também é uma celebridade que não tem medo de falar o que pensa. Serviu na Guerra do Vietnã, onde ganhou uma medalha por bravura, foi preso algumas vezes por embriaguês e porte de drogas, e é amigo e admirador de Fidel Castro. Dá para perceber como ele gosta de uma boa polêmica. Stone foi premiado com nada menos que três estatuetas do Oscar, o primeiro pelo roteiro adaptado de *O Expresso da Meia-Noite*, depois pela direção de *Platoon* e *Nascido em Quatro de Julho*. Com *As Torres Gêmeas*, um filme sem intenções políticas, ele chegou bastante relaxado. Antes do início da entrevista, puxou conversa e falou de futebol e dos jogos da Copa do Mundo.

com o passado

Alexandre, lembra da importância de suas obras e não perdoa Ridley Scott

Na época em que aconteceu o ataque você pensava em fazer um filme sobre o 11 de Setembro?

Não, nunca pensei nisso. Eu me lembro de ter dito na época que seria interessante alguém fazer um bom filme sobre terroristas. O projeto de *As Torres Gêmeas* surgiu no final de 2003.

Você considera *As Torres Gêmeas* um filme patriótico?

O que significa patriótico para você? Olha, já lutei pelo meu país na guerra, mas nunca me enrolei na bandeira nem concordei com a atitude tomada pelo governo americano depois do 11 de Setembro. Eu nasci aqui e amo meu país. Mas não vejo o longa como sendo patriótico. Isso simplesmente aconteceu com a América. Era algo que podia ter acontecido em qualquer lugar do mundo. Para mim, o filme está muito além do momento político naquela época.

Eu fiquei surpreso quando você não usou a oportunidade para mostrar seu ponto de vista, já que você tem opiniões políticas bem definidas.

Não tenho certeza se concordo com você. Talvez isso aconteça entre um filme e outro, quando eu sou um cidadão como outro qualquer e posso me expressar.

Como você descreveria *As Torres Gêmeas*?

É um filme bastante detalhado e real, mas que oferece alguns aspectos metafísicos. Como a conexão que John e Will estabelecem entre si, um tentando dar força para o outro. Algo simples, mas verdadeiro. E eles, por sua vez, também estão conectados com a família, por meio das lembranças e visões. Tudo está ligado. Eles vão para o inferno até aparecer aquele sujeito extraordinário que muitos de vocês acreditam ser uma invenção. Mas o contador religioso que crê estar em uma missão divina é real. Ex-militar, ele veste o antigo uniforme, corta o cabelo, vai para Nova York, e passa pelos bloqueios até entrar ilegalmente nos escombros para procurar sobreviventes. Tudo isso à noite, o que é muito perigoso. De repente encontra outro militar fazendo a mesma coisa. É ele que descobre os dois ainda vivos. Isso prova como a vida é bizarra. Mas isso não significa que eu concorde com o que ele diz no final, que alguém precisa "pagar por isso". Mas representa o ponto de vista de muitos americanos.

O que você achou do filme *Vôo 93*? Muitas pessoas disseram ao diretor Paul Greengrass que acharam ainda ser muito cedo, mesmo depois de cinco anos, para falar sobre o 11 de Setembro, você concorda?

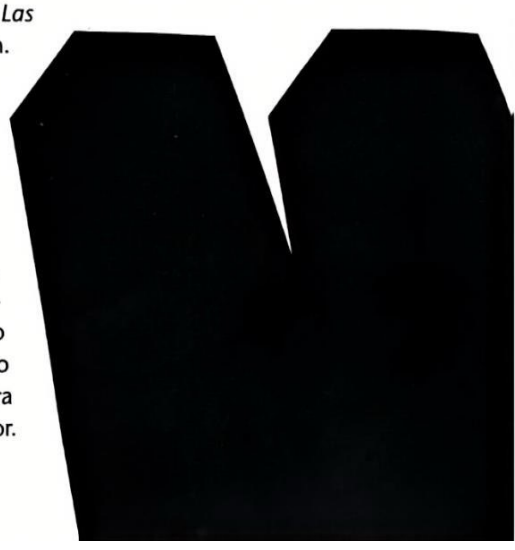
Ele ajudou a quebrar o gelo e também nos auxiliou bastante. Também acho seu filme brilhante, mas é um estilo diferente do meu. Ele foi corajoso, mas as pessoas resistiram um pouco porque não tem um final feliz. Mas pelo menos ele não transformou em um novo *Pearl Harbor*, no qual Jerry Bruckheimer tenta nos convencer (*o público*) que ganhamos aquela batalha (*risos*). Ele só mostrou os fatos e fez um trabalho maravilhoso. Mas ainda existe muita resistência.

Eu pergunto isso porque tal fato aconteceu há tão pouco tempo, que me faz lembrar de *Falcão Negro em Perigo*. Você acha que a resistência das pessoas em assistir a *As Torres Gêmeas* pode ter a ver porque foi algo que ocorreu tão perto, no próprio país?

É bem fácil para você distorcer o que acontece em *Falcão Negro em Perigo*. Quer dizer, você pode matar milhares de somalis e fazer a América acreditar que foi uma ação tecnicamente perfeita... E ainda com a aprovação do Pentágono. Isso é uma distorção da história, assim como aconteceu com *Pearl Harbor*. A propósito, por mais que eu admire Ridley Scott como diretor, acho que ambos os filmes contribuíram muito para o recente fenômeno da militarização. Eu fiz *Platoon*, *Nascido em Quatro de Julho* e *Entre o Céu e a Terra* – três filmes fortes sobre a Guerra do Vietnã que simplesmente foram esquecidos no final dos anos 90. Daí vieram produções como *Falcão Negro em Perigo* com todo aquele impacto visual. Assistir a esses helicópteros em ação deu às pessoas um senso inflado de poder e crença no poderio militar.

Mudando um pouco de assunto, Nicolas Cage disse que sempre quis trabalhar com você, mas acabou demorando vinte anos para isso se tornar uma realidade. Por que essa reunião demorou tanto tempo e por que você o escolheu para o papel principal?

Eu sempre o admirei como ator. Em *Adaptação*, por exemplo, não pude acreditar em sua atuação. Quero dizer, ele interpreta duas pessoas completamente diferentes na tela de uma maneira maravilhosa. Em *Despedida de Las Vegas* ele está muito bem. Tudo o que ele fez sempre foi interessante. Acho que nunca tive o material certo para trabalhar com ele até agora. Sabe, ele atua tão rápido, ele é louco (*risos*). Mas este era o projeto certo. Ele nunca tinha feito esse tipo de papel, e acho que isso é importante para mim. Gosto de mudar o ator.

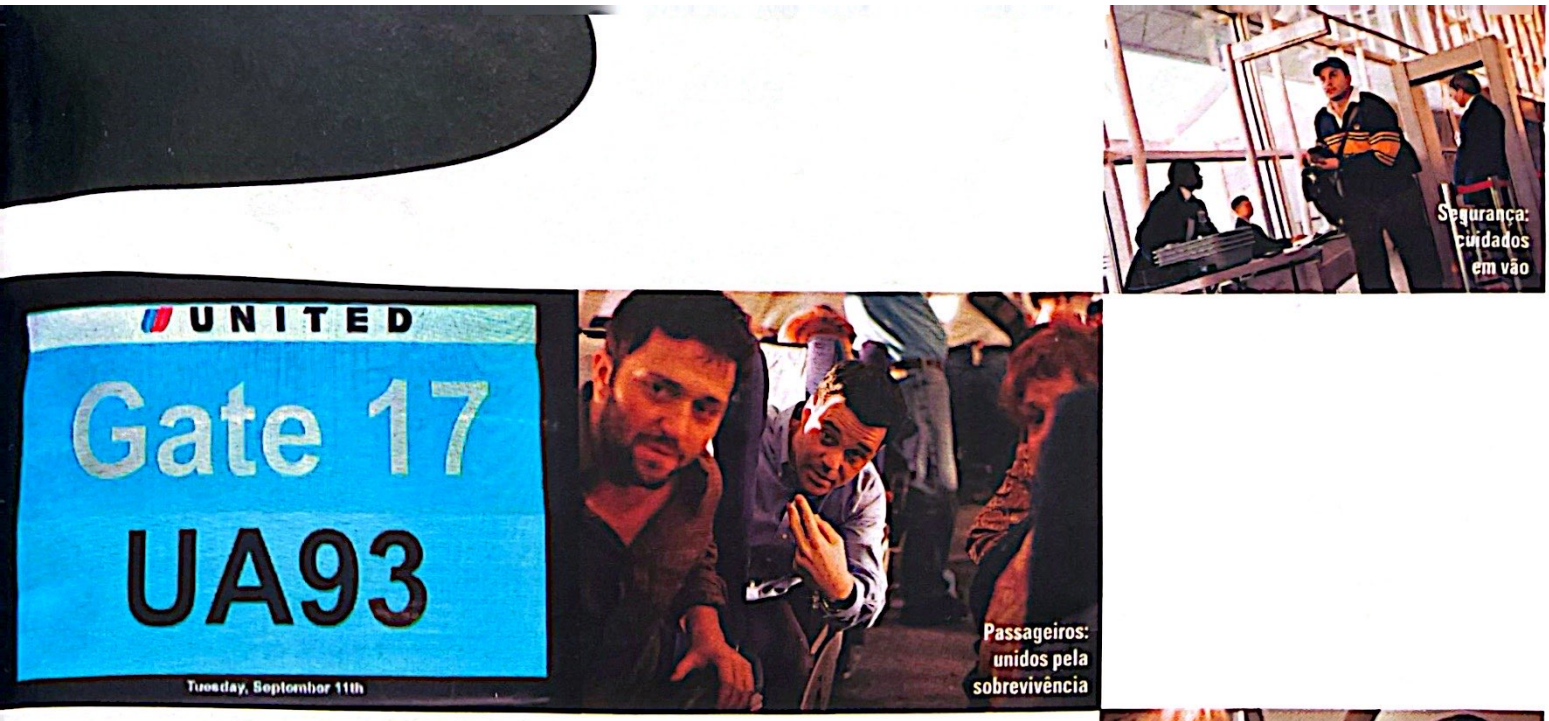


VÔO 93 leva o espectador para uma viagem sem volta nas mãos do diretor Paul Greengrass

Terror a bordo

É preciso ter nervos de aço. O clima de *Vôo 93* é tão envolvente que deixa o espectador em transe, acompanhando atentamente uma trama que todos sabem como termina, mas que nem por isso perde seu impacto. Ao contrário do cadenciado *As Torres Gêmeas*, as câmeras de mão usadas pelo diretor Paul Greengrass imprimem um ritmo quase sufocante ao primeiro grande longa hollywoodiano a falar sobre o 11 de Setembro. Lançado nos Estados Unidos no final de abril, esta produção de baixo orçamento (custou cerca de 15 milhões de dólares) recria a história do avião da United que foi seqüestrado e rumava para Washington com objetivos claros de atingir a Casa Branca. Por meio de contatos telefônicos de alguns passageiros com seus familiares, descobriu-se na época que eles planejavam um levante contra os terroristas. O final não foi nada feliz.

"Eu sempre acreditei que o mundo estava pronto para isso", ressalta Greengrass, algumas semanas depois da estréia nos EUA. "A reação da crítica em relação ao filme foi muito forte, e a recepção do público americano também. Você não faz um trabalho visando o sucesso comercial, não é mesmo? O que você espera é que as pessoas que forem assistir ao longa no cinema entendam o espírito no qual ele foi feito. Acho que isso ficou claro nos comentários nas saídas dos cinemas. *Vôo 93* não foi rejeitado.". A preocupação em saber como o filme seria recebido era bem justificável. Afinal, um diretor inglês estava mexendo na ferida americana mais aberta da atualidade. "Eu queria que este filme fosse sobre todo o 11 de Setembro. Porque independentemente do espectro político que você faz parte, creio que todos concordam que o ataque foi um momento sísmico", explica.



Segurança: cuidados em vão

Passageiros: unidos pela sobrevivência

Sem saída: uma situação desesperadora

ESTILO DOCUMENTAL

O 11 de Setembro de fato aconteceu quando Greengrass estava finalizando o aclamado *Domingo Sangrento*, filme que mostrou outra tragédia em menor escala: o massacre durante um protesto pelos direitos civis em 1972, na Irlanda do Norte. Desde então, já pensava em fazer algo sobre o assunto. "Eu achei que era muito cedo", revela. Ele também queria que seu próximo projeto fosse mais leve. Foi então que se envolveu com o bem-sucedido *A Supremacia Bourne*, segundo exemplar da série sobre o espião desmemoriado estrelada por Matt Damon. Depois da diversão, era hora de voltar ao assunto sério. Com seu estilo documental de filmar – que acabou virando marca registrada –, ele transformou *Vôo 93* em thriller que oferecia uma panorâmica aérea de todo o ataque. Nesse ponto, traça-se um paralelo com o filme de Oliver Stone. Não mostra as cenas dos aviões colidindo com o World Trade Center e, apesar de dar uma visão mais geral, mantém o foco nas pessoas, em especial no desespero dos passageiros.

A escolha de um elenco desconhecido foi acertada. Não ver rostos familiares dá muito mais credibilidade ao trabalho. Além disso, os controladores de vôo militares e civis que aparecem no longa são verdadeiros. Greengrass também contou com a ajuda da família de >>

O inimigo entre nós: tensão no ar

FOTOS: UIP

muitos passageiros que foram mortos naquele dia. Eles deram informações do que vestiam e até do perfil de cada um deles. Até na hora de filmar, o diretor resolveu isolar os terroristas dos passageiros. Tudo serviu para dar uma sustentação ao que seria mostrado na tela. As filmagens das cenas do interior da aeronave aconteceram bem longe de Nova York, mais precisamente em outro continente — em Londres, na Inglaterra, no lendário Pinewood Studios, em dezembro de 2005.

Um dos pontos altos do filme está em não recorrer a uma imagem caricata dos terroristas. Do início, quando você presencia a preparação, até a hora do embarque, fica claro que eles são apenas humanos, guiados por um fanatismo que é difícil ser compreendido no mundo ocidental. No vôo 93, o homem que deveria assumir o controle da aeronave fica hesitante. Pressionado pelos outros companheiros, ele finalmente volta a se concentrar no plano. O atraso pode ter sido decisivo. Toda a seqüência da tomada do avião é de um realismo impressionante.

O cineasta também acredita que as mudanças no modo de pensar, de lidar com situações, já ocorreram nos instantes seguintes aos primeiros ataques. "Eu acho que, por ironia do destino, os passageiros daquele vôo foram as primeiras pessoas em nosso mundo, o mundo pós-11 de Setembro, que encontraram o dilema: 'O que nós podemos fazer?'", filosofa o diretor. "Mas se você analisar friamente, o que aconteceu foi algo que poderia ser visto através de um prisma interessante, que mostra o mundo de hoje. O problema é que os passageiros tiveram de lidar com escolhas impossíveis: 'Não fazer nada e mor- >>

ALERTA VERMELHO

11 de Setembro 11'09'01 (2002)

De: Youssef Chahine, Amos Gitai, Alejandro González Iñárritu, Shohei Imamura, Claude Lelouch, Ken Loach, Samira Makhmalbaf, Mira Nair, Idrissa Ouedraogo, Sean Penn e Danis Tanovic

Uma das primeiras reações cinematográficas ao atentado de 11 de Setembro reuniu um time de cineastas do mundo todo para mostrar as repercussões do fato em seus países de origem. O filme é organizado em onze curtas de onze minutos, cobrindo o globo do México ao Japão. Sean Penn dirige o poético segmento americano, sobre um viúvo (Ernest Borgnine) cujas flores no túmulo da esposa recebem Sol pela ausência do World Trade Center.

Fahrenheit 11 de Setembro (2004)

De: Michael Moore

O explosivo documentário de Michael Moore expõe um dossiê sobre o envolvimento da administração Bush com os negócios do clã Bin Laden e o uso do atentado aos EUA como desculpa para intervenções militares no Afeganistão e Iraque. Com seu humor ácido e esperta manipulação de imagens e dados, o diretor pinta o presidente americano como um bobalhão indeciso e desmoraliza sua campanha de Guerra do Terror.

Road to Guantánamo (2006)

De: Michael Winterbottom

O diretor inglês – que é considerado o hype da vez – mira sua câmera na prisão da base militar americana de Guantánamo, em Cuba, famosa por desrespeitar a Convenção de Genebra e manter prisioneiros sem julgamento (e acusada de prática de tortura). Winterbottom acompanha um trio de muçulmanos britânicos que foi preso por dois anos em Guantánamo e depois liberado sem nenhuma acusação formal.

Paradise Now (2005)

De: Hany Abu-Assada

O filme joga luz sobre uma figura típica dessa era de terrorismo: o homem-bomba. O cineasta palestino Hany Abu-Assada, radicado na Holanda, mostra os últimos dias de seus compatriotas Said e Khaled, amigos recrutados para cometer um atentado em Tel-Aviv. Ao cruzar a fronteira com Israel, os dois se separam – e um deles passa a questionar sua missão, especialmente por estar apaixonado.

Encontro Fatal. September Tapes (2004)

De: Christian Johnson

Feita no estilo câmera na mão, esta mistura de documentário e

Insegurança máxima

Road to Guantánamo | Paradise Now | Encontro Fatal

Como o 11 de Setembro já ganhou diferentes níveis nos cinemas *Por André Gordirro*

ficção mostra um imaginário jornalista americano cobrindo a caçada a Osama Bin Laden, um ano após o atentado de 11 de Setembro. Em meio a atores, a produção acompanha um caçador de recompensas de verdade às fortalezas dos talibãs no Afeganistão. O Departamento de Segurança dos EUA confiscou oito horas de material, alegando ser uma ameaça à Segurança Nacional.

Team America | Syriana | Munique

ALERTA LARANJA

Team America **(2004)**

De: Trey Parker

Todo o teatro da guerra ao terrorismo encenado pela administração Bush é demolido a cacos nessa nada sutil animação de marionetes feita pelos criadores de *South Park*, Trey Parker e Matt Stone. No estilo de *Thunderbirds*, o grupo de soldados Team America é incumbido de caçar terroristas ao redor do mundo – o que resulta na destruição das pirâmides do Egito e da Torre Eiffel, entre outros marcos da humanidade.

Syriana **(2005)**

De: Stephen Gaghan

Este thriller político sobre os meandros da indústria do petróleo revela o barril de pólvora que é o Oriente Médio, com diversas facções lutando pelo controle da região – de xeiques idealistas a grupos terroristas, passando pela CIA e gigantes do petróleo da economia americana e chinesa. Sem apontar soluções fáceis, *Syriana* acerta o ponto ao não indicar heróis nem vilões claros na situação do território.

Munique **(2005)**

De: Steven Spielberg

Em tempos de reflexão pelo 11 de Setembro, Steven Spielberg reconta o atentado que inaugurou a triste era do terrorismo internacional, 29 anos antes do ataque ao World Trade Center: a morte de onze atletas israelenses pelas mãos do grupo palestino Setembro Negro na Olimpíada de 1972. O diretor discute a moral por trás da retaliação de Israel, que caçou e matou os mandantes do atentado.

ALERTA AMARELO

A Última Hora **(2002)**

De: Spike Lee

Spike Lee cria um elo entre a Nova York devastada pelo atentado terrorista e o aparente início do fim da vida do protagonista (Edward Norton), um jovem traficante de classe média às vésperas de cumprir pena de sete anos de prisão por seus crimes. A ligação fica mais forte com a caracterização de seu pai como bombeiro – a profissão-símbolo do heroísmo americano diante da covardia do ataque de 11 de Setembro – e os cenários recentes da tragédia, como o apartamento do personagem de Barry Pepper, cuja paisagem é o Marco Zero, onde ficava o WTC.

Guerra dos Mundos **(2005)**

De: Steven Spielberg

Ao atualizar o clássico da literatura de ficção científica – originalmente uma metáfora sobre a invencibilidade da Inglaterra da Era Vitoriana – para os dias de hoje, Spielberg cria uma alegoria da ameaça terrorista que ninguém esperava na forma de uma invasão extraterrestre. O corre-corre do homem comum diante do inevitável lembra o caos nas ruas de Nova York com a queda das Torres Gêmeas.

Batman Begins **(2005)**

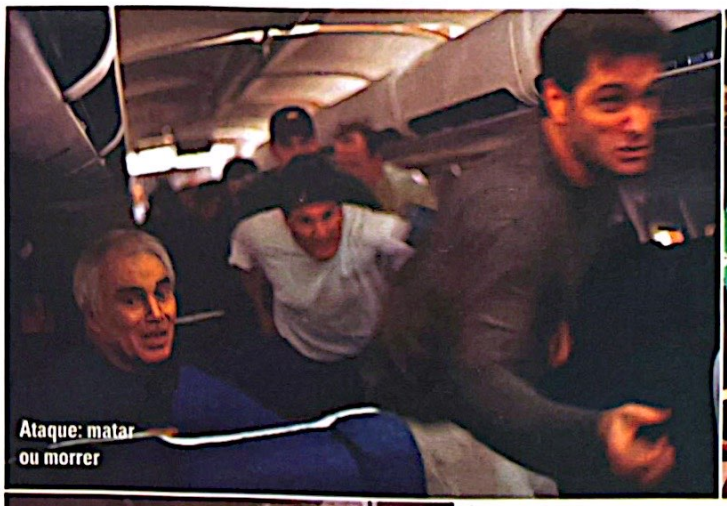
De: Christopher Nolan

Batman Begins toca em muitos pontos tornados relevantes neste mundo pós-11 de Setembro, a começar pelo seu principal tema: a geração do medo, o mesmo mecanismo usado pelo governo Bush para cercear as liberdades civis e bancar sua Guerra ao Terror. Até o tradicional vilão Ra's Al Ghul foi repaginado como um terrorista moderno, intencionado em curar o mal que, a seu ver, assola a sociedade de Gotham (leia-se Ocidental).

A Última Hora | Guerra dos Mundos | Batman Begins

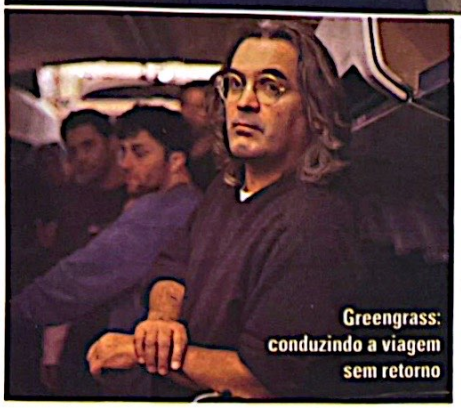
FOTOS: DIVULGAÇÃO

FOTOS UIP



Ataque: matar ou morrer

Problema: espaço aéreo fechado



Greengrass: conduzindo a viagem sem retorno

rer' ou 'contra-atacar e morrer'. O que você faria?" Era uma viagem sem volta e a maioria sabia que aquela poderia ser a única chance de mudar a história.

POLÍTICO POR NATUREZA

"Não houve a intenção de ser político, mas só pela natureza do assunto, ele acabou se tornando", diz o veterano produtor Tim Bevan, um dos fundadores da produtora Working Title. Apesar disso, *Vôo 93* não fala sobre as teorias da conspiração ou coisas do gênero. Ignora aqueles que acreditam que a aeronave foi abatida por militares ou que nem ao menos caiu. Mostra a coragem que os passageiros demonstraram ao descobrir qual seria o seu destino. E Greengrass sabe como ninguém transportar o espectador para dentro da ação. "Cinema não é história. Não é jornalismo, não é lei. É uma experiência de imersão. Pode dar a sensação de como é estar lá, e ver o que realmente aconteceu", garante.

Um dos atores do elenco sentiu na pele os efeitos do 11 de Setembro. Durante a première americana do filme em Nova York, Lewis Alsamari – que nasceu no Iraque, mas desde os anos 90 morava na Grã-Bretanha – teve sua entrada no país negada. A justificativa foi que Alsamari havia servido o Exército iraquiano, sem levar em conta que ele era desertor e um refugiado. Parece irônico para alguém que interpreta um terrorista ter sido barrado justamente por essa razão.

Daqui a algum tempo, é bem provável que surjam filmes que tentem encontrar respostas ou levantar dúvidas sobre o que aconteceu há cinco anos. O que não faltam são especulações. Por enquanto, tanto *Vôo 93* como *As Torres Gêmeas* servem para mostrar dois lados distintos desse dia que o mundo parou. E também para lembrar as futuras gerações das pessoas que perderam a vida naquele fatídico 11 de setembro de 2001.•

Colaborou Chris Hewitt

Leo Burnett Brasil

RESPIRE FUNDO. HARRISON FORD ESTÁ DE VOLTA EM UMA VERSÃO TOTALMENTE HI-TECH.

"Firewall é um thriller frenético..."
ISTO É

Filme de ação, inteligente e tecnológico, com o premiadíssimo Harrison Ford.

- GRANDE ELENCO: HARRISON FORD, PAUL BETTANY E VIRGINIA MADSEN
- EXTRAS ESPECIAIS: DECODIFICANDO FIREWALL - UMA CONVERSA COM HARRISON FORD E RICHARD LONCRAINE • FIREWALL - ESCREVENDO UM SUSPENSE • TRAILER DE CINEMA

FIREWALL

AGORA EM DVD VIDEO

Lider em DVD

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME.

SERES RASTEJA

É difícil definir o que faz um filme se tornar cult. É ainda mais complicado criar um com essa intenção. Algumas dessas obras que ganham a história por meio de seguidores fervorosos são produzidas para ser êxito de bilheteria, fracassam e recebem uma aura religiosa entre seus fãs. Outros longas são feitos com o mínimo de recursos, viram sucesso de renda e definem gêneros. Há os cultuados por serem muito ruins. Existem os adorados por ter personagens iconográficos. Temos até as produções que se transformam em retratos fiéis de grupos específicos (funcionários preguiçosos, nerds de quadrinhos). Nos últimos anos, o processo ganhou o catalisador da Internet, o meio mais rápido para a construção de um filme cult. E nenhum neste século foi tão cultuado por antecipação quanto *Serpentes a*

Serpentes a Bordo transforma-se em fenômeno online e lidera a lista dos 30 filmes mais cultuados do cinema

Por Roberto Sadovski, de San Diego; e Rodrigo Salem

NITES

Bordo, que chega aos cinemas à prova de crítica, público e dólares. Aproveitando a presença das 45 cobras atacando um avião no ar, SET lista os trinta filmes mais cultuados da história. Não foi fácil, deixamos peças preciosas no meio do caminho, mas conseguimos alcançar o número final com Samuel L. Jackson e seus répteis abrindo a contagem por fora. Há religião mais divertida?

SERPENTES A BORDO

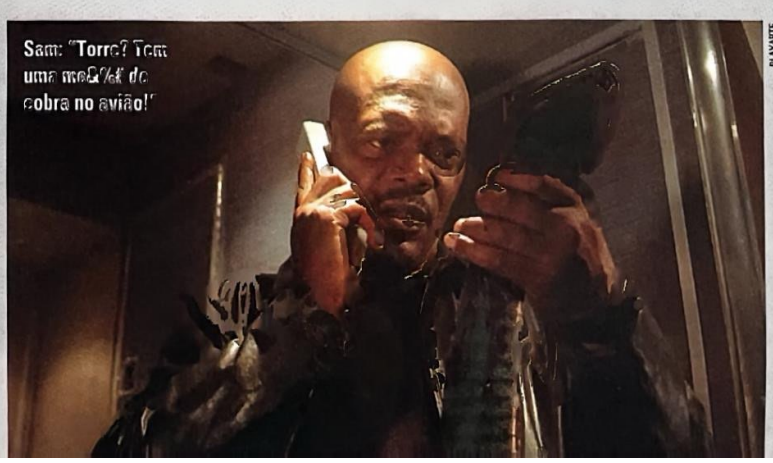
Samuel L. Jackson mata a cobra no filme que ganhou milhares de fãs antes mesmo da estréia

No salão de maior capacidade da Comic-Con, em San Diego, pouco mais de 6 mil malucos esperavam as palavras de seu guru. As luzes se apagaram e a voz ressoou nos alto-falantes, como um trovão: "Eu me enchi dessas p#&&@$ de cobras nessa p#&&@ de avião!". Histeria coletiva, gritaria generalizada e aplausos entusiasmados quando o próprio Samuel L. Jackson tomou o palco para falar à audiência que participava da maior convenção de histórias em quadrinhos e cultura pop do mundo sobre *Serpentes a Bordo*, filme de terror com jeitão B que se tornou a obsessão da Internet no último ano e meio. "Este filme é para vocês", decretou Jackson, no melhor estilo candidato-em-campanha. "E, se não fosse por vocês, eu estaria aqui falando de *Vôo Pacific 121*. Este filme é nosso."

Não é exagero. Desde que deixou as gavetas da New Line – que comprou o roteiro quando ainda se chamava *Venom* –, *Serpentes a Bordo* tornou-se fenômeno único, um filme que foi trabalhado de acordo com o feedback que o estúdio recebeu da Internet – fóruns, sites, bloggers – e se moldou ao que os fãs gostariam de ver. Pelo menos em teoria. "O que aconteceu foi que os executivos ouviram o que os fãs tinham a dizer", conta com exclusividade Sam Jackson, pouco antes de enfrentar a turba da Comic-Con. "E não foi de imediato! Eu dizia que a gente tinha de rodar algumas cenas mais sangrentas, com umas cobras saltando na cara de algum infeliz pingando veneno, mesmo que elas não fossem aproveitadas, falava que o filme tinha de pegar nos diálogos, nos palavrões, no sexo. Mas nãããão, algum gênio saído de Harvard e com dois filmes no currículo tinha de ensinar como a gente fazia a coisa."

SANGUE E SEXO

E quase ficou por isso mesmo. Apesar de a comunidade online estar fazendo barulho por meses e meses – um site, *Snakes on a Blog*, esteve perto de receber uma carta dos advogados da New Line e fechar –, a produção de *Serpentes a Bordo* havia terminado. Quatro meses depois, o presidente do estúdio, Toby Emmerich, e seu time de executivos perceberam que tinham uma mina de ouro nas mãos e convocaram elenco e equipe de volta para anabolizar a produção. "O que eles fizeram foi nos deixar acabar o filme que havíamos nos proposto a realizar", aponta o diretor David Ellis (*Premonição 2*), que substituiu a primeira opção do estúdio, Ronny Yu. "Todo mundo tinha aquela cara de 'eu sabia' quando retornamos ao set para colocar mais sangue e mais >>



PLAYARTE

sexo na mistura." Traduzindo: mais closes de ataques de serpentes, uma anaconda esmagando um infeliz numa lentidão sádica e uma cena roteirizada como "um casal se beija" no banheiro transformada em cena de sexo caprichada, com nudez e tudo o que uma censura alta dá direito, interrompida por uma cobra abusada.

A verdade é que, por trás do hype e da badalação, existe uma trama em *Serpentes a Bordo* – que, no meio da fuzarca, corre o risco de ser esquecida. Jackson é o agente do FBI ("Estilo John McClane", brinca) transportando uma testemunha num vôo sobre o Pacífico. O mafioso que pode terminar atrás das grades por causa do sujeito coloca um container recheado com 450 cobras de todos os tipos com um temporizador que abre a fechadura e transforma o vôo num inferno. A premissa surgiu num happy hour em 1999 com Craig Berenson, executivo da DreamWorks que havia lido um roteiro chamado *Venom*, que teve a idéia de juntar no mesmo filme dois medos – o de voar e o de cobras – e de colocar a ação sobre o oceano. Quando ele disparou "Serpentes a Bordo", foi recebido com grunhidos por seus colegas. Depois de desenvolver o roteiro, abandonado com o pavor de qualquer produção num avião depois do 11 de Setembro, Berenson o vendeu a New Line – o autor de *Venom*, David Dalessandro, recebe o crédito pelo argumento do filme.

Quando Jackson, dois anos depois de se comprometer a fazer o filme, finalmente chegou ao set, descobriu que ele agora se chamava *Vôo Pacific 121*. Durante a pré-produção, um executivo da New Line achou que *Serpentes a Bordo* não era um título tão vendedor e o reverteu para o nome mais careta – Emmerich concordou, alegando que não conseguia atrair atores "de classe" com o nome original. "É o pensamento corporativo em ação", ironiza Jackson. "Eu me lembro de um engravatado dizendo que queria 'deixar o filme com uma aura de mistério, e não entregar tudo de cara'. NÃO, BABACA! Lembra quando vocês lançaram *Freddy vs. Jason*? Que eu saiba o título nunca foi 'Vilão de Cinema vs. Vilão de Cinema'. Pode ficar certo de uma coisa: sem o apoio do pessoal da Internet, os gênios jamais voltariam com *Serpentes a Bordo*." O astro fez seu terrorismo: quando deu um pause nas filmagens para divulgar a comédia *O Cara*, aproveitou qualquer oportunidade (e gravador ligado) para dizer que estava filmando um terror chamado... *Serpentes a Bordo*.

As máscaras de oxigênio ficam mais assustadoras

FILME SÉRIO

O que leva à pergunta mais importante envolvendo o longa, o fenômeno e o oba-oba: vai dar certo? "*Serpentes* não é uma piada, é um filme que se leva a sério, mesmo com sua premissa absurda", garante Ellis, dizendo que não rodou uma paródia – embora quisesse tê-la feito durante a produção para incluir no DVD. "Sei que o excesso de atenção pode dar essa aura ao longa, torná-la a produção da qual todo mundo fala, todo mundo faz parte, mas que ninguém vai ver. É um filme de terror que felizmente conseguiu uma platéia por seu conceito." Ainda assim, foi sua a decisão de não exibir o longa para os críticos antes da estréia nos EUA, agendada para 18 de agosto (alguns dias, portanto, depois do

SERPENTES POR AÍ

O fenômeno *Serpentes a Bordo* na Internet não se resumiu à adição de uma frase no filme na base do grito. Nos últimos meses, fãs criaram à revelia trailers, cartazes, músicas e todo tipo de traquitana relacionada ao longa para celebrar sua paixão por um longa que nem sequer existia.

SNAKES ON A BLOG **– Depois de quase ser fechado por ordem da New Line, o site que reúne todas as maluquices criadas em torno de *Serpentes a Bordo* ganhou até status oficial.**

Onde: www.snakesonablog.com

COBRA STARSHIP **– Comunidade da banda que canta a música-tema do filme – o que veio primeiro, o ovo ou a galinha?**

Onde: www.myspace.com/cobrastarship

LHAMA ON A PLANE **– Tem gente com muito tempo de sobra neste mundo. Bom, é auto-explicativo.**

Onde: www.yirmumah.net/snakes-on-a-plane/

"SOMEONE TELL SAM JACKSON HE'S MY BRO" **– O próprio Jackson disse que esta era sua paródia favorita. Quem somos nós para contestar uma tiração de sarro ao U2?**

Onde: www.youtube.com/watch?v=CdSUrtFdXUQ

O treinador Jules Sylvester (à esq.) e o diretor David Ellis

fechamento desta edição de SET) que despertou certa desconfiança. "Isso não tem nada a ver com a qualidade de *Serpentes*", defende-se o diretor. "Mas acho que, depois de tanto apoio dos fãs, após ver o filme tomar forma com suas sugestões, seria injusto que eles não fossem os primeiros a assistí-lo." Jackson vai além: "Eu nem quero que os críticos vejam *Serpentes* – fiquem em casa! O que me importa é o moleque com o rosto coberto por espinhas e que de fato gosta de juntar a turma para ir ao cinema sexta-feira à noite".

De qualquer forma, *Serpentes a Bordo* nasce à prova de críticas. Se for o trash que muitos acham que é (com ou sem entusiasmo), os produtores podem apelar para a tecla do: "Ele foi concebido para ser assim"; se, por outro lado, provar que é um pedaço válido de entretenimento, vai mostrar que a New Line deu uma bola dentro ao ouvir o público. Na verdade, isso é irrevogável: *Serpentes a Bordo* fará a indústria prestar mais atenção ao que os fãs querem assistir – e, a julgar pela reação entusiasmada da platéia da Comic-Con quando brindada com 10 minutos do filme, pode valer a pena pagar para ver. Principalmente para Samuel L. Jackson, que reafirma sua posição como um dos atores mais cool do cinema e o sujeito mais antenado com o que os nerds (entre os quais ele orgulhosamente se inclui) deseja. Mesmo que isso, no futuro, não envolva serpentes: "Eu nunca cheguei perto dessas coisas a não ser aqui na convenção! Estava em meu contrato, 'nenhuma cobra deve chegar a menos de 10 metros do sr. Jackson'. Meus agentes tinham mais medo delas do que eu".•

1 THIS IS SPINAL TAP (1984)

De: Rob Reiner

No auge do metal farofa, o longa que deu início à palavra "mockumentary" (o mais perto que conseguimos de inventar algo em português seria "documédia") conta a história de uma banda de heavy metal (Spinal Tap) que volta à ativa para um último disco e a derradeira turnê nos EUA. A trama trafega entre a melancolia, o ridículo e o hilariante de forma brilhante.

Por que é cult? Além de ter virado referência para filmes de rock, revelado Christopher Guest e Harry Shearer e ganhado os palcos reais do mundo até hoje, *Spinal Tap* ainda teve um de seus jargões adotado pelo prestigiado dicionário *Oxford*.

Momento clássico: A explicação do guitarrista Nigel Tufnel sobre como seu amplificador tem mais poder que a maioria dos outros: "Ele vai até o 11".

2 O ESTRANHO MUNDO DE JACK (1993)

De: Henry Selick

Musical criado por Tim Burton sobre o rei da cidade de Halloweentown que descobre o espírito de Natal e resolve converter seus súditos a comemorarem o feriado feliz.

Por que é cult? Primeiramente, resgatou a animação em stop-motion. O filme foi recebido com frieza, principalmente por causa do estúdio, que nunca havia lançado algo parecido. Em pouco tempo, tornou-se um hábito relançar o filme no Dia das Bruxas e perto do Natal em sessões especiais, onde todos os presentes cantam cada suspiro da letra. Ah, gerou milhares de produtos, de bonecos a bolsas, até hoje nas principais lojas de brinquedos do mundo.

Momento clássico: A chegada de Jack a Christmastown, a descoberta da neve e das cores ainda é de emocionar.

3 O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA (1974)

De: Tobe Hooper

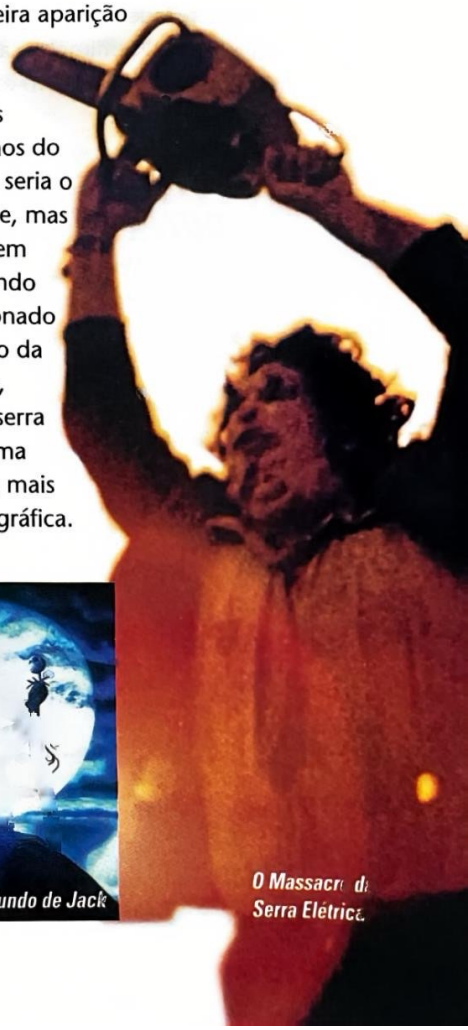
Cinco jovens decidem ir ao túmulo do avô e aceitam uma carona no meio do caminho. Terminam visitando a velha fazenda do parente, onde desfrutam de uma carne deliciosa e se deparam com uma família de canibais psicopatas e, claro, o famoso Leatherface.

Por que é cult? O adeus à sutileza. Feito por 300 mil dólares, o horror gore de Hooper rendeu vinte vezes mais e se tornou obrigatório para se discutir o subjetivismo nos longas de terror. Gerou continuações, remakes, bonecos, camisetas e fãs que idolatram a peça em festivais mundo afora.

Momento Clássico: A primeira aparição de um dos maiores assassinos do cinema seria o bastante, mas a imagem dele sendo abandonado no meio da estrada, com a serra para cima é ainda mais inconográfica.

This Is Spinal Tap

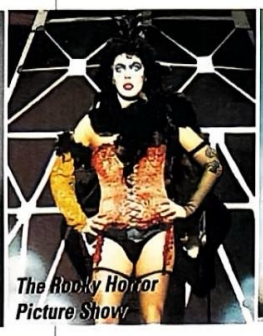
O Estranho Mundo de Jack

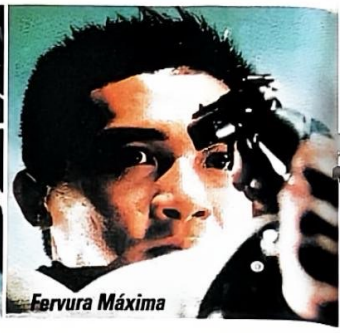


O Massacre da Serra Elétrica

Blade Runner

Plan 9 from Outer Space


The Rocky Horror Picture Show


Fervura Máxima

4 BLADE RUNNER (1982)

De: Ridley Scott

No ano de 2019, quatro andróides conhecidos como replicantes resolvem tomar o rumo da própria vida e um caçador de recompensas (Harrison Ford) precisa caçá-los antes que matem seus criadores.

Por que é cult? A produção foi um fracasso de bilheteria e de crítica na época do lançamento, mas não precisou de muito tempo para se tornar referência visual para centenas de outros filmes. A mistura de ficção científica existencialista, ação e temática sombria só existe por causa da obra de Ridley Scott.

Momento clássico: O discurso final do replicante Rutger Hauer, enquanto segura um pombo e vê Ford semimorto, arrepia qualquer amante de roteiro bem escrito.

5 PLAN 9 FROM OUTER SPACE (1959)

De: Ed Wood

Ladrões de sepultura espaciais invadem a Terra e ressuscitam mortos e vampiros para poderem dominar as grandes capitais do planeta e impedir a criação de uma arma poderosa.

Por que é cult? Nenhuma lista estaria completa sem um filme de Ed Wood, um cineasta terrível, mas dedicado e apaixonado pela arte do cinema. O longa é considerado o pior filme de todos os tempos, porém ganhou aura de cult por ter sido palco da morte de Bela Lugosi (ele é substituido por Tom Mason, que passa o resto da obra cobrindo o rosto com a capa) e ter um orçamento que só agüentava um exército de três zumbis e discos voadores de papelão.

Momento clássico: A introdução lida por um alien é simplesmente um primor trash, usado até mesmo pelo U2 na antológica *Zoo TV Tour*.

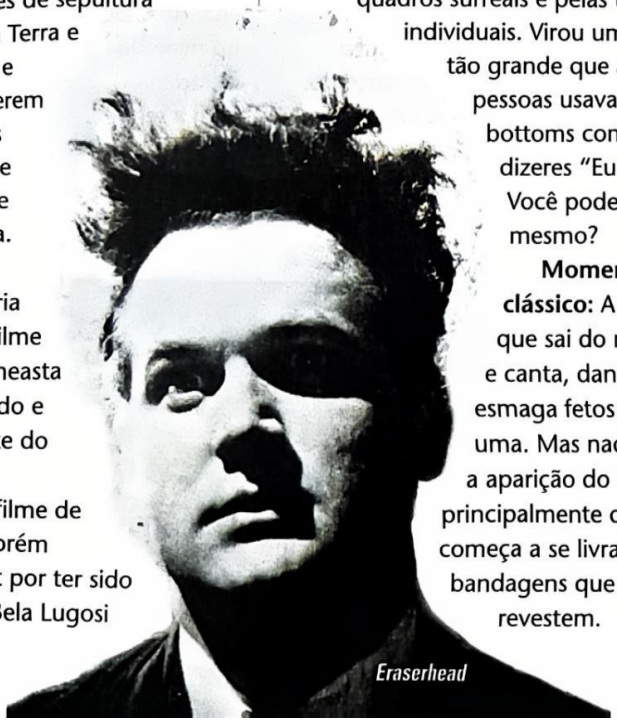
6 ERASERHEAD (1977)

De: David Lynch

O diretor que adora brincar com o inexplicável pisa no acelerador numa obra tão incompreensível quanto cultuada. A história de um homem que vive num futuro industralizado (ou não) e tem um filho mutante que o atormenta é a mente de Lynch a todo volume, cutucando o espectador desde o começo.

Por que é cult? Outro oriundo das sessões madrugadais de Nova York, *Eraserhead* era tão maluco que foi adotado pela juventude, fascinada pelos quadros surreais e pelas teorias individuais. Virou uma febre tão grande que as pessoas usavam bottoms com os dizeres "Eu já vi". Você pode dizer o mesmo?

Momento clássico: A mulher que sai do radiador e canta, dança e esmaga fetos seria uma. Mas nada supera a aparição do mutante, principalmente quando começa a se livrar das bandagens que o revestem.


Eraserhead

7 THE ROCKY HORROR PICTURE SHOW (1975)

De: Jim Sharman

O filme que levou a extravagância bizarra à juventude americana conta a história do casal (Barry Bostwick e Susan Saradon) que junta as trouxas e, durante a lua-de-mel, encontra o dr. Frank-N-Furter (Tim Curry), um travesti do planeta Transsexual, da galáxia de Transylvania, e seus asseclas estranhos num mistura de musical, horror e ficção científica barata.

Por que é cult? O longa é basicamente a definição de cult. Foi um fracasso retumbante, depois virou um sucesso nas sessões de meia-noite. É exibido até hoje nos EUA e o público entra fantasiado como os personagens e canta todas as canções.

Momento clássico: A descoberta do corpo do rebelde Eddie (Meat Loaf), genuinamente assustadora – os atores não foram avisados do defunto de mentira e a reação é verdadeira.

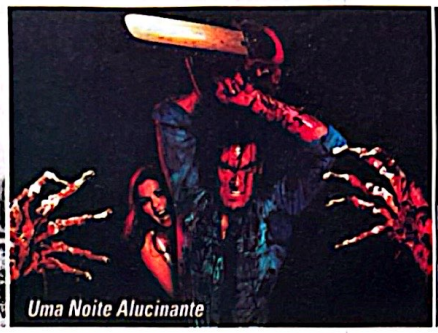
8 FERVURA MÁXIMA (1992)

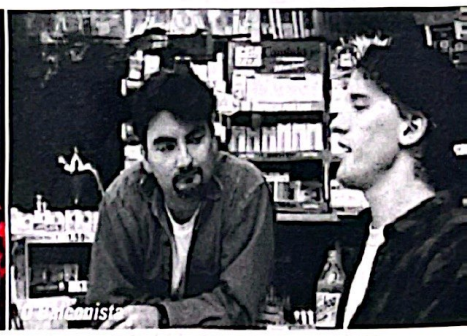
De: John Woo

A obra-prima oriental de John Woo traz Chow Yun-Fat como um policial que perde o parceiro e precisa agir com um agente infiltrado (Tony Leung) para desbaratar o tráfico de armas em Hong Kong.

Por que é cult? Se não fosse por esse longa, possivelmente não teriamos *O Tigre e o Dragão* e *Herói* nos cinemas ocidentais. Além de ser um dos grandes policiais do cinema, consolida as manhas de Woo e o estrelato de Yun-Fat.

Momento clássico: O tiroteio na casa de chá continua inimitável e adrenalinesco.





8 FASTER, PUSSYCAT! KILL! KILL! (1966)

De: Russ Meyer

Se as palavras "stripper karateca chamada Varla lidera duas mulheres num genocídio desenfreado a roubar dinheiro de um velho" não bastarem para você, os takes gratuitos de peitões e as lutas toscas o farão.

Por que é cult? Em plenos anos 60, Meyer ousou escancarar o erótico e a violência numa obra exagerada que influenciou nomes como Robert Rodriguez e Quentin Tarantino. A atriz Tura Satana registrou o visual cool e o nome da personagem e até hoje ganha com isso.

Momento clássico: Quando Varla se livra do namorado da primeira gatinha, usando seus dotes especiais.

10 UMA NOITE ALUCINANTE (1987)

De: Sam Raimi

O primeiro filme pode ser mais assustador, mas foi nesta seqüência que a trilogia de Sam Raimi ganhou personalidade. O herói Ash combate os demônios gerados pelo *Livro dos Mortos* com uma motosserra e frases clássicas.

Por que é cult? O horror conquistou um representante forte entre suas franquias, grande dose de humor exagerado e o ator mais cultuado da história do cinema: Bruce Campbell. Virou referência para produções baratas de sucesso.

Momento clássico: Quando Ash perde sua mão, ele combate o membro e depois sai em frenesi com a serra, despedaçando monstros sem perdão.

11 O BALCONISTA (1994)

De: Kevin Smith

Não há muito o que dizer: dois amigos que cuidam da loja de convenciência local (e de sua videolocadora) passam o dia jogando conversa fora sobre cultura pop e sexo.

Por que é cult? Finalizado com a grana da venda dos gibis do diretor, o longa se tornou uma sensação em Sundance e Cannes. Apresentou os personagens Jay & Silent Bob e concebeu os melhores diálogos sobre a geração atual. Transformou Smith num ícone nerd.

Momento clássico: Qualquer referência a *Star Wars*, principalmente a teoria sobre a morte de inocentes trabalhadores na Estrela da Morte.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

12 PINK FLAMINGOS (1972)

De: John Waters

Quem acha que os irmãos Farrelly e a trupe do *Jackass* são os maiores representantes do cinema nauseante, nunca colocou os olhos nesta obra de John Waters. Feito num final de semana, o filme conta a história de Divine, um travesti (também do lado de cá das câmeras) que deseja reaver o título de pessoa mais podreira do mundo.

Por que é cult? Filmado em dois dias, sem grana (um tio emprestou o dinheiro) e sem direito a copião (Waters confessou que nem sabia da existência de tal técnica na época), o filme ganhou as primeiras chances nas sessões de meia-noite (a estréia foi vista por um monte de amigos e parentes dos atores) e, já na segunda semana, tinha filas quilométricas atraídas pelo cinema de guerrilha e pela polêmica. Waters tornou-se sinônimo de produções bizarras, conquistando até mesmo gente como Johnny Depp, que estrelou *Cry-Baby* anos depois – o cineasta também fez uma ponta na série *Anjos da Lei*.

Momento clássico: O banquete de fezes de cachorro no final, que, segundo Waters, é composto de excremento real.

13 THE TOXIC AVENGER (1985)

De: Michael Herz e Samuel Weil

O *Homem-Aranha* dos pobres. Melvin Junko é o nerd da região, perseguido pelos fortões do time de futebol até sofrer um acidente com dejetos nucleares e virar uma aberração monstruosa com sede de vingança: O Vingador Tóxico.

Por que é cult? É a obra que transformou a Troma na maior produtora de filmes B do cinema.

Momento clássico: Entre as mortes hilariantes, nada melhor que a do prefeito de Tromaville: Melvin soca sua barriga e arranca suas entranhas.

14 BARBARELLA (1968)

De: Roger Vadim

Uma heroína sexy é contactada pelo governo da Terra para impedir um cientista maluco de acabar com a paz do universo.

Por que é cult? Jane Fonda, recusou o papel em *O Bebê de Rosemary* e se tornou um ícone para qualquer adolescente ou adulto do final dos anos 60 e início de 70, apimentando o cinema com a revolução sexual da época. Não se fala em ficção científica cult sem a presença dos trajes sumários de Barbarella.

Momento clássico: o strip-tease inicial até hoje resiste mais que o restante do longa.

15 A BRUXA DE BLAIR (1999)

De: Daniel Myrick e Eduardo Sánchez

Três estudantes resolvem passar o dia numa floresta e se perdem. Um ano depois, o vídeo com o que teria acontecido com o trio é achado pela polícia. Mas o caso permanece um mistério até hoje.

Por que é cult? Veio do nada e ganhou fama mundial "apenas" com os rumores da Internet, que davam o filme como um vídeo verídico. Feito com apenas 35 mil dólares, tornou-se um fenômeno e angariou 250 milhões de

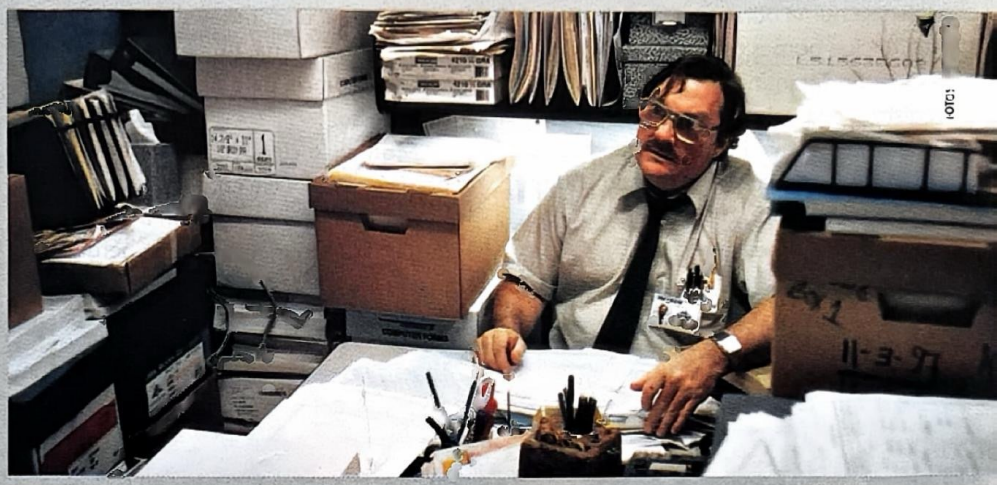
16 COMO ENLOUQUECER SEU CHEFE (1999)

De: Mike Judge

O filme definitivo sobre o dia-a-dia moderno de quem trabalha em escritórios. Peter Gibbons (Ron Livingston) odeia o que faz, tem uma namorada que o trai e precisa pegar um trânsito insuportável para chegar à empresa. Quando é hipnotizado para não se importar com nada disso, ele passa a andar sem se incomodar em ser despedido. A atitude, incrivelmente, o transforma no queridinho dos executivos. Mas, ao lado de dois amigos igualmente insatisfeitos (Michael Bolton e Samir Nagheenanajar), planeja roubar a companhia.

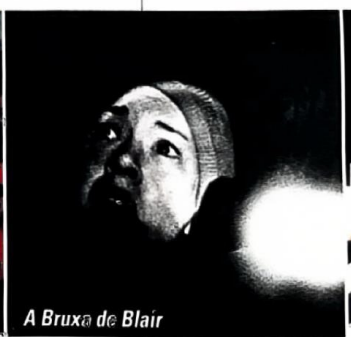
Por que é cult? Nem vamos falar de Jennifer Aniston no papel da garçonete de uma franquia estilo Friday's, mas o longa foi ignorado nos cinemas e até Mike Judge, criador de Beavis & Butthead achou ter feito uma porcaria. Nada que o mercado de vídeo e DVD não resolva: *Como Enlouquecer Seu Chefe* virou um sucesso de vendas (2,6 milhões de cópias), ganhou sites de fanáticos, uma edição especial e influenciou até mesmo na carreira do cantor Michael Bolton, que foi ladeira abaixo depois de ser chamado de "palhaço sem talento" pelo seu menos famoso homônimo. O presidente da Fox já implorou para Judge fazer uma seqüência, mas não esperem que ele se renda ao poder das grandes corporações.

Momento clássico: A cena onde os três amigos espancam a impressora da companhia, aquela que sempre engasga e engole papel nos momentos cruciais.



The Toxic Avenger

Barbarella


A Bruxa de Blair

O Grande Lebowski

dólares em todo o mundo. Foi o primeiro caso de um longa que se fez apenas com o marketing online.

Momento clássico: A confissão de um dos membros perdidos, dentro da barraca, chorando e olhando para a câmera de mão.

17 O GRANDE LEBOWSKI (1998)

De: Joel Coen

Jeffrey Lebowski (Jeff Bridges) é um sujeito em paz na vida. Mas é confundido com um milionário por homens que estragam seu tapete. Para mostrar que a injustiça não prevalece na América, "The Dude" procura ser recompensado e pede ajuda para seus amigos do boliche.

Por que é cult? Queridinhos da crítica, os irmãos Ethan e Joel Coen apareceram com essa história hiponga e foram deserdados. O filme caiu no gosto do povo e o personagem principal se tornou símbolo dos chapados de todo o planeta. O culto cresceu tanto que ganhou o Big Lebowski Festival nos EUA, com shows em boliches e a aparição do homem que inspirou o "The Dude".

Momento clássico: A "viagem" de Lebowski e sua bola de boliche voadora.

18 MAD MAX (1979)

De: George Miller

Num futuro devastador (detalhado nos dois filmes seguintes), Max é o policial que mata o líder de uma gangue de motoqueiros. Para vingar o companheiro assassinado, os bandidos matam a família do tira. Não sabem o erro que cometeram.

Por que é cult? Além de ser o filme que revelou Mel Gibson, nosso bêbado preferido, *Mad Max* gerou a primeira franquia australiana e colocou a terra dos cangurus no mapa do cinema. Max virou ícone: conquistou quadrinhos, bonecos e duas seqüências.

Momento clássico: Quando o Ford interceptor de Max aparece na tela, você sabe que nenhum futuro apocalíptico será o mesmo.

19 CÃES DE ALUGUEL (1992)

De: Quentin Tarantino

Seis estranhos são convocados para um assalto infalível, mas a polícia atrapalha o plano do grupo de forma inesperada. Eles ainda conseguem fugir com os diamantes com algumas baixas. A trama dá uma reviravolta e foca na procura dos bandidos pelo traidor.

Por que é cult? O simples fato de ser o primeiro filme de Quentin Tarantino já seria razão suficiente. Além disso, o thriller teve uma campanha inesperada, conquistando festivais por todo o planeta, inclusive no Brasil, e mostrou que não é preciso milhões de dólares para se fazer um policial moderno.

Momento clássico: Os seis ladrões andando com seus ternos impecáveis e óculos escuros em direção à câmera.

20 OS IRMÃOS CARA-DE-PAU (1980)

De: John Landis

Recém-libertado da prisão, Jake Blues (John Belushi) une-se ao irmão Elwood (Dan Aykroyd) para resgatarem a antiga banda e salvar o orfanato onde foram criados.

Por que é cult? É o filme definitivo dos anos 80. Exagerado, centrado na vontade de levantar a black music e sem muita preocupação com roteiros realistas, o longa de Landis obteve mais importância com a morte de Belushi, foi homenageado em dezenas de filmes e até ganhou uma péssima continuação em 1997.

Momento clássico: Se o carro dos nazistas caindo do céu não arrancar gargalhadas suas, procure um médico... ou seu pulso.

21 AKIRA (1988)

De: Katsuhiro Otomo

Na Tóquio do pós-Terceira Guerra Mundial, gangues mandam nas ruas da metrópole com suas motos de design arrojado. Uma delas se torna alvo do governo depois de entrar no meio de uma guerra paranormal.

Por que é cult? Depois de *Akira*, nada mais foi o mesmo. O desenho abriu as portas para os animes e virou objeto cultuado, obtendo DVDs de aniversário e brinquedos ultradetalhistas.

Momento clássico: A perseguição de motos pelas ruas de Tóquio até o ponto zero – onde os vândalos encontram a cratera da bomba nuclear e um anão psíquico.

Akira

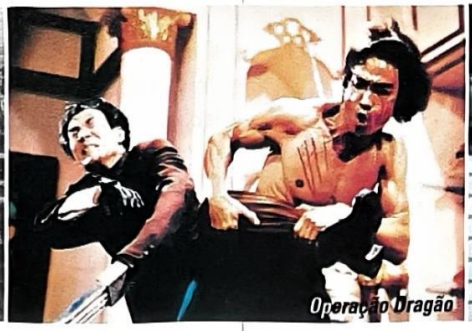
Mad Max

Cães de Aluguel

Os Irmãos Cara-de-Pau

Laranja Mecânica

Freaks


Operação Dragão

22 LARANJA MECÂNICA (1971)

De: Stanley Kubrick

Alex de Large (Malcom McDowell) e sua gangue de maníacos andam pelas ruas de Londres assaltando, estuprando e espancando pessoas. Num assalto à casa de uma velha pervertida, Alex é traído e capturado pela polícia, que o submete a um tratamento inovador para livrá-lo de qualquer sentimento ligado à violência.

Por que é cult? O filme surgiu exatamente na época das grandes rebeliões jovens na Inglaterra e foi denunciado pelo poder público por instigar gangues que promoviam arruaças cantando "Singin' in the Rain". *Laranja Mecânica* ainda é um dos longas mais subversivos da história, gerando estudos, produtos e inspirando bandas de rock.

Momento clássico: As sessões de tratamento de Alex na prisão, drogado, com os olhos abertos à força para enxergar cenas de violência, e ouvindo Beethoven.

23 FREAKS (1932)

De: Tod Browning

Vendo a oportunidade de ganhar dinheiro fácil, a linda trapezista Cleopatra planeja se casar com o anão de circo, que herdou uma fortuna, e depois matá-lo. Ao lado de Hércules, o homem-forte, ela tenta envenenar o marido numa festa com todas as "aberrações" e termina entregando o plano quando não suporta o preconceito.

Por que é cult? A grande maioria dos "freaks" é composta por homens e mulheres com deformidades físicas reais. O fato levou o filme a ser banido da Inglaterra por mais de trinta anos e foi lançado em circuito menor nos EUA. Obteve uma versão em DVD recentemente.

Momento clássico: O brinde de casamento é uma das cenas que você não sabe se pára de assistir ao filme ou o aplaude.

24 OPERAÇÃO DRAGÃO (1973)

De: Robert Clouse

Bruce Lee é um guerreiro shaolin que é contactado por um governo estrangeiro para investigar um poderoso rei do crime. Para isso, o chinês precisa entrar num torneio promovido pelo vilão para descobrir o maior lutador do planeta.

Por que é cult? Foi o filme que transformou Lee num astro global e ícone dos longas de ação. Artes marciais nunca foram tão cool. Agradeça a esse filme pelas lutas coreografadas do cinemão americano atual, de *As Panteras à Matrix*.

Momento clássico: A luta de Bruce Lee com todo o exército dos traficantes na base subterrânea.

26 MATRIX (1999)

De: Os irmãos Wachowski

Um hacker (Keanu Reeves) tem seus passos vigiados por grupo de estranhos e descobre que seu mundo não passa de uma projeção mental de máquinas que dominaram o futuro e usam humanos como baterias. Neo seria o escolhido que libertaria a raça terrestre dos robôs fascistas.

Por que é cult? Os diretores tentaram, mas não conseguiram estragar a aura cult do primeiro filme da trilogia. Ao contrário de outros blockbusters amados como *Guerra nas Estrelas* e *O Senhor dos Anéis*, *Matrix* gerou moda, conquistou a simpatia dos especialistas em informática e ainda foi acusado de influenciar negativamente os jovens ianques. Seus fãs não discutem apenas as tramas e os personagens, mas estudam filosofia e física quântica com a ajuda do filme, dos games, das HQs e dos brinquedos.

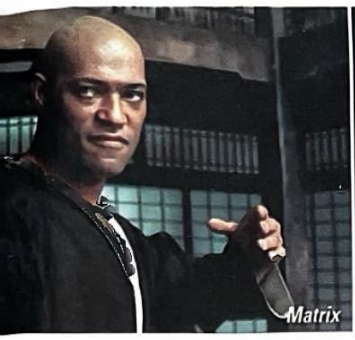
25 CLUBE DA LUTA (1999)

De: David Fincher

Edward Norton é um vendedor de seguros cansado de seu empreguinho tedioso. Tudo muda quando ele encontra o agitador Tyler Durden para, juntos, fundarem o Clube da Luta, sociedade secreta que promove brigas como forma de seus componentes sentirem alguma emoção. O plano, na verdade, é mais ambicioso: destruir as mais sólidas fundações do que chamamos de sociedade moderna e voltarmos às raízes do que nos faz humanos.

Por que é cult? Recebeu ares de maldito quando foi lançado, tido como "o filme mais perigoso do ano". Piorou a situação quando um jovem estudante atirou num cinema paulista exatamente na sessão do longa – foi provado que não existiu nenhuma ligação. Anos à frente de seu tempo, naufragou nas bilheterias, mas hoje é exemplo para qualquer cineasta que deseja ousar e construir cinema de primeira. Virou sucesso em DVD (a versão especial foi considerada o melhor disco digital já produzido) e seus fãs ardorosos ditam frases do roteiro sem pestanejar. Foi o primeiro filme hollywoodiano a encarar os defeitos da sociedade plástica norte-americana, o consumismo e a inércia.

Momento clássico: Tyler Durden olhando a destruição dos prédios pela cidade, enquanto "Where's My Mind", do Pixies, ecoa por toda a sala de exibição. Inesquecível.


Matrix

Showgirls

A Vida de Brian

Corpo Fechado

Momento clássico: Quando descobrimos toda a verdade sobre "o deserto do real".

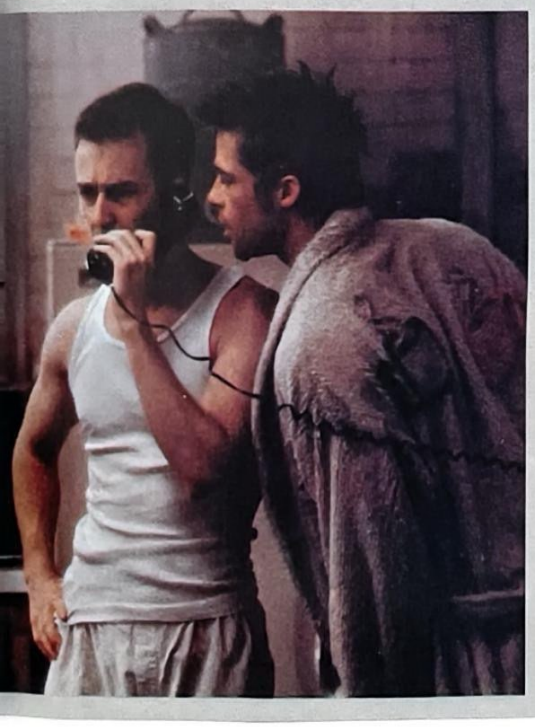
27 SHOWGIRLS (1995)

De: Paul Verhoeven

Show de nudez gratuita, *Showgirls* foi o último respiro de Joe Eszterhas (*Instinto Selvagem*) e a morte pública da honra de Paul Verhoeven. Nada mau para um filme sobre uma dançarina que tenta vencer em Las Vegas.

Por que é cult? Foi um dos maiores ganhadores do troféu Framboesa de Ouro e virou obra cult de tão ruim. Ganhou até uma edição especial em DVD, com direito a uma caixa de luxo e brindes como copos de tequila.

Momento clássico: Qualquer cena com Nomi Malone (Elizabeth Berkley) dançando pelada.



28 A VIDA DE BRIAN (1979)

De: Terry Jones

Brian nasceu no mesmo dia que Jesus, mas não no mesmo lugar – na verdade, sua manjedoura ficava no estábulo vizinho. Mais velho, ele é confundido como um profeta e salvador e, mesmo contra sua vontade, assume o papel.

Por que é cult? É o filme que consolidou Monty Python como o grupo mais genial da comédia. A sátira é tão sensacional que deu origem a musicais e suas canções até hoje são entoadas em teatros.

Momento clássico: Entre as muitas, a cena da crucificação é um delicioso absurdo, com todos cantando "Olhe Sempre o Lado Bom da Vida".

29 CORPO FECHADO (2000)

De: M. Night Shyamalan

David Dunn é um homem perdido. Não gosta do emprego, perdeu a paixão pela mulher e parece cada dia mais distante do filho. Isso muda quando se torna o único sobrevivente de um desastre de trem: Dunn descobre ser invulnerável e tem o poder de reconhecer um vilão só pelo toque. Agradeça ao colecionador de HQs, senhor Vidro, pela notícia.

Por que é cult? Feito logo depois do sucesso de *O Sexto Sentido*, *Corpo Fechado* foi vendido da pior maneira possível, como um thriller sobrenatural assustador. Foi um tombo para quem vinha de um sucesso de 700 milhões de dólares, mas logo o diretor se levantou com a chegada do longa em DVD, quando se tornou rentável e criou fãs que até hoje pedem por uma continuação.

Momento clássico: A primeira missão de Dunn, coberto apenas com um capuz, é tensa, empolgante e original como há muito não se via num filme sobre heróis.

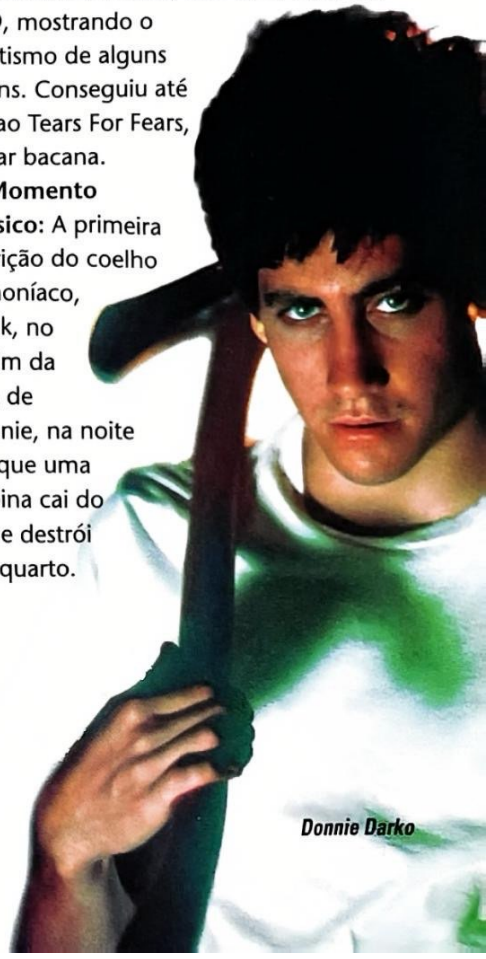
30 DONNIE DARKO (2001)

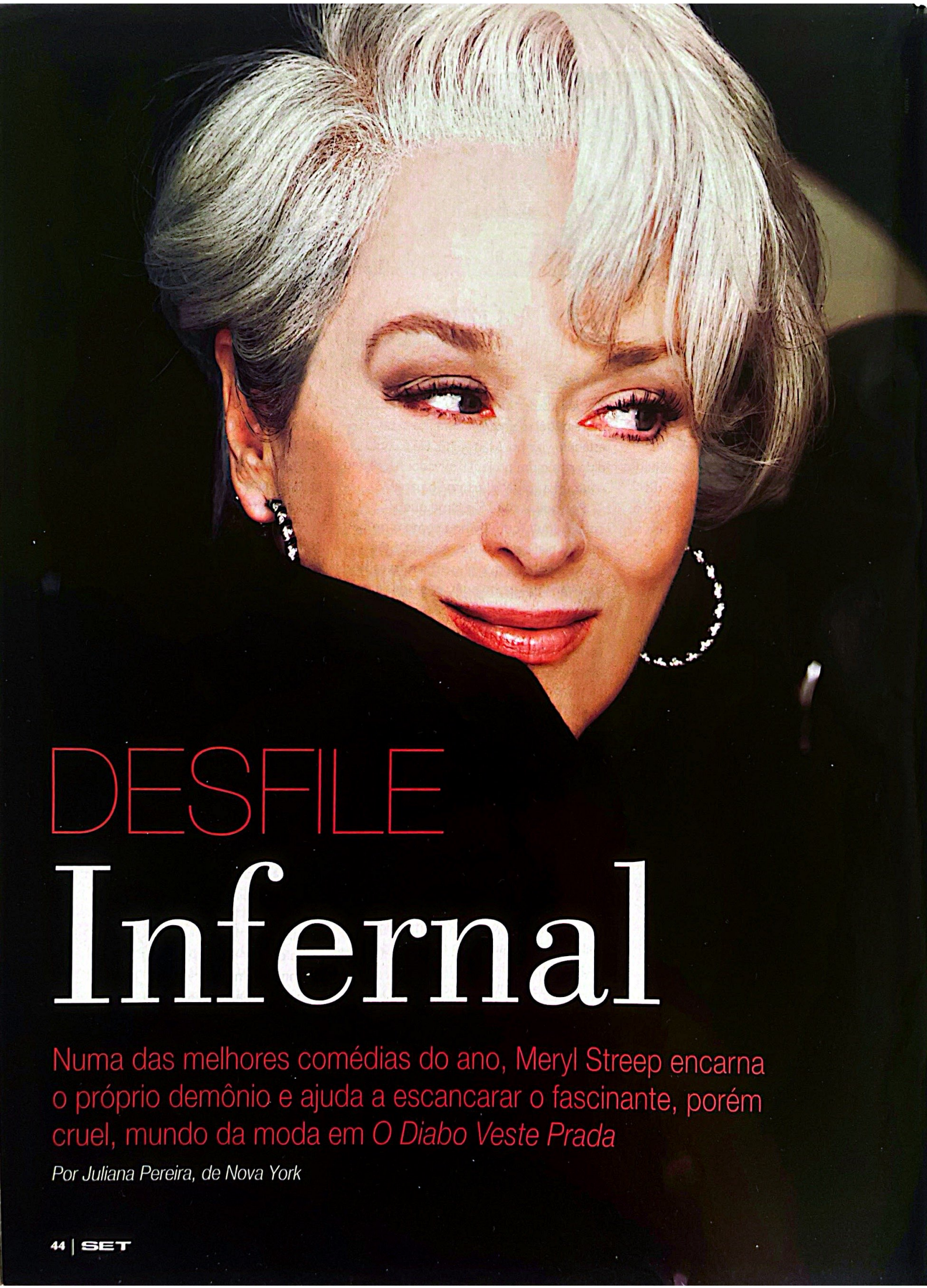
De: Richard Kelly

Numa trama passada em 1988 que envolve metafísica, realidades paralelas e o fim do mundo, Donnie Darko (Jake Gyllenhaal) é perturbado pela visão de um coelho gigante que prevê o apocalipse para poucos dias e o incita a praticar atos de vandalismo numa cidade pacata.

Por que é cult? Lançado nos cinemas há cinco anos, só alguns perceberam a força deste thriller mezzo terror, mezzo filosofia moderna. Aos poucos, os fãs foram aumentando, graças às teorias sobre viagem no tempo e pistas no melhor estilo *Lost* acerca de um grande mistério universal. O longa ganhou uma versão do diretor, que chegou a ser exibido há dois anos, mas fez a festa em DVD, mostrando o fanatismo de alguns jovens. Conseguiu até dar ao Tears For Fears, um ar bacana.

Momento clássico: A primeira aparição do coelho demoníaco, Frank, no jardim da casa de Donnie, na noite em que uma turbina cai do céu e destrói seu quarto.


Donnie Darko



DESFILE Infernal

Numa das melhores comédias do ano, Meryl Streep encarna o próprio demônio e ajuda a escancarar o fascinante, porém cruel, mundo da moda em *O Diabo Veste Prada*

Por Juliana Pereira, de Nova York

Em 2003, Lauren Weisberger já havia perdido o medo das imponentes figuras que orbitam o universo fashion. Perdeu, logo depois, o medo de expô-las e vendeu os direitos dos doze meses de sua vida como assistente da mais importante editora de moda do mundo, Anna Wintour, da *Vogue* americana, ou o Diabo em Prada que deu título ao best-seller *O Diabo Veste Prada*. A curiosidade pela falta de gentileza e humanidade camuflada pelo glamour rendeu o primeiro lugar na lista de mais vendidos do *The New York Times* e edições traduzidas em mais de 27 idiomas. Melhor: serviu de base para uma adaptação de cinema que, apesar de tratar de um tema tão específico, conquistou o público norte-americano, fascinado com o humor negro, encantado pela jovem Anne Hathaway, atiçado pela veterana Meryl Streep num papel certamente digno de ser reconhecido pelo Oscar e, claro, pelo figurino que funciona para curiosos, intrusos ou cidadãos do planeta fashion.

Sim, o figurino é tratado aqui como personagem e dos mais importantes. O cineasta David Frankel já tinha familiaridade com o assunto, pois dirigiu uma dezena de episódios de *Sex and the City*, e sabe como ninguém como funciona a vida dos célebres, graças a seu projeto mais recente para a TV, a série *Entourage*, sobre os bastidores de Hollywood. Foi ele quem trouxe para a produção a figurinista Patrícia Field, responsável pelas produções de Sarah Jessica Parker, para não decepcionar a personagem Miranda Priestly (Streep), a mulher vanguardista de bom gosto que dita moda para o mundo do alto de sua direção de editorial da *RunWay*, a publicação mais relevante sobre o assunto. "Não há ninguém melhor do que Patrícia para equilibrar tendência e construção de personagens", aponta Frankel. Ela e sua equipe de produção coordenaram uma soma milionária em roupas e acessórios de duas dezenas de marcas e estilistas, que enchem os olhos de quem tem alguma afinidade e cobiça pelo tema. Patrícia fez do figurino algo vistoso, sem roubar a cena. Ela convive com os outros personagens que ajudam a caracterizar uma mulher que impõe a autoridade sem usar as palavras, apenas sacudindo peles e balançando bolsas dos melhores e mais importantes estilistas e marcas. "Tive a colaboração absoluta de Meryl para compor uma personagem elegante, com certa extravagância de informação de moda. Mas é claro que ela não aceitou todo o figurino que preparei. Recusou algumas peças, justificando com sua postura e brincando: 'A moda pode ser tão divertida, não?'", conta Patrícia.

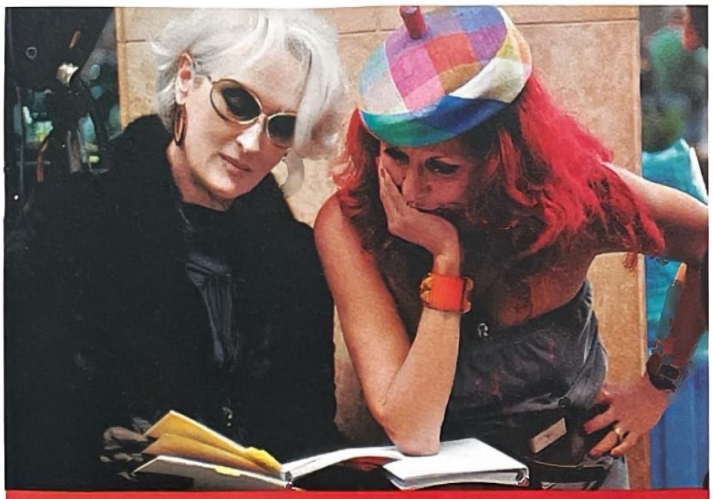
Meryl realmente se divertiu incorporando Miranda. "No primeiro encontro que tivemos, levei três pastas repletas de referências e recortes sobre moda e seus personagens reais", revela a produtora Wendy Finerman. "Quando vi Meryl, pensei: 'Ela vai achar tudo ridículo', mas sua reação foi absolutamente oposta. Adorou e consumiu todo tipo de material acerca de moda que lhe passamos."

ACORDO DE MADAMES

O resultado é uma Miranda que arranca gargalhadas e suspiros de reprovação pela intolerância com o próximo. A "Anna Wintour" de Meryl é divertidamente má, se é que podemos colocar dessa maneira. Desde o início das filmagens, a equipe e o elenco envolvidos fizeram questão de esclarecer que qualquer semelhança com a realidade seria mera coincidência, embora o filme seja inspirado no cotidiano real de Lauren Weisberger. A endiabrada Anna teria reprovado veementemente a adaptação e como sua influência é notória nas decisões da Condé Nast, uma das mais importantes editoras do mundo, um tratado de cavalheirismo sobre negar referências reais foi assinado pelas partes.

A saia-justa

COMPETÊNCIA: ANNE HATHAWAY MOSTRA SEUS DOTES DE SECRETÁRIA MULTIUSO



FIGURINO EM NÚMEROS

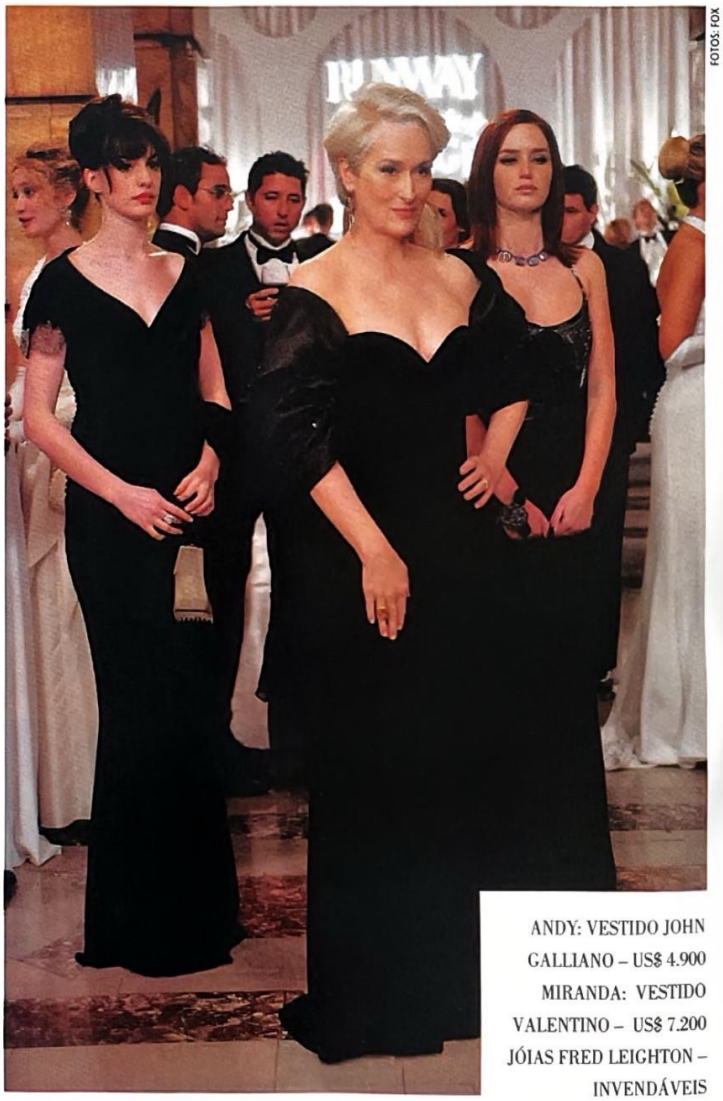
Mais de 60 looks para Meryl Streep e outros 30 para Anne Hathaway. Só os seis mostrados nestas páginas somam mais de 31 mil dólares. Releva-se os coadjuvantes e só aí há mais de 200 peças de roupas e acessórios de nomes do primeiro time da moda. A figurinista Patrícia Field (acima, com Streep) se valeu do seu nome para conseguir empréstimos valiosos, mas veja nas fotos seguintes o valor de cada peça.

começa quando a intratável editora decide contratar uma gordinha esperta e cafona como assistente. O desprezo com que Miranda dispensa Andy Sachs (Anne Hathaway) com uma abanada de mão, após uma olhada de cima abaixo no figurino kitsch, é constrangedora até para quem assiste ao longa no escuro do cinema. Uma resposta inteligente de Andy ao preconceito de Miranda lhe garante o cargo. A correspondente fictícia de Lauren Weisberger, alonga e afina a silhueta e se destaca entre as demais assistentes graças aos neurônios turbinados. Vestida como uma caipira desengonçada, ela encontra espaço para mostrar capacidade e está feita a inserção de uma pretensa jornalista, cheia de princípios e boas intenções, ao inescrupuloso e superficial mundo da moda. Inescrupuloso, superficial e fascinante: em uma hora e quarenta minutos de filme, Andy quase sucumbe ao glamour desalmado e se torna uma herdeira da escola da competência a qualquer custo de Miranda, sacrificando ambições, namorado e a ética.

SACRIFÍCIOS

Se Anna Wintour tinha receio sobre sua reputação de bruxa má, ela se confirma sem boa parte dos detalhes sórdidos e picantes do livro. Assim como algumas situações pessoais de Lauren também foram excluídas mas não suas mudanças. "Adorei realizar essa transformação de prioridades e visual no filme", diz Hathaway, que não é estranha a reviravoltas físicas desde sua estréia em *O Diário da Princesa*. "Confesso que nunca fui muito ligada em moda, mas fiquei enlouquecida com o figurino. Quando a Maison Chanel informou que estavam me dando as peças que usei no filme, amei!", empolga-se a atriz, vestindo um casaquinho assinado pela mademoiselle. O que mais a impressionou, assim como a Emily Blunt, que faz a primeira assistente de Miranda, é o sacrifício em favor da estética. "Tive de emagrecer quatro ou cinco quilos para incorporar as mudanças e foi muito, muito difícil. Assim como passar horas sobre saltos altos. É difícil entender como algumas pessoas submetem a saúde e o conforto à aparência", reclama Anne. Fora isso, o mais assustador para ela foi contracenar com Meryl, um ícone de sua profissão. "Na primeira cena que faço com ela, me senti meio acuada como quando Andy enfrenta Miranda. Mas Meryl foi fantástica comigo. Humana (*risos*), ou seja, bem diferente da personagem." Já Frankel é só elogios a Anne. "Ela tem um brilhante futuro pela frente. É bela e delicada, mas se posiciona com força quando é necessário. Não deve nada a Meryl quando as vemos juntas na tela."

Apesar de ser um filme no qual predominam personagens e temas femininos, *O Diabo Veste Prada* merece a atenção de ambos os sexos. É curioso para os homens entender as minúcias de algumas preocupações essencialmente femininas, além de suas condutas profissionais. Mais que incomum, é divertido. Stanley Tucci que o diga. "Antes desse filme, eu vestia a roupa mais confortável e muitas vezes, a mais fácil de limpar para poder brincar com meus filhos", revela. "Agora já



FOTOS: FOX

ANDY: VESTIDO JOHN GALLIANO – US$ 4.900
MIRANDA: VESTIDO VALENTINO – US$ 7.200
JÓIAS FRED LEIGHTON – INVENDÁVEIS

Acessórios de luxo

Em um século de produção cinematográfica, é possível identificar um acessório por sua importância na trama: uns porque reconstituem períodos históricos, outros porque definem personagens; há ainda os que levam assinaturas famosas; e também os que protagonizam cenas determinantes. Aqui estão os dez mais célebres

FOTOS: DIVULGAÇÃO

SABRINA (1954)
Quando Audrey Hepburn adentra a festa dos Larrabee, travestida de Cinderela, quase flutuando no vestido de baile assinado por Givenchy, conquista definitivamente os irmãos anfitriões. Audrey é campeã no quesito lançar moda no cinema.

GIGOLÔ AMERICANO (1980)
A certa altura, Richard Gere pergunta em frente ao espelho: "Quem está atuando nesta cena, eu ou o paletó?". O texto reforça a importância do figurino na trama em que Giorgio Armani se aventurou a vestir um gigolô de terno e gravata. O traje tradicional dos executivos dos anos 80 servia de disfarce para a atividade pouco convencional do protagonista.

KIKA (1993)
O figurino, assinado por Jean Paul Gaultier, funde-se ao próprio corpo da apresentadora de programa sensacionalista Andréa Caracortada. As cores são dramáticas – predominam preto e vermelho –, o estilo é ciber-retrô e os acessórios hilariantes: uma câmera giratória é acoplada ao capacete e dois holofotes estão embutidos no lugar dos mamilos. O fashion que beira o kitsch salienta o conceito trash dos programas que mostram violência explícita.

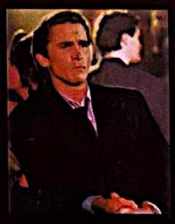
O DIÁRIO DE BRIDGET JONES (2001)
O figurino não é assinado por estilista e não tem arroubos de criatividade. O trabalho da figurinista Rachael Fleming foi caracterizar uma Renée Zellweger usando roupas duas vezes maiores que seu tamanho normal como uma inglesinha sem gosto algum para moda. Mas uma cena fica para a história: Bridget indecisa sobre qual calcinha vestir para a possível noite de amor com seu querido Daniel.

DOLLS (2002)
Os figurinos, criados pelo estilista Yohji Yamamoto, conduzem três tragédias amorosas contadas em *Dolls*. Eles expressam emoções por uma rica comunicação estética que referencia o teatro de marionetes *bunraku*: na ausência da fala, são as cores dos três contos, que acompanham as mudanças de estações no ano e os sentimentos.

INSTINTO SELVAGEM (1992)
A cruzada de pernas antológica da escritora Catherine Tramell denunciou a ausência de figurino e deslanchou a carreira de Sharon Stone. Elegantíssima no terninho branco e salto alto, no ápice do movimento lesbian chic, mostrou que a roupa na maioria das vezes não tem a menor importância como pregava outro movimento de moda da década, o Fuck the Fashion. Já o que há por baixo...

...E O VENTO LEVOU (1939)
O brilhante figurinista Walter Plunkett, de *Cantando na Chuva*, é o homem por trás da cortina de veludo verde transformada em vestido de baile que Scarlett O'Hara usa para impressionar Rhett Butler. O resultado pomposo disfarçou maravilhosamente a barriga vazia.

O PECADO MORA AO LADO (1955)
Foi Travilla quem colocou o vestido branco plissado e decotado histórico em Marilyn Monroe em *O Pecado Mora ao Lado*. A cena do modelito sendo levantado pelo duto de ventilação do metrô é inconfundível: consolidou a loira como símbolo sexual e foi o estopim para sua separação do ciumento craque de beisebol Joe DiMaggio. O modelo se tornou clássico e a imagem também.



PSICOPATA AMERICANO (2000)
Ternos Cerruti, Armani, Valentino para embalar o corpinho sarado e competir com os amigos também yuppies. Quem escolheu os modelos para o psicopata foi Isis Mussenden. O terno era só mais um item de comparação de qualidade, design e preço, a não ser quando alguém o suja por acidente. Aí é razão para assassinato.

MATRIX (1999)
Quando se tornou responsável pelo figurino da trilogia, Kym Barrett tinha apenas dois filmes de experiência. Criou objetos de desejo – em especial os sobretudos e os óculos. Kym os escolheu para serem espécies de camuflagens urbanas em tons escuros, concretos e materiais consistentes. Um uniforme de guerrilha que foi copiado à exaustão. Os óculos sem hastes de Morpheus, desenvolvidos pela Oakley, são uma novidade como há muito não se via.

FOTOS: FOX

ANDY VESTE BLUSA DAVID RODRIGUEZ – US$ 300, CAMISETA MIU MIU – US$ 380, CAP CHANEL – US$ 790, COLAR CHANEL – US$ 420

MIRANDA VESTE TRENCH COAT DONNA KARAN – US$ 1.750, JAQUETA BILL BLASS – US$ 190, BLUSA VALENTINO – US$ 520, CINTO BILL BLASS – US$ 90, CALÇA VERSACE – US$ 1.290

posso até me arriscar em combinações de padrões para terno, camisa e gravata." Tucci é o bendito fruto na redação da *RunWay*. Editor inseparável de Miranda, ele é simpático à inteligência de Andy desde o início e promove sua transformação. É sua fada madrinha, por assim dizer. "Não acredito que fiz um estereótipo do gay fashionista. Antes de ser gay, ele é humano e solidário com os colegas de trabalho, embora submisso a Miranda", descreve. Na escala real, o Nigel, de Tucci, corresponde ao editor da *Vogue*, Andre Leon Talley.

As outras porções masculinas da trama são o namorado de Andy (Adrian Grenier, o Vince de *Entourage*), uma espécie de consciência que a recorda todo o tempo sobre princípios, e o intelectual com quem a moça se identifica um pouco além do jornalismo. Interessante e fúteis, todos circulam numa mesma Manhattan irresistível em suas lojas e butiques, nos edifícios imponentes e ruas ecléticas. É o lugar onde Andy vai tentar construir seu sonho, partindo toda manhã do apartamento pequeno, simplório e suburbano. O limite para esses desejos é Paris, a capital da moda, onde ela vai viver o céu e o inferno e se despedir da chefe que a atormenta. E descobrir que há vida pós-Miranda, embora a malvada pregue que não. Humilhada e desacreditada, Lauren dá o troco expondo os pormenores dos sadismos de Anna e encontra a redenção com o sucesso de seu livro – ainda que ache resistência em assumir as citações reais e não vejamos o resultado disso na trama, bem mais amena que a correspondente literária.

GISELE MÍOPE

Por isso talvez *O Diabo Veste Prada* seja universal: não é um filme sobre moda, é uma história sobre fogueiras de vaidades que queimam em qualquer setor profissional. O assunto que envolve criaturas pitorescas e visuais discutíveis, desejos inexplicáveis e preços impossíveis o torna ainda mais atraente aos mortais. Pessoas capazes de negar o que há de pior no humano em favor de estilo. Até a top brasileira Gisele Bündchen reconhece – numa ponta como secretária e recitando duas frases – que os óculos a fazem parecer mais inteligente que os biquínis do desastroso *Táxi*. Mas, acima de tudo, não estamos falando somente de beleza, estilo e escolhas éticas. O filme não julga suas personagens, mas injeta dimensões a cada uma delas. Afinal, a encarnação do diabo continua fina e grotesca no comando da *Vogue*. E não no inferno.

MIRANDA EM CASACO DENNIS BASSO – US$ 90, SAIA DONNA KARAN – US$ 295, CINTO ROBERTO CAVALLI – US$ 400, ÓCULOS VERSUS VERSACE – US$ 325, BOLSA FENDI – US$ 4.100, SAPATOS HERMES – US$ 560, TOTAL US$ 5.770

ANDY EM LOOK CHANEL – US$ 4.100, BOLSA CALVIN KLEIN –US$ 3.200, SAPATOS MARNI – US$ 360

FILMES FASHION

Filtrada pelas lentes de alguns dos mais importantes cineastas e tratada como documentário ou sátira, a moda vista pelo cinema com olhar absolutamente crítico

O primeiro filme a retratar os bastidores desse universo foi *Cinderela em Paris*, em 1957. Embora a história dirigida por Stanley Donen parecesse romântica e glamourosa, já havia a figura da modelo cabecinha oca e da editora má: Maggie Prescott, vivida por Kay Thompson, era uma citação da real Diana Vreeland que, entre outras coisas, transformou a *Vogue* em referência mundial. Nessa história, protagonizada por Audrey Hepburn e Fred Astaire, ela é balconista de uma livraria onde acontece um ensaio fotográfico e ele, o fotógrafo que cai de encantos pelo rosto da intelectual. Após resistir, Maggie aceita que a balconista seja o novo símbolo da publicação e a mocinha vai a Paris, onde acontece uma rebelião do intelecto contra a futilidade.

Depois dessa representação romantizada, há uma lacuna de quase uma década para que lancem duas produções sobre o assunto. Dessa vez, mais sisudas e ácidas. O legendário fotógrafo e diretor norte-americano, William Klein, acompanha a modelo Dorothy MacGowan, protagonista de *Quem É Você, Polly Maggoo?*, em suas andanças por Paris. O passeio é pretexto para questionar a relevância da produção de moda e satirizar suas prioridades.

Também lançado em 1966, *Depois Daquele Beijo*, de Michelangelo Antonioni, usa o universo da moda para explorar os tormentos do homem moderno. Ele reúne um elenco fictício e real estrelado para circundar o fotógrafo protagonista angustiado com o possível testemunho de um crime. A trama de suspense, em que o tal fotógrafo tenta desvendar um assassinato a partir das ampliações de suas fotos, é salpicada de aparições célebres, como a modelo Veruschka e os músicos do Yardbirds.

Tirando proveito da presença de uma extensa lista de rostos conhecidos – leia-se Claudia Schiffer, Cher, Björk, David Copperfield, Naomi Campbell –, Robert Altman não faz rodeios em *Prêt-à-Porter*. O cineasta aponta a câmera para o lado feio da moda, filmando sua tradicional teia de personagens que participam da semana de moda em Paris no auge da cultura da top model, em meados dos anos 90. A tiração de sarro com o singular mundinho da moda fica escrachada mesmo em *Zoolander*. Ben Stiller dirige e protagoniza o filme de 2001. Ele, na pele e como veículo dos diferentes, porém idênticos, olhares de Derek Zoolander, perde o status de top masculino para Hansel (Owen Wilson). Sofre uma lavagem cerebral que o transforma num agente com a missão de matar o presidente da Malásia. O roteiro canastrão é prato cheio para avacalhar com profissionais de todas as áreas, contando com Jon Voight, David Duchovny e Milla Jovovich.

Se a ficção pode ser cruel com um setor que apesar de fútil é um dos mais importantes na economia mundial, a realidade também apronta das suas. Lançado no ano passado, *Kinky Boots* é inspirado na história real do herdeiro da tradicional fábrica de sapatos inglesa, Price & Sons, que não sabe que fim dar ao negócio do pai falecido. Numa viagem a Londres e circulando pelos inferninhos da capital, ele encontra um promissor nicho de mercado: travestis.

De uma história real britânica para uma brazuca. *Zuzu Angel* estreou em agosto para contar a vida da primeira estilista nacional tipo exportação. A criadora de moda foi pioneira em usar elementos tipicamente brasileiros em suas criações e ainda precursora dos desfiles-protesto. Zuzu explorou a habilidade com os tecidos como elemento de comunicação para para esclarecer a morte do filho militante e expor prisões, torturas e mortes promovidas pelo governo militar chefiado por Emílio Garrastazu Médici.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Megera domada

ENTREVISTA MERYL STREEP

Meryl Streep sugere pouquíssima semelhança com Miranda Priestly, que dá título e fama a *O Diabo Veste Prada*. Mas nesta entrevista em Nova York, ela toma emprestado uma leve tendência às respostas sem rodeios e ao humor pouco gentil da personagem. Meryl pode.

O filme se chama *O Diabo Veste Prada*, mas você não interpretou a antagonista como um diabo, uma bruxa. Qual a sua visão de Miranda Priestly?

Eu só quis criar um ser humano com todas as contradições e confusões que todos nós temos e somos. Penso que ela é uma pessoa focada, perfeccionista, altamente competente, disciplinada e ambiciosa a ponto de não perder tempo com as gentilezas necessárias para tornar o mundo um lugar um pouco mais agradável e divertido. Por isso, ela não é tão legal como muitas mulheres.

Miranda faz um discurso interessante sobre ser uma pessoa que qualquer um gostaria de ser. Como isso se aproxima de sua realidade?

Acho que o objetivo daquele discurso é mostrar o quanto uma carreira pode significar comprometimento e sacrifício da vida privada. Do ponto de vista de Miranda, ela quer sempre se superar e isso demanda muito de todos os aspectos de sua vida.

Você já teve de fazer esse tipo de sacrifício?

Não, o showbiz tem sido generoso comigo. Concilio trabalho e períodos de pausa. Sou bastante indisciplinada e exatamente o oposto da personagem em muitos aspectos. Mas eu a entendo como mulher e admiro algumas de suas características.

Conte como construiu essa personagem a partir delas.

As pessoas nas quais me inspirei... infelizmente, não há mulheres suficientes no poder, ou eu não as conheço para usar como referência. Comparada às pessoas que conheço, Miranda é muito comportada. Ela se assemelha mais a uma diplomata, se comparada a algumas pessoas realmente poderosas no nosso ramo. Conheço o livro escrito pela assistente de Anna Wintour, no qual o filme foi baseado, mas como o objetivo não era fazer um documentário, foi muito mais divertido criar a megachefona a partir de minhas próprias experiências.

Você teve assistentes das quais se orgulhou, mesmo depois de não trabalhar mais com elas?

Sempre tive assistentes muito melhor qualificadas do que o trabalho exigia, e eram pessoas incríveis. Tive muita sorte. Uma delas saiu para fazer trabalhos muito interessantes. Sou muito orgulhosa por isso.

Há algo que possamos aprender com Miranda?

Humm, não sei. Esse não é filme educativo.

Como o figurino ajudou na definição da personagem?

É notório que sou uma mala para qualquer figurinista, porque sempre tenho uma opinião sobre como meus personagens devem se apresentar. Também acredito que nos expressamos e nos mostramos para o mundo a partir do que escolhemos para cobrir nossos corpos. Para mim, roupas são espécies de personagens. Não acompanho as tendências de moda, nem entendo do assunto. Mas depois de trabalhar nesse filme, entendo de marketing mais do que nunca.

Como manter o orçamento e usar roupas caríssimas?

Tudo o que vesti foi uma conquista da produção imensa de Pat Field, porque ela não tinha orçamento para tamanho trabalho. Já usei essa analogia antes e não vou me esforçar para pensar em outra: decidem fazer um filme espacial numa garagem em New Jersey. Eles não reservam uma parte do orçamento para construir a aeronave e as roupas são caríssimas. Em *O Diabo Veste Prada*, uma das bolsas custava 12 mil dólares. É inconcebível para mim. E tinham várias outras bolsas com esse preço no figurino. Daí, uma de 4 mil dólares acabava parecendo uma pechincha. Você é obrigada a reajustar toda a sua forma de pensar. Para dar conta do trabalho, Pat usou todos os seus conhecimentos e usufruiu dos bons contatos que tem com as marcas e estilistas que nos emprestaram parte de suas coleções e peças de arquivo. Todos foram muito generosos e conseguimos o desejado. Tivemos três semanas para coordenar tudo. Ao final, tive pouco mais de 60 figurinos e cada qual com seus sapatos, acessórios. Tudo servindo impecavelmente. Foi bastante cansativo para mim.

Frases como "O manequim 34 é o novo 42" a afetam de alguma maneira?

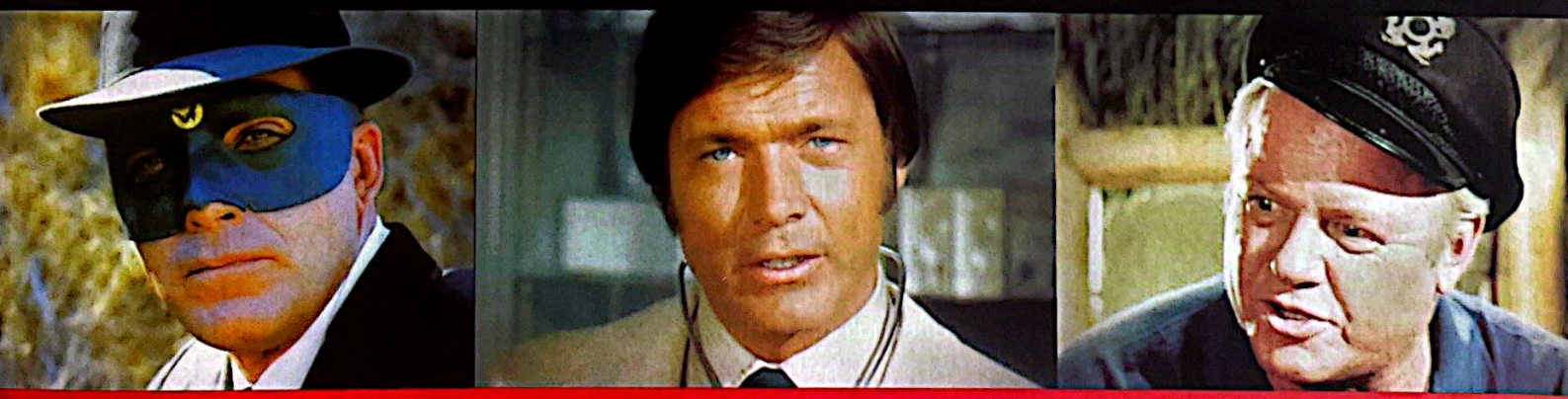
Penso sobre isso diariamente. Sim, claro, eu tenho três filhas e também já fui adolescente. Para mim, a moda tem alguns conceitos bastante destrutivos.

Você diria que este é um filme feminista?

Bem, essa seria uma ótima maneira de afastar o público (*risos*).•

SEIS BONS MOTIVOS PARA RELEMBRAR.

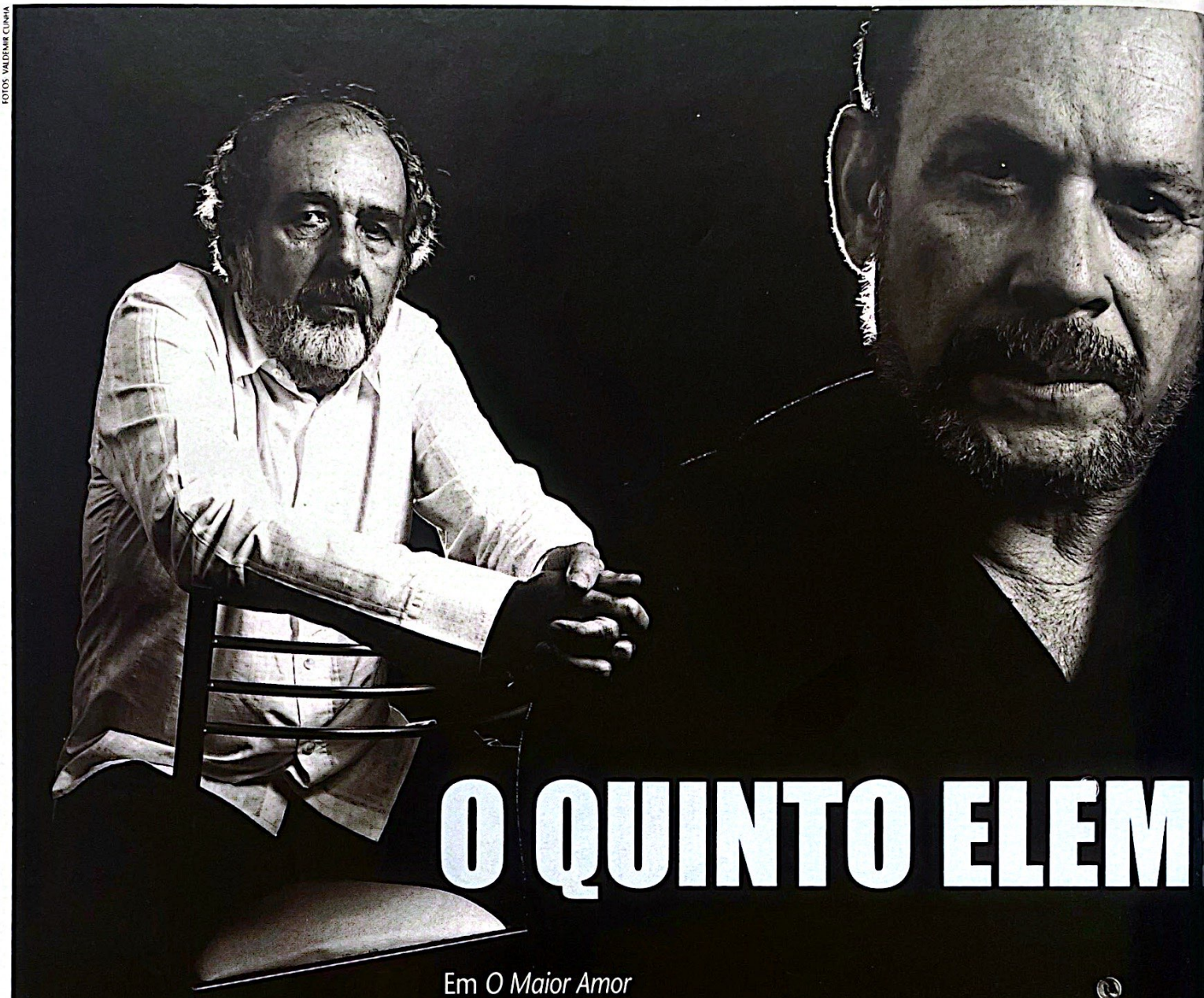
SÓ UMA MANEIRA DE ASSISTIR.



TCM
CLASSIC HOLLYWOOD

www.tcmla.com

FOTOS VALDEMIR CUNHA



O QUINTO ELEM

Em *O Maior Amor do Mundo*, Cacá Diegues e José Wilker celebram a quinta parceria falando de cinema brasileiro e os dilemas enfrentados por quem filma, interpreta e até arrisca uma incursão na crítica

Por Alessandro Giannini

O *Maior Amor do Mundo* é o 16º longa-metragem de Cacá Diegues, o 48º interpretado por José Wilker e a quinta parceria entre ambos. Juntos, Cacá e Wilker fizeram *Bye Bye Brasil* (1980), *Xica da Silva* (1976), *Um Trem para as Estrelas* (1987) e *Dias Melhores Virão* (1990). No novo filme, definido pelo diretor como um "road movie" pelo interior do Rio de Janeiro, Wilker faz o papel de Antônio, astrofísico brasileiro radicado nos Estados Unidos que volta ao país para receber uma comenda.

Os dois parceiros e amigos receberam a reportagem de SET numa das salas do distribuidor do filme, em São Paulo. Depois de uma longa negociação para reuni-los, a dupla não economizou verbo. Durante uma hora, falou do filme, de cinema brasileiro, de política cultural, de renovação e de ética.

Quando você apresentou *O Maior Amor do Mundo*, disse que foi feito muito rapidamente. Mas ele é muito elaborado para isso.

Cacá Diegues – Eu terminei *Deus É Brasileiro* sem nenhuma idéia para outro projeto. O filme foi lançado em 2003 e, no primeiro semestre de 2004, surgiu na minha cabeça o personagem do Wilker, o Antônio. Ele é filho de um personagem que tem no *Deus É Brasileiro*, que aparece bem rapidinho, um homem que não quer morrer e fica quebrando as coisas num quarto – a gente quase não o vê, só se ouve falar nele. Eu construí o filme em torno dessa figura. Entre escrever e começar a filmar, não se passaram dezoito meses. Em cinema, isso é muito instantâneo.

Quando você escreveu o personagem, já estava pensando no Wilker?

C.D. – Sempre pensei nele. Aliás, o roteiro nem estava pronto quando liguei para ele a primeira vez. Não sei escrever para o vazio. Mesmo que o ator não faça o filme. Às vezes, nem é o ator, é um amigo ou outra pessoa que eu conheço, e dou esse rosto ao personagem. Não consigo escrever abstratamente. É como o público: não escrevo para o público, que não tem rosto. Eu penso no outro, no Wilker, em você, na minha mulher. Nesse caso, fui muito feliz, porque a pessoa para quem escrevi fez o filme.

É o quinto longa que vocês dois fazem juntos. Já ficou fácil?

José Wilker – O Cacá disse que tinha uma história para filmar. Mas que não me assustasse, porque era uma história bem diferente de tudo o que a gente tinha feito. Eu li e achei fascinante. Só não sabia o que fazer com o personagem. Aquela pessoa difícil, cheia de arestas, morrendo, ávido por entender os acontecimentos ao redor. E num momento em que eu estava fazendo algumas coisas que me exigiam pouco como ator. Ou melhor, fazendo coisas que tocavam em uma parte minha como ator e como pessoa que eram muito fáceis. As coisas faziam muito sucesso, mas não era um troço que me desafiasse, que me provocasse, ou que me fizesse visitar determinados territórios de minha vida, minha cabeça ou de minha percepção que não via normalmente.

O Antônio tem medo de sujeira, de se aproximar das pessoas. Como criou esse personagem e por que se decidiu pelo Wilker?

C.D. – Quando chamo um ator para fazer um filme ou quando imagino que um ator pode fazer um personagem, passa a ser ele. É necessário ajudá-lo a modificar sua biografia. Achei que esse papel ia ser um desafio interessante para o Wilker porque ele é um ator cheio de vitalidade fazendo um personagem que é o contrário disso tudo. No caso do personagem, claro que tem muita coisa dramatúrgica. É a história de um homem que passou a vida inteira estudando e tentando entender as regras que controlam o universo e não olhou o que tinha em volta dele. Uma pessoa que perdeu a vida por excesso de razão. Isso gera a misoginia, a solidão, a relação mesquinha com as pessoas. Eu e o Wilker conversamos muito com Dráuzio Varella e com Marcelo Gleiser. Foram dois colaboradores importantes.

J.W. – Muitos atores conseguem explicar com facilidade como fazem a ponte entre a concepção e a realização do personagem. Eu não sei. Esse trajeto entre um ponto e outro é um mistério que quero preservar, para o meu conforto pessoal, ainda que depois possa teorizar a respeito. O Dráuzio falou algo que me ajudou imensamente: esse tipo de doença faz com que as pessoas percam a noção de algumas linhas. Perde-se a capacidade de ver determinadas retas ou formas. Na verdade, a coisa mais constante para mim nesse trabalho foi uma necessidade interna de fazer tudo para recuperar determinadas formas. A economia do personagem para mim era uma briga interna enorme para poder ver as retas, as curvas e as formas que ele estava perdendo.

Quando o filme volta no tempo, há uma discussão sobre a opinião do Antônio com relação à luta armada – ele não se interessava pelo que estava acontecendo. Por quê?

C.D. – Eu estava fazendo um filme sobre uma pessoa que, ao longo da vida, se isolou do mundo, não se interessa por ninguém, não quer saber de ninguém. Uma pessoa que se isola cada vez mais no seu desejo de olhar para o universo – e tentar entender como é possível controlá-lo – e pouco se lixa para o que acontece ao seu lado. Essa pessoa não pode ter nenhum interesse por uma revolução social. As pessoas que foram para a luta armada eram 0,01 por cento da juventude da época. A maioria estava mais próxima da reação de Antônio do que a de Franklin, o guerrilheiro. E também não sei se pegar em armas era a solução política mais correta. Mas não é isso que estou discutindo no filme. Isso não tem a menor importância ali. O que interessa é um sujeito que não tem o

menor interesse pelo que se passa à volta dele e acha que se interessar é uma besteira.

J.W. – Na luta armada, conheci uma quantidade notável de pessoas que se envolveram naquilo, mas era muito estranho, porque me parecia que não levava a lugar nenhum. Naquele momento, estava passando por uma espécie de reviravolta. Até então, não me sentia à vontade como ator. Foi lá por 1970 que aceitei ser ator.

C.D. – Na verdade, devemos respeitar e admirar pessoas que sofrem e arriscam suas vidas em nome de uma idéia. Mas elas não estão necessariamente certas. Eu achava que a luta armada não era uma saída para a ditadura no Brasil. Essa briga foi vencida pelas lutas legais, por exemplo, dos operários do ABC. Isso mudou o Brasil. A luta armada criou heróis, mártires, pessoas cuja memória devemos respeitar pela ousadia, pela dedicação, mas elas não estavam politicamente certas.

Com tudo o que está acontecendo no cinema brasileiro, você acha que está havendo renovação?

C.D. – Tenho 66 anos e, com 20 anos, dirigi (*um dos episódios de*) *Cinco Vezes Favela*. Quer dizer, tenho 44 anos de carreira cinematográfica. Ao longo desse período, vivi umas cinco ou seis retomadas, tanto como espectador quanto como cineasta. Eu tenho o maior orgulho de ser um dos fundadores do Cinema Novo, mas não sinto nenhuma nostalgia e acho que é irreprodutível nos dias de hoje. Cada coisa tem seu tempo, tem sua época. Em 1963, quando fiz meu primeiro filme, *Ganga Zumba*, foram lançados quatro filmes brasileiros. Este ano, a nossa produção deve chegar a uns sessenta filmes. Jamais na minha vida vi tanta diversidade. Nunca vi uma soma de talentos sucessivos aparecer. A Lei do Audiovisual, insuficiente para resolver o problema como um todo, mas suficiente para levantar filmes, fez com que começassem a aparecer diretores de cinema em todas as partes do Brasil.

J.W. – São setenta novos diretores.

C.D. – Acho até que o número é maior. Não vou citar nomes, porque posso me esquecer de alguém. Mas você sabe que, de Walter Salles, o primeiro a se revelar no início da retomada, até os recentes Marcelo Gomes e Sérgio Machado, há dezenas de jovens realizadores, alguns com muito talento fazendo verdadeiras obras-primas. Agora, a economia do cinema – não só no Brasil, no mundo todo – é muito frágil e, ao mesmo tempo, muito sofisticada. Qualquer besteira que se faça destrói tudo isso. Não existe lugar do mundo em que o Estado não participe do cinema, inclusive nos Estados Unidos, a pátria do neoliberalismo. Sou um homem dos anos 60. Não acho que baste apenas fazer bons filmes. É preciso realizar uma cinematografia nacional. E isso se constrói com qualidade, diversidade e permanência. É necessário que o cinema brasileiro se torne uma atividade permanente no país. E só pode ser assim se existirem esses filmes que dão milhões em bilheteria e, ao mesmo tempo, outros que não dão muita bilheteria. Os filmes têm de ter existência social, precisam servir para alguma coisa. Vou lhe dar um exemplo: *Terra em Transe* foi um dos maiores fracassos do Cinema Novo. Mas está em cartaz até hoje. Influenciou a cultura brasileira inteira.

O Bandido da Luz Vermelha...

C.D. – *O Bandido da Luz Vermelha*, a mesma coisa. É claro que a gente não pode viver só disso.

A sua posição, Wilker, é um pouco delicada, porque você é presidente da distribuidora Riofilme e está em contato com todas as insatisfações de várias gerações de cineastas.

J.W. – Renovação, sem dúvida, tem havido. A quantidade de novos cineastas surgida no Brasil, e de bons cineastas, é impressionante. Em poucos países do mundo existe isso. Agora, eu gostaria que a gente tivesse janelas de visibilidade maiores. Creio que há algumas iniciativas. Uma delas passa por a gente ter uma rede de exibição maior. Há 25 anos, trinta anos, a gente vendia 220 milhões de ingressos. Hoje, vendemos 100 milhões. Isso significa que um percentual baixíssimo de pessoas vai ao cinema. Acho que não chega a 10 milhões, não é isso?

C.D. – O cálculo que a gente faz é que a população cinematográfica no país é de 10 milhões de pessoas.

J.W. – Existe um empenho oficial de instalar um circuito de exibição diferenciado. Há, por parte do Governo Federal, um empenho em compreender que existem outras áreas da administração que têm uma ligação direta com o cinema e que ainda não perceberam essa ligação – Ministério da Fazenda, Turismo, Indústria e Comércio. Acho que já começou a ficar claro para as pessoas que as salas de cinema não são as únicas alternativas para se ver filmes brasileiros.

Wilker, você é ator, presidente da Rio Filme e ainda consegue ser crítico. Como conjuga todas essas coisas?

J.W. – Desde que comecei a trabalhar como ator, eu fiz de tudo, sempre fui muito curioso. Quando fui chamado a falar sobre cinema, assumi o seguinte compromisso: não se trata de ser um crítico, mas uma pessoa que divide uma paixão com as outras. Não passa pela minha cabeça me arvorar em um caminho pouco ético, porque não me interessa esse ofício de crítico. Por isso, sempre começo os comentários dizendo: "Duvide de mim. Essa é a minha opinião, mas vá lá e confira". Esse é o modo de olhar de alguém que faz isso, mas não é lei. Ainda assim, corremos o risco de as pessoas nos levarem a sério (*risos*). •

FILTRO

o guia de entretenimento

CINEMA 50
DVD & VÍDEO 60
TELEVISÃO 70
MÚSICA 76
LIVROS & HQS 78
GAMES 78
EQUIPAMENTOS 80

LIVROS & HQS

NAUSICAÄ

78

Mangá de Hayao Miyazaki, gênio por trás de *A Viagem de Chihiro*, discute ecologia e política com verniz de fantasia

CINEMA

AS TORRES GÊMEAS/ VÔO 93

56

O terror dos ataques de 11 de Setembro de 2001 aos Estados Unidos ganham os cinemas em duas superproduções hollywoodianas que se completam

DVD & VÍDEO

TUDO PELA FAMA

62

Comédia com Hugh Grant que tira um sarro dos programas de calouros perde o bonde das telonas e vai direto para as locadoras

TELEVISÃO

TWILIGHT ZONE

70

Uma das séries mais cultuadas da TV estréia na programação do TCM, ao lado de outros clássicos como *A Ilha dos Birutas*, *Túnel do Tempo* e *O Besouro Verde*

MÚSICA

MUSE

76

Os discípulos do Radiohead aumentam a rotação, incrementam seu rock épico com batidas dançantes e ganham de vez o espaço sideral em novo disco

SET sem fio

Receba as dicas do FILTRO em seu celular Envie agora para o número 55000 uma mensagem com o texto LIG FILTRO. Você receberá as estréias de cinema, TV e DVD em seu celular via SMS. Disponível para celulares Oi e CTBC. Sete notícias por semana, apenas R$ 0,15 por mensagem.

IMAGENS: DIVULGAÇÃO

A arma e a vítima: os passageiros conspiram no *Vôo 93* e Nicolas Cage entra no World Trade Center prestes a desabar

UNIDOS PELA TRAGÉDIA

Vôo 93 e *As Torres Gêmeas* mostram as faces do terror no fatídico 11 de Setembro *Por Ricardo Matsumoto*

UNITED 93, EUA, 2006. DE PAUL GREENGRASS. COM CHRISTIAN CLEMENSON, TRISH GATES, POLLY ADAMS. 91 MIN. WWW.UNITED93MOVIE.COM. ***WORLD TRADE CENTER***, EUA, 2006. DE OLIVER STONE. COM NICOLAS CAGE, MICHAEL PENA, MARIA BELO, MAGGIE GYLLENHAAL. 125 MIN. WWW.WTCMOVIE.COM. UIP. DRAMA

Cinco anos se passaram desde que o "11 de Setembro" se tornou uma mancha na História. Por meio das telas da TV, o mundo acompanhou em choque a trágica seqüência de acontecimentos que envolveu aviões seqüestrados e culminou na destruição de parte do Pentágono e na queda de um dos símbolos americanos mais famosos, o imponente World Trade Center, em Nova York. De lá para cá, muita coisa mudou. Houve um período de desconfiança e medo, mas pouco a pouco as coisas voltaram a um cotidiano mais vigilante. Teria chegado a hora de o cinema remexer na ferida? Se depender de *Vôo 93* e *As Torres Gêmeas*, é possível que sim. Com essas duas produções, o público tem a chance de ver o atentado terrorista por meio de ângulos diferentes. Apesar dos contrastes, ambos se completam.

Vôo 93 é o melhor deles. Tenso, claustrofóbico e eletrizante, o filme leva o espectador a uma autêntica viagem sem volta. Você sabe como a trama termina, mas é impossível não se envolver com o drama dos passageiros do avião da United, que rumava para Washington e caiu antes de chegar ao seu destino. A história ficou famosa depois que alguns dos reféns conseguiram ligar para seus familiares e relatar o que estavam passando. O diretor Paul Greengrass (o mesmo de *Domingo Sangrento* e A *Supremacia Bourne*) usa com maestria seu estilo documental – com câmeras de mão acompanhando a ação – para criar um clima sufocante. Recebeu ajuda de familiares das vítimas para escrever o roteiro e fez uma obra forte e ao mesmo tempo extremamente respeitosa.

Oliver Stone nunca escondeu que fez *As Torres Gêmeas* para homenagear todos aqueles que morreram naquele dia no World Trade Center. Despido de qualquer tipo de leitura política, o diretor preferiu se limitar a contar a emocionante história dos policiais John McLoughlin (Nicolas Cage) e Will Gimeno (Michael Pena, o chaveiro chicano de *Crash – No Limite*), que integraram as equipes de salvamento e acabaram soterrados quando as torres desabaram. O filme acompanha as longas horas que os dois passaram sob os escombros, imóveis e incapazes de se comunicar com o mundo exterior. Stone também dá destaque para o drama dos familiares, em especial das esposas da dupla (vividas por Maria Belo e Maggie Gyllenhaal), mas evita exagerar nos clichês, especialmente nos flashbacks. Em tempo: se você achar que o ex-militar que aparece para ajudar no resgate é invenção dos roteiristas para dar um ar mais patriótico ao filme, está redondamente enganado. Ele realmente existiu e logo depois foi reintegrado ao Exército e enviado para o Iraque.

VÔO 93: 9

AS TORRES GÊMEAS: 8

A CASA MONSTRO

MONSTER HOUSE, EUA, 2005. DE GIL KENAN. COM VOZES ORIGINAIS DE STEVE BUSCEMI, MAGGIE GYLLENHALL, JASON LEE, KEVIN JAMES. 91 MIN. WWW.MONSTERHOUSE-MOVIE.COM COLUMBIA. **ANIMAÇÃO**

O medo do desconhecido é o tema central desta animação por computador voltada para o público infanto-juvenil, uma faixa etária há muito esquecida pelos principais estúdios que trabalham com desenhos. O diretor Gil Kenan baseou-se nas suas experiências de criança, período em que qualquer coisa estranha desperta desconfiança, medo e uma série de idéias malucas. No caso do trio de personagens que protagoniza o filme, o objeto de repulsa é uma casa maltratada, com um jardim impecável, habitada por um velho recluso e rabugento. Os dois amigos e a menina que os acompanha tecem milhares de teorias a respeito do que se passa ali. Mas ninguém acredita. Até que as circunstâncias provam o

COLUMBIA

"Esta casa é de um tal de Voldemort"

contrário. Uma aventura na tradição de *Os Goonies*, que celebra a imaginação e todas as dificuldades dessa fase de transição. ***Alessandro Giannini***

NOTA: 7,5

DOIS É BOM, TRÊS É DEMAIS

YOU, ME AND DUPREE, EUA, 2006. DE ANTHONY E JOE RUSSO. COM OWEN WILSON, KATE HUDSON, MATT DILLON, MICHAEL DOUGLAS. 108 MIN. WWW.YOUMEANDDUPREE.COM. UIP. **COMÉDIA**

Assim como Vince Vaughn, Owen Wilson aproveitou o empurrão de *Penetras Bons de Bico* para faturar uns trocados a mais. Mas, ao contrário do inteligente *Separados pelo Casamento*, Wilson optou pelo caminho da comédia ligeira. *Dois É Bom, Três É Demais* abusa de sua imagem de

BUENA VISTA

"Owen, já fui indicado para o Oscar, sabia?"

eterno adolescente no papel de Dupree, que perde o emprego e a casa ao ir para o Havaí acompanhar o casamento de seu melhor amigo, Carl (Matt Dillon). A culpa faz com que Carl abrigue Dupree em sua casa, e não demora muito para que a convivência com os recém-casados se torne uma guerra. Wilson usa ao máximo seu charme juvenil, mas a obra nunca vai além das risadas amarelas – evidência que, para o ator, está na hora de trocar o disco. ***Roberto Sadovski***

NOTA: 4

O FAVOR

EL FAVOR, ARGENTINA, 2005. DE PABLO SOFOVICH. COM JAVIER LOMBARDO, VICTORIA ONETTO, BERNARDA PAGÉS, MARIANA BRISKI. 90 MIN. WWW.ELFAVOR.COM. FILM CONNECTION. **COMÉDIA**

Comédia de erros tradicional, *O Favor* acompanha o plano atabalhoado de um casal de mulheres gays para conseguir um filho. Roberta (Victoria Onetto) e Mora (Bernarda Pagés) convidam o irmão de uma delas, de passagem por Buenos Aires, para jantar e obter dele a única coisa que lhes falta. Felipe (Javier Lombardo) logo percebe que há algo de errado com a oferecida amiga da irmã. As coisas se complicam quando chegam para o jantar, quase ao mesmo tempo, a noiva dele e um empresário com quem deve fechar um negócio. Sofovich resgata uma tradição quase teatral desse tipo de comédia. Mas a despeito de boas interpretações, força a barra na tensão sexual entre as duas atrizes principais. ***A.Gn.***

NOTA: 4

ABISMO DO MEDO

Suspense sangrento prova que o melhor terror do Ocidente está na Inglaterra

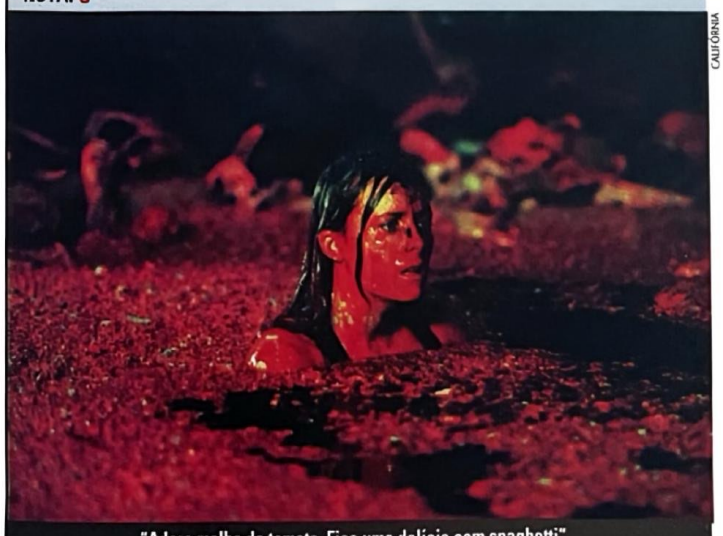
THE DESCENT, INGLATERRA, 2005. DE NEIL MARSHALL. COM SHAUNA MACDONALD, NATALIE MENDOZA, ALEX REID, SASKIA MULDER. 99 MIN. WWW.THEDESCENTTHEMOVIE.CO.UK. CALIFÓRNIA. **TERROR**

Salvo algumas exceções, como *O Albergue*, Hollywood parece ter perdido a mão para o gênero do terror. Mais do que perder, acabou por gangrenar. Tanto assim que os últimos bons exemplares vieram de remakes de clássicos (*Madrugada dos Mortos*) e exemplares orientais (*O Chamado*), ou de seqüências saudosistas (*Terra dos Mortos*). Mas nas terras além-mar, o gênero parece fervilhar no caldeirão do próprio demônio. Vem da Inglaterra (berço da saudosa Hammer e do paranóico *Extermínio*) *Abismo do Medo*, uma boa remessa de sangue para o ultimamente anêmico cinema de horror. A premissa é simples: um ano depois de perder marido e filha em trágico acidente, a aventureira Sarah (Shauna Macdonald) reúne as amigas para a exploração redentora numa caverna nos confins dos EUA. Durante a descida pelas profundezas soturnas do local, as seis amigas percebem que não estão sozinhas.

É na direção claustrofóbica e quase documental de Neil Marshall – autor dos lobisomens-soldados de *Cães de Caça* – que está o grande trunfo de *Abismo*. As seqüências são tão sufocantes que, quando não se passam em cubículos rochosos, estão embebidas em hemoglobina ou envoltas em ossos. O grande barato dessa jornada é que por mais que o público saiba que o susto está por vir, ainda assim é pego na armadilha sem conseguir evitar os saltos quase ornamentais nas cadeiras. *Abismo do Medo* rendeu a Marshall o prêmio de melhor diretor no British Independent Films. Vale lembrar que, para passar no crivo americano o filme ganhou um final, pode-se dizer, mais leve. O público brasileiro herda, felizmente, a "cópia para machos".

Arianne Brogini

NOTA: 8



CALIFÓRNIA

"Adoro molho de tomate. Fica uma delícia com spaghetti"

CALIFÓRNIA

"Aqui é o teste para *Os Saltimbancos?*"

ELEIÇÃO – O SUBMUNDO DO PODER

HAK SEWUI, HONG KONG, 2005. **DE** JOHNNY TO. **COM** SIMON YAM, TONY LEUNG,LOUIS KOO, NICK CHEUNG. 99 MIN. CALIFÓRNIA. **AÇÃO**

Johnny To é a bola da vez no cinema chinês de Hong Kong. E quem o ajudou a ser elevado a essa categoria foi ninguém menos que Quentin Tarantino. O obsessivo diretor de *Kill Bill* identificou em To não só a herança do virtuosismo dos grandes diretores chineses, como viu também originalidade e personalidade na criação de imagens e seqüências inesquecíveis. Neste filme, no entanto, esses momentos são mais econômicos, embora não menos impressionantes. Tudo por que a trama gira em torno de uma luta de poder dentro da Tríade, como é chamada uma das ramificações da máfia chinesa, na época em que são promovidas eleições oficiais. Pode-se dizer que o cineasta aplicou o cinema noir na ação chinesa. Pode parecer trivial, mas para uma cinematografia tão influenciada por sua história e seus ídolos, certamente não é. ***A.Gn.***

NOTA: 8

FICA COMIGO ESTA NOITE

BRASIL, 2006. **DE** JOÃO FALCÃO. **COM** VLADIMIR BRICHTA, ALINNE MORAES, LAURA CARDOSO. 73 MIN. BUENA VISTA. **COMÉDIA**

A transição do teatro para o cinema está se mostrando mais sinuosa para João Falcão, responsável por *A Máquina*. Em seu segundo longa, o pernambucano escolhe novamente adaptar uma peça teatral e, apesar de todas as boas intenções, derrapa feio. Primeiramente, Falcão não sabe ainda qual personalidade deseja ter em película. O romance/comédia começa com um clima pop meio forçado (gibis de Frank Miller e alternativas adornam cenas), depois quer ganhar um ritmo meio *Antes do Amanhecer* (longos diálogos filosóficos entre amantes), passa por uma cenografia meio Tim Burton (uma seqüência é claramente sugada de *Os Fantasmas Se Divertem*) e termina querendo ter a alma brega-emocionante de um Pedro Almodóvar. Mas não foi desta vez que o balaio deu certo. Vladimir Brichta não convence como um nerd líder de banda (apesar de ser ótimo nos momentos cômicos) e os diálogos parecem falsos, como se o mundo fosse habitado por poetas portugueses do começo do século passado. A grata surpresa recai nos ombros de Alinne Moraes, que se mostra bem mais relaxada na telona e injeta uma dose de humanidade na trama que, assim como suas personagens, vive num limbo entre a comédia sem gargalhadas e o romance sem lágrimas. ***R.SI.***

NOTA: 5,5

BUENA VISTA

"Sou galã da Globo, mas escrevo HQs"

EU ME LEMBRO

BRASIL, 2006. **DE** EDGARD NAVARRO. **COM** LUCAS VALADARES, FERNANDO NEVES, ARLY ARNAUD, WILSON MELLO. 108 MIN. PANDORA. **DRAMA**

PANDORA

"Ai, estou com pulgas nas roupas!"

Grande vencedor do último Festival de Brasília, com seis Candangos, inclusive o de melhor filme, *Eu Me Lembro* marca a entrada tardia do baiano Edgard Navarro na direção de cinema. Uma estréia na tradição felliniana de *Amarcord*, filme ao qual foi exageradamente comparado durante o festival. Na verdade, o único parentesco entre os dois longas é a tradição memorialista. Fora isso, Fellini tem um olhar mágico do qual Navarro, por mais afeto que coloque em suas imagens, passa muito longe. Sua

GANHADORES DA PROMOÇÃO

- LUÍZ GUSTAVO MENANI – APUCARANA-PR
- JULIO HENRIQUE SILVA MAZIERO – PINDAMINHANGABA-SP
- MALCON ITACORUMBI – FLORIANÓPOLES-SC
- JOAQUIM AUGUSTO AMARAL SALLES – RIO DE JANEIRO-RJ
- MARCELO CARVALHO DE OLIVEIRA –CAMPINAS-SP

PONTO CRÍTICO

	Arianne Brigini Sexy	Celso Sabadin Cineclick/Rádio Eldorado	Christian Petermann Guia da Folha/Istoé Gente	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Luiz Antonio Giron Época	Marcelo Forlani Omelete	Maria Candida Rede Record	Miguel Barbosa Veja São Paulo	Sérgio Rizzo Folha de São Paulo	Pablo Villaça Cinema em Cena	SET	MÉDIA
O ARCO	–	7,5	5,5	8,5	8	–	–	9	–	–	8	8
ANJOS DO SOL	–	–	6	5	8	7	7	4	–	–	5	6
ASTERIX E OS VIKINGS	–	7,5	–	–	7	–	8	–	–	–	8	7,5
CLICK	7	5	4,5	7,5	8,5	6	7	5,5	6,5	6,5	5,5	6,5
GEORGE, O CURIOSO	7	7	7	7	–	–	–	6,5	–	6	6	7
MURDERBALL	–	6	–	–	4	–	–	8,5	–	9	9	7
PIRATAS DO CARIBE – O BÁU...	8	7,5	5	2	6	9	8,5	6,5	7	8,5	7,5	7
TERROR EM SILENT HILL	6	8	4	–	–	6	–	–	–	8	3	5
TRAIR E COÇAR	4	–	–	–	3	6,5	7	3	5	–	2	5
VERDADE NUA	7	9	5	7	8,5	–	–	7	5,5	6	7	7

visão de passado tem nostalgia, mas também tem crítica, o que o torna especial em um universo que às vezes carece desse senso. Talvez seja um dos grandes achados desse pequeno grande filme, que tem personalidade o suficiente para se sustentar sem comparações despropositadas. ***A.Gn.***

NOTA: 6,5

MINHA SUPER EX-NAMORADA

MY SUPER EX-GIRLFRIEND, EUA, 2006. DE IVAN REITMAN. COM UMA THURMAN, LUKE WILSON, ANNA FARIS, RAINN WILSON. 95 MIN. WWW.MYSUPEREX.COM/ FOX. COMÉDIA

Com o passar dos créditos de *Minha Super Ex-Namorada*, podemos chegar a uma triste conclusão: Ivan Reitman é um embuste. Todos ligamos o diretor

FOX

"Agora quero ver Bill escapar!"

à série *Os Caça-Fantasmas*, mas, longe dos espíritos galhofeiros, Reitman se mostrou um zero à esquerda – a não ser que alguém considere *Presidente por Um dia* e *Irmãos Gêmeos* algo mais que bobagens decentes. Seria mais do que poderíamos falar sobre *Minha Super Ex-Namorada*. Tirando a participação sempre hilária de Rainn Wilson (*The Office*), o longa nunca consegue decolar. Parte por culpa de boa premissa (homem-acaba-namoro-com-mulher-super-poderosa), porém com o velho defeito de encontrar uma estrutura familiar, com vilão e missões de salvamento. Nos melhores momentos de Luke Wilson, a obra ganha boa dose de cinismo e dá uma idéia de quão engraçado poderia ser. Quando vira filme de herói, o caldo desanda e dá até saudades de *Quarteto Fantástico*. ***R.Sl.***

NOTA: 5,5

O DIABO VESTE PRADA

Meryl Streep arrasa o mundo da moda em comédia cruel e ácida

THE DEVIL WEARS PRADA, EUA, 2006. DE DAVID FRANKEL. COM MERYL STREEP, ANNE HATHAWAY, EMILY BLUNT, STANLEY TUCCI. 109 MIN. WWW.DEVILWEARSPRADAMOVIE.COM. FOX. COMÉDIA

FOX

Duelo de forças: a cruel Meryl Streep e a esperta Anne Hathaway

A adaptação de *O Diabo Veste Prada* para o cinema não faz jus à acidez do texto de Lauren Weisberger no best-seller homônimo, lançado em 2003. Ainda assim, os duelos verbais entre antagonista de Miranda Priestly (Meryl Streep), e a desenvolta "gordinha esperta" de Anne Hathaway rendem situações divertidas e momentos de tensão caprichosamente alinhavados pela experiência estilosa do diretor David Frankel.

Cortesia também da autora que enlouqueceu o mundo da moda há três anos quando teve coragem de expor seu ano como assistente da poderosa editora Anna Wintour, da *Vogue* americana. Todas as intrigas e segredinhos dos bastidores da moda estão lá descritos em pormenores por uma outsider fantasiada de fashionista, interpretada pela surpreendente Anne Hathaway, respondendo à altura na caracterização da intelectual aspirante à jornalista que, desinformada, bate à porta da mais importante publicação de moda da Terra. Sem um mínimo de noção estética, mas com toda habilidade e vontade de escrever, Lauren aceita as humilhações em nome do futuro profissional.

Meryl Streep, por sua vez, encarna o tal diabo do título, equilibrando-se em saltos altos e em seu melhor estilo – finamente grosseira e impecavelmente cruel. A atriz encontra a medida entre a sisudez pedante e a diversão maliciosa que arranca gargalhadas e onomatopéias de reprovação. Não vale nem a pena citar exemplos de cenas e situações e minimizar o efeito das peripécias de uma personagem que passa longe do superficial vilanesco. Frankel, que dirigiu *Sex and the City*, faz da versão cinematográfica de *O Diabo Veste Prada* um passeio adorável por Nova York e Paris, uma espiadela desejosa nas araras das melhores marcas e estilistas, mesmo que o caminho seja percorrido com uma pedra no sapato de grife.

Juliana Pereira

NOTA: 8

O PEQUENINO

LITTLE MAN, EUA, 2006. DE KEENEN IVORY WAYANS. COM MARLON WAYANS, SHAW WAYANS. 90 MIN. WWW.LITTLEMAN-MOVIE.COM. COLUMBIA. COMÉDIA

Se você achava que os irmãos Wayans tinham ido longe demais com a comédia *As Branquelas*, é bom se preparar para *O Pequenino*. Pelo menos em se tratando de transformação, a cabeça de Marlon Wayans no corpo de um anão funciona melhor do que as duas loiras

SONY

Só tendo dois anos para acreditar neste bebê

"Frankenstein" do filme anterior (os efeitos não chegam a ser perfeitos, mas convencem). Um perigoso assaltante em miniatura sai da prisão e, logo depois de participar de um assalto, precisa recuperar um diamante que foi parar nas mãos de um pacato casal (Shawn Wayans e Kerry Washington). Para conseguir isso, ele finge ser um bebê abandonado. No final das contas, algumas piadas acabam funcionando e *O Pequenino* vira um entretenimento razoável. Bobo, mas até que simpático. ***R.M.***

NOTA: 6

O MAIOR AMOR DO MUNDO

Cacá Diegues e José Wilker acertam no passado e no presente

BRASIL, 2006. DE CACÁ DIEGUES. COM JOSÉ WILKER, TAÍS ARAÚJO, LEA GARCIA, SERGIO BRITTO, STEPAN NERCESSIAN. 106 MIN. WWW.SONYPICTURES.COM.BR/FILMES COLUMBIA. DRAMA

"Zezinho, que tal uma versão para cinema de *Roque Santeiro*?"

Há pelo menos dois filmes dentro de *O Maior Amor do Mundo*, que marca a quinta colaboração entre Cacá Diegues e José Wilker. Um deles se passa no presente e acompanha a volta ao país de um respeitado astrofísico brasileiro, personagem de Wilker, para receber uma homenagem do presidente da República. O outro se desenrola no passado, em forma de flashback, para mostrar como esse astrofísico veio ao mundo logo no início dos anos 50 – no mesmo dia em que o uruguaio Gigia ajudou a derrotar a seleção brasileira na final da Copa do Mundo, no Maracanã, numa das maiores tragédias do futebol nacional.

Condenado por uma doença congênita, Antônio tem prazo para continuar vivo. Além disso, sofre de Transtorno Obsessivo Compulsivo. Evita o contato com outras pessoas, tem mania de limpeza e não consegue deixar nada fora do lugar. Ele está em busca de uma chave para desvendar o passado. Vai procurá-la numa favela, à beira de um rio, onde teria nascido num parto improvisado. Também é um homem que procura a redenção para uma vida que supõe ter sido desperdiçada.

Como em grande parte dos filmes de Diegues, há em *O Maior Amor do Mundo* um componente mágico – uma herança do realismo fantástico da tradição literária latino-americana. Sem grandes exageros, consegue efeitos muito bons. E transmite a idéia, talvez um tanto batida, de que a compaixão é um sentimento necessário.

Alessandro Giannini

NOTA: 7,5

XEQUE-MATE

LUCKY NUMBER SLEVIN, EUA, 2006. DE PAUL MCGUIGAN. COM JOSH HARTNETT, BRUCE WILLIS, LUCY LIU, MORGAN FREEMAN, BEN KINGSLEY. 109 MIN. WWW.SLEVIN-MOVIE.COM. IMAGEM FILMES. AÇÃO

Paul McGuigan tem tudo para ser um dos bons diretores do futuro. Encontrou o equilíbrio entre elegância, suspense e apelo comercial em *Amor à Flor da Pele*, e mostra ambiciosos ângulos de câmera em *Xeque-Mate*. O único entrave desse escocês de 43 anos é descobrir como transformar seus atores em simples vasos de ler diálogos no estilo Quentin Tarantino. Slevin (Josh Hartnett, escolhendo cada vez melhor seus papéis) é confundido com um devedor e é perseguido por dois gângsteres rivais. No seu encalço, um assassino profissional vivido por Bruce Willis e uma vizinha maluca (Lucy Liu). Tudo se mistura numa salada que se resolve sem problemas no final, mas deixa várias pontas soltas para quem pensar melhor. Não passa de um sub-*Pulp Fiction*. E isso é um elogio.

R.SI.

NOTA: 6,5

"Você, J. Lo, aceita... Ops"

UM CARA QUASE PERFEITO

MAN ABOUT TOWN, EUA, 2006. DE MIKE BINDER. COM BEN AFFLECK, REBECCA ROMIJN, JOHN CLEES. 96 MIN. WWW.MEDIA8ENT.COM/M8/MOVIES.ASP?MOVIEID=21. IMAGEM FILMES. DRAMA/COMÉDIA

Mike Binder não pode trabalhar como coveiro. Depois de ressuscitar o talento de Kevin Costner em *O Outro Lado da Raiva*, o diretor e roteirista consegue arrancar a melhor interpretação de Ben Affleck desde *Procura-se Amy*. O astro de queixão faz um poderoso agente de roteiristas em Hollywood que descobre a traição da mulher (Rebecca Romijn, maravilhosa e também não compromete o filme) e tenta encontrar a própria alma num mundo dominado por sorrisos falsos e amizades de plástico. Binder mostra-se um diretor de atores competente, apesar de trafegar pelo perigoso caminho da autocrítica. Em alguns momentos, ao contrário da obra anterior, *Um Cara Quase Perfeito* parece distante e frio, por culpa do tema "procura pela alma" ser um pouco mais específico e, diversas vezes, trivial. Ainda assim, o filme é dinâmico e uma boa diversão pós-blockbusters.

R.SI.

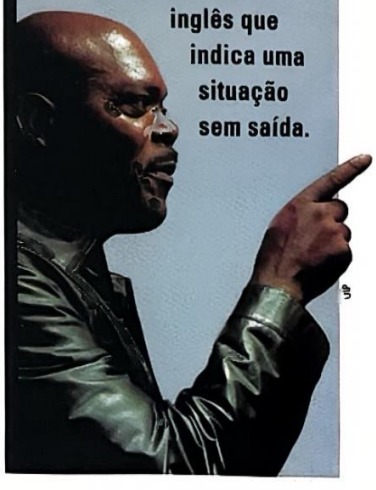
NOTA: 7

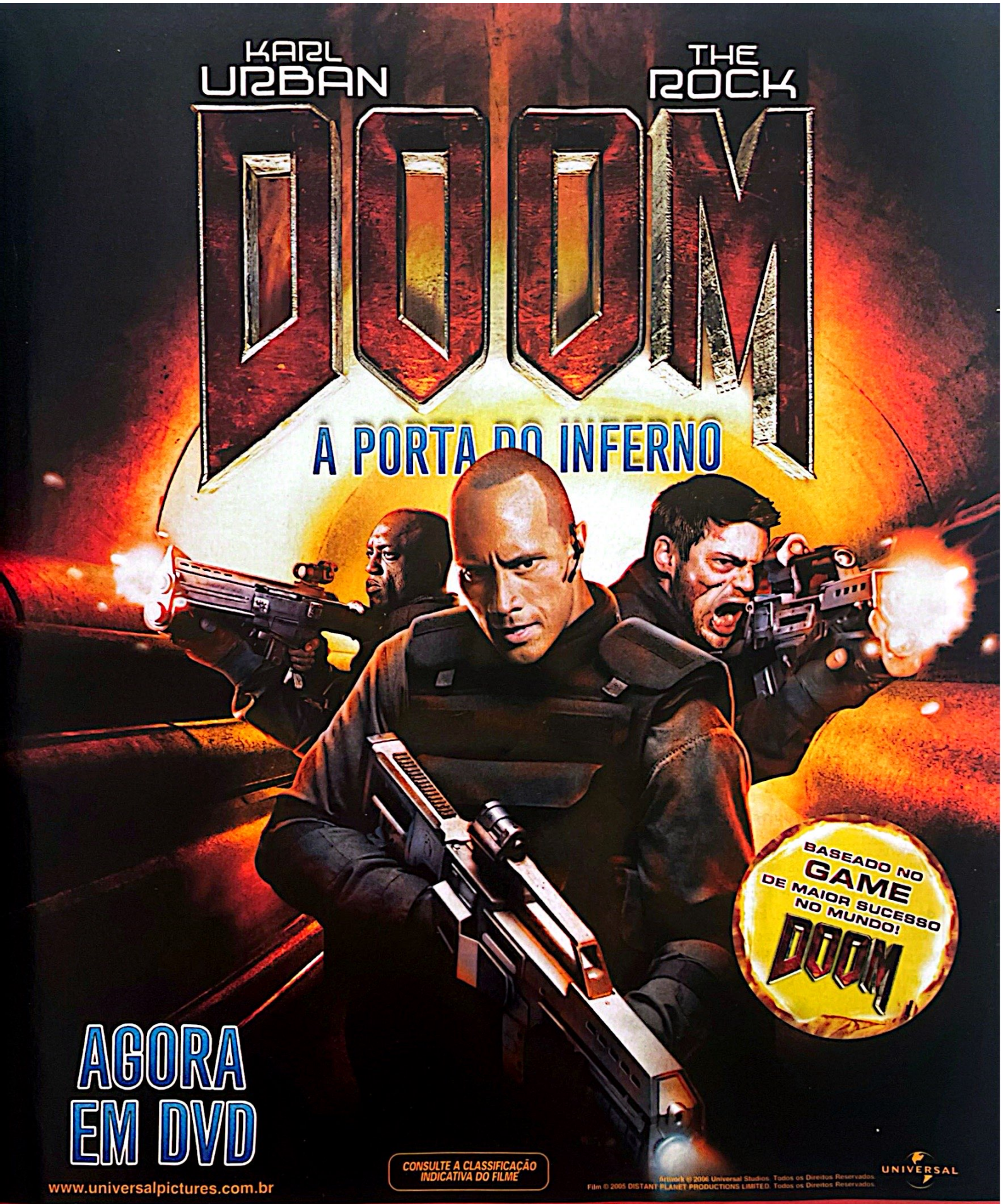
OUTRAS ESTRÉIAS

• ***VESTIDO DE NOIVA*** – **Baseado na peça homônima de Nelson Rodrigues, o filme de Joffre Rodrigues, filho do dramaturgo, chega às telas com cinco anos de atraso. Com Marília Pêra e Simone Spoladore no elenco, conta a história de uma mulher que relembra os momentos mais importantes de sua vida após um acidente de carro.**

• ***LUCAS – UM INTRUSO NO FORMIGUEIRO*** – **Julia Roberts, Paul Giamatti, Nicolas Cage e Bruce Campbell dão vozes a essa animação sobre um menino que fica do tamanho de uma formiga depois de maltratar os pobres insetos e aprende a respeitar suas vítimas.**

• ***SERPENTES A BORDO*** – **Cult por antecipação, o filme deve à Internet e ao poder de Samuel Jackson uma campanha de marketing espontânea. Foi o ator quem a disparou quando disse que tinha aceitado fazer o longa sem ler o roteiro apenas por causa do título, parte de uma expressão em inglês que indica uma situação sem saída.**





PIRATARIA É CRIME
DENUNCIE JÁ! LIGUE GRÁTIS 0800113941

UNIVERSAL

Show de Calouros: Grant interpreta o apresentador do programa de maior audiência da televisão

TUDO PELA FAMA*

Hugh Grant e Dennis Quaid brincam com o fenômeno *American Idol* *Por Ricardo Matsumoto*

AMERICAN DREAMZ, EUA, 2006. DE PAUL WEITZ. COM HUGH GRANT, DENNIS QUAID, MANDY MOORE, WILLEM DAFOE. 107 MIN. DVD/VHS UNIVERSAL. COMÉDIA

Quando um filme é lançado diretamente em vídeo, é sinal de que algo saiu errado. Isso pode acontecer por duas razões: ou a produção fracassou em seu país de origem ou simplesmente a distribuidora achou que faltava apelo para atrair o público brasileiro. Essa política pode resultar em grandes injustiças, como aconteceu no ano passado com *Team America* – primorosa comédia estrelada por marionetes dirigida por Trey Parker (um dos criadores de *South Park*). *Tudo pela Fama* pode até ter sido um fracasso retumbante nos cinemas americanos, mas brinca com um assunto bastante familiar por aqui, o fenômeno *American Idol*. O programa de TV ficou tão popular que até ganhou uma versão nacional.

Tudo pela Fama reunia todos os ingredientes para se tornar um enorme sucesso, a começar pelo diretor Paul Weitz (que dirigiu os bons *Em Boa Companhia* e *Um Grande Garoto*, este segundo ao lado do irmão Chris). Contava ainda com elenco de primeira liderado por Hugh Grant e Dennis Quaid e a grande sacada de satirizar os shows de calouros. "Quando a esmola é demais, o santo desconfia", diz aquele famoso ditado. Pois bem: a idéia era tão, boa, mas tão boa que, no final, acabou tirando o brilho do filme.

O apresentador Martin Tweed (Grant, como sempre ótimo em sua caracterização recheada de cinismo) está aborrecido com a mesmice de seu campeão de audiência *American Dreamz*. Ele quer novidades bombásticas para a nova temporada. Decide, então, ir atrás de candidatos excêntricos – como a egoísta e ambiciosa Sally Kendoo (Mandy Moore) e o árabe Omer Obeidi (Sam Golzari), fanático pela cultura americana que é também um terrorista fracassado e entra no concurso por acidente. Para completar o festival de bizarrices, até o presidente dos Estados Unidos (Quaid, com uma atuação excelente) é convencido a aparecer na final do programa como jurado.

Nas horas em que Grant e Quaid estão juntos, o filme decola. Os diálogos são impagáveis e o entrosamento é perfeito. Pena que são tão poucos momentos. Parece que Weitz se sente mais à vontade em tratar de situações triviais. Ele costuma fazer rir do cotidiano. Aqui ele se mostra fora de seu habitat. Há momentos divertidos, mas a sensação que fica é de uma piada mal aproveitada. E no final das contas, o filme funciona melhor na telinha.

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

O ALBERGUE

HOSTEL, EUA, 2005. DE ELI ROTH. COM JAY HERNANDEZ, DEREK RICHARDSON. 94 MIN. DVD SONY. **TERROR**

Gente sendo picotada das maneiras mais cruéis e aflitivas é, basicamente, o que há em *O Albergue*. O roteiro é fraco e mostra três americanos na Europa que caem nas mãos de um clube de assassinos cruéis. As cenas de morte rolam com alicates, maçaricos, motosserras e coisas singelas, tudo para gerar seqüências completamente nojentas. O diretor Eli Roth, o mesmo de *Cabana do Inferno*, já é o novo especialista nessa área e apadrinhado de Tarantino (produtor executivo aqui). O filme é pouco imaginativo, mas agrada a platéias sedentas por sangue e pus. Os extras, sem legenda, trazem comentários do diretor, produtor, além de making of e opção multiângulo. ***Arianne Brogini***

FILME: 7 **EXTRAS:** 5

SONY

Açougue: "Quer uma mãozinha?"

MANDERLAY

EUA/HOLANDA/SUÉCIA/DINAMARCA/FRANÇA, 2005. DE LARS VON TRIER. COM BRYCE DALLAS HOWARD, DANNY GLOVER. 139 MIN. DVD CALIFORNIA. **DRAMA**.

O apetite do dinamarquês Lars von Trier (o criador do famoso manifesto Dogma 95) em desnudar os podres da América era tão grande que ele partiu logo para uma trilogia. O primeiro capítulo, *Dogville* (2003), deu o que falar: abordagem contundente, cenários minimalistas, violência e cinismo à flor da pele. Em *Manderlay*, episódio intermediário da saga (que deve ser fechada por *Wasington*, no ano que vem), o impacto visual já não existe, mas o grau de dramaticidade continua

WARNER

Bryce: "Eu visto Prada"

alto. Durante a época da Depressão, a heroína Grace (Bryce, substituindo Nicole Kidman) tenta modificar a ordem das coisas numa cidadezinha sulista que ainda mantém o sistema de escravidão. Mais uma vez, sua bem-intencionada intervenção tem resultados surpreendentes. Trier, que se orgulha de nunca ter pisado nos Estados Unidos, pega pesado contra a terra do Tio Sam. ***Roberto Pujol***

FILME: 8,5 **EXTRAS:** N.A.

CRISIS

CRISIS: BEHIND A PRESIDENTIAL COMITMENT, EUA, 1963. DE ROBERT DREW. COM JOHN F. KENNEDY. 52 MIN. DVD VIDEOFILME. **DOCUMENTÁRIO**

O diretor Robert Drew esteve no Brasil como convidado de honra do 10º Festival Internacional de Documentários – É Tudo Verdade. Na ocasião, Drew foi brindado com uma retrospectiva de seus principais documentários, entre os quais *Crisis* se destaca como um dos mais significativos ao acompanhar a crise em torno de uma decisão federal de 1963, segundo a qual dois estudantes negros deveriam ser admitidos na Universidade do Alabama. De um lado, o governador George Wallace, defensor das tradições segregacionistas do sul americano. De outro, o presidente John Kennedy e seu irmão, o procurador-geral Robert Kennedy, defensores das liberdades civis. O resultado é uma lição de cinema. Entre os extras, o filme *Faces de Novembro*, um depoimento de Drew e outros programas menos importantes. ***A.Gn.***

FILME: 8,5 **EXTRAS:** 8

A LULA E A BALEIA*

As dificuldades de um pré-adolescente em escolher o caminho a seguir

THE SQUID AND THE WHALE, EUA, 2005. DE NOAH BAUMBACH. COM JEFF DANIELS, LAURA LINNEY, JESSE EISENBERG, OWEN KLINE. 81 MIN. DVD/VHS SONY. **DRAMA**

A experiência de uma separação pode ser tão dolorosa para um casal quanto para os filhos. Esse senso comum parece ser a base sobre a qual Noah Baumbach construiu a história de *A Lula e a Baleia*, inspirado nas experiências pessoais do diretor e seu irmão durante os anos 70, período em que seus pais se divorciaram. O filme foi grande sucesso no Festival de Sundance, onde Baumbach ganhou os prêmios de direção e roteiro.

A Lula e a Baleia, no entanto, comunica algo mais, talvez tão importante quanto a separação de um casal de adultos saudáveis e estabelecidos. O filme fala sobre a dificuldade de um pré-adolescente em decidir qual caminho sua identidade em formação deve seguir: a do pai escritor em franca decadência ou a da mãe também escritora em ascensão. Ao eleger o ponto de vista de seu alter ego ficcional para mostrar a ruptura dessa família, Baumbach optou por uma trilha complicada. No entanto, se saiu muito bem.

E uma das razões para o sucesso dessa empreitada está no elenco. Jeff Daniels e Laura Linney formam o casal em crise; Jesse Eisenberg e Owen Kline são os filhos encurralados pela separação e por uma figura jurídica chamada "guarda dividida". Os atores seguem à risca o estatuto estabelecido pelo diretor, de transformar o filme na crônica de uma experiência ruim à qual todos estamos sujeitos em algum momento de nossas vidas. Sem psicologismos baratos. Esta primeira edição do DVD vem com boa quantidade de recursos e extras. Um deles traz uma entrevista maçante entre Baumbach e o crítico Phillip Lopate. O outro, um pouco mais revelador, sobre os bastidores das filmagens. Há ainda a banda sonora com o comentário do diretor, para quem tem paciência. Pena que faltam as legendas em português no material bônus. ***Alessandro Giannini***

FILME: 8 **EXTRAS:** 7

SONY

Família em crise: dúvidas e conselhos

* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO

ESPECIAL

UNIVERSAL

Holodeck: realidade virtual a bordo da Enterprise

ANTOLOGIA NAS ESTRELAS

Lançamento da segunda temporada de *A Nova Geração* marca quatro décadas da saga *Jornada nas Estrelas*

STAR TREK – THE NEXT GENERATION: SECOND SEASON, EUA, 1988. DE VÁRIOS COM PATRICK STEWART, BRENT SPINER, JONATHAN FRAKES.

Há exatos 40 anos, em setembro de 1966, um pequeno programa de televisão entrava no ar na emissora americana NBC. Entrava no ar e na história: nascia *Jornada nas Estrelas*, que, ao longo de quatro décadas de vida, rendeu mais quatro séries (*A Nova Geração*, *Deep Space 9*, *Voyager* e *Enterprise*), um desenho animado e dez filmes para o cinema. Um legado incalculável para a cultura pop que, aos poucos, vai chegando por completo ao mercado brasileiro de DVD. Como as versões cinematográficas e toda a chamada série clássica televisiva – as três temporadas originais de *Jornada na Estrelas* (ou *Star Trek* no original) dos anos 60 – já estão nas prateleiras verde-amarelas, cabe à tripulação de *A Nova Geração* fazer a festa de aniversário por aqui. Setembro é o mês de lançamento do segundo ano do seriado, originalmente exibido nos EUA entre 1988 e 1989, e cujos capítulos foram reprisados à exaustão pela Rede Manchete |em meados dos anos 90.

Em sua segunda temporada, a série ainda sofria com a comparação direta com o *Star Trek* original. Houve mudanças na tripulação comandada pelo Capitão Picard: saiu a pacata doutora Beverly Crusher e entrou a rabugenta Katherine Pulaski (por causa de um descontentamento da atriz Gates McFadden, que retornaria na temporada seguinte); a comediante Whoopi Goldberg arrumou um bico como a misteriosa bartender Guinan; e Geordi La Forge foi promovido a chefe da engenharia da Enterprise. Os roteiros continuavam parecendo requentados das aventuras do capitão Kirk, mas houve uma maior quantidade de episódios que se destacou, como "Uma Questão de Honra", em que Riker serve a bordo de uma nave klingon; "O Valor de um Homem", bela discussão se o andróide Data é gente ou eletrodoméstico; e "Contágio", no qual a Enteprise entra na proibida zona neutra romulana. Imperdível mesmo, porém, é "A Cilada", a pedra de toque da aparição dos borgs – que viriam a ser os vilões definitivos de *A Nova Geração*. Sob a ameaça dos borgs, a série rompe as amarras com o passado, adquire personalidade e embarca, finalmente, em uma jornada própria de sete anos no ar, quatro a mais do que o *Star Trek* original. O DVD oferece uma análise da tripulação, curiosidades de produção e muitas entrevistas (todos legendados). Um feliz aniversário merecido.

André Gordirro

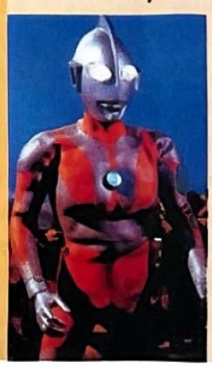
FILME: 6,5 EXTRAS: 7,5

ULTRAMAN

Super-herói japonês também faz aniversário

Ultraman fez sua estréia na TV japonesa em julho de 1966, época em que o Japão ainda enfrentava os traumas do holocausto nuclear, buscava se reestabilizar economicamente e levantar o moral do povo. Seu criador, Eiji Tsuburaya, havia trabalhado como supervisor de efeitos especiais das produções da Toho, entre elas *Godzilla*, de 1954, até fundar sua própria produtora. Sob a influência de sua série preferida da época – *Além da Imaginação*– , Tsuburaya criou em 1965 *Ultra Q*. A sua primeira experiência televisiva serviu de laboratório para a criação de seu personagem mais famoso no ano seguinte.

A gestação do herói não foi fácil. No início, o ele seria um monstro espacial ou um superrobô que defendia a Terra. Alguns nomes cogitados durante sua fase de criação, como Baltan, Bemular e Woo, foram usados posteriormente na série para inimigos de Ultraman. O mais curioso é que, para definir a face do herói, foi usado o perfil deformado de um peixe. De lá para cá, houve inúmeras séries estreladas por novos membros da família. O primeiro volume da série *Ultraman* foi recentemente lançada nos Estados Unidos com vinte dos 39 episódios produzidos. No Brasil, em breve chegará em DVD outro filme, o *Ultraman – The Next* (2004). Tudo para comemorar em grande estilo o aniversário de 40 anos do famoso personagem japonês.



VERDADE NUA

Uma história de sucesso, declínio e mistério

WHERE THE TRUTH LIES, CANADÁ/EUA/INGLATERRA, 2005. DE ATOM EGOYAN. COM KEVIN BACON, COLIN FIRTH, ALISON LOHMAN, DAVID HAYMAN. 106 MIN. DVD IMAGEM FILMES. **DRAMA**

Verdade Nua é um desmentido à tese do esgotamento do filme noir. Ou, pelo menos, estamos diante da renovação autenticamente moderna desse tipo de cinema. Prova ainda que o vai-e-vem na montagem, que ultimamente tem resultado mais como um maneirismo e não como solução, pode propiciar um expressivo envolvimento quando concebido e executado com perfeição. É o que acontece nesta história sobre sucesso, declínio e mistério, em que passado e presente se mesclam. O começo é na década de 50, quando a dupla formada pelos comediantes Vince Collins (Colin Firth) e Lanny Morris (Kevin Bacon) leva o público norte-americano ao delírio com suas apresentações ao vivo. Além de provocar o riso, eles enternecem em programas beneficentes, apelando para clichês sentimentais. Vivem também de forma nababesca. Nessa rotina de brilho, sexo e bebidas, em que verdades e mentiras íntimas e cênicas se confundem, surge o cadáver de uma garota na banheira da luxuosa suíte que iriam ocupar em um hotel. Oficialmente, um suicídio. Quinze anos depois, quando a dupla já se desfez, a jovem jornalista Karen (Alison Lohman) se propõe a escrever a biografia de Vince. Na realidade, ela quer elucidar a morte da moça. Embora fictícia, a dupla é apontada por alguns como inspirada em Dean Martin e Jerry Lewis. Mas nunca se ouviu falar de nenhum incidente similar envolvendo os dois atores. Falsa ou não, a trama saída do livro de Rupert Holmes inspirou o cineasta Atom Egoyan a fazer uma criação marcante em torno da ambivalência humana, das perversões latentes, temas freqüentes em sua obra. Ele não se preocupou em atenuar pistas que podem levar o espectador a chegar antes de Karen ao esclarecimento do epílogo. Porém, elas são sutis e não diluem o vigor dessa refinada realização de ousada sensualidade. ***Alfredo Sternheim***

FILME: 9 EXTRAS: N.A.

IMAGEM

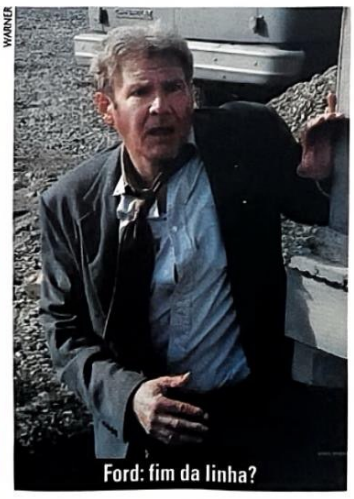
Bacon e Firth: comediantes que levam o público ao delírio

FIREWALL – SEGURANÇA EM RISCO*

FIREWALL, EUA, 2006. DE RICHARD LONCRAINE. COM HARRISON FORD, PAUL BETTANY. 105 MIN. DVD/VHS WARNER. **SUSPENSE**

Harrison Ford chegou oficialmente ao fim da carreira. O astro, sumido há três anos desde a tentativa de fazer comédia no péssimo *Divisão de Homicídios*, volta ao terreno da ação neste bocejante thriller que não foge às fórmulas do gênero. É triste vê-lo envolvido com um material de segunda linha. Ford é um especialista em segurança bancária forçado a cooperar com assaltantes high-tech (liderados por Paul Bettany) que mantêm sua família em cativeiro. É a velha trama do inocente perseguido que ele mesmo já fez em *O Fugitivo*, aqui repetida sem a metade do brilho. Entre os extras, há apenas dois especiais com entrevistas e cenas de bastidores, legendados em português. Que venha a redenção com *Indiana Jones 4*. ***A.G.***

FILME: 4 EXTRAS: 7



WARNER

Ford: fim da linha?

TOTALMENTE KUBRICK*

COLOUR ME KUBRICK, GRÃ-BRETANHA/ FRANÇA, 2005. DE BRIAN COOK. COM JOHN MALKOVICH, TOM ALLEN. 86 MIN. DVD CALIFÓRNIA. **COMÉDIA**

Brian Cook e Anthony Frewin, respectivamente diretor e roteirista de *Totalmente Kubrick*, foram colaboradores do cineasta americano Stanley Kubrick em vários filmes. Durante a longa produção de *De Olhos Bem Fechados*, eles viram de perto como um certo Alan Conway se fez passar por Kubrick para enganar e roubar suas vítimas. O malandro só foi descoberto porque tentou dar o golpe no crítico do jornal *The New York Times*, Frank Rich e em sua mulher, Alix. Essa história verdadeira rendeu material para esta divertida comédia inglesa, na qual um inspirado John Malkovich faz o papel do farsante. O ator exibe suas habilidades na interpretação de vários Kubrick – um estilo para cada vítima. ***A.Gn.***

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

CALIFÓRNIA

Malkovich: quero ser Stanley Kubrick

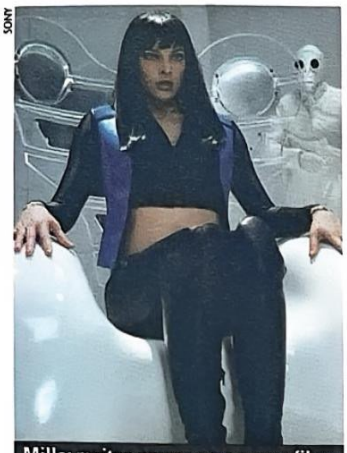
VIDA DE MENINA

BRASIL, 2004. DE HELENA SOLBERG. COM LUDMILA DAYER, DALTON VIGH, DANIELA ESCOBAR. 101 MIN. DVD EUROPA. **DRAMA**

A delicadeza e a candura predominam neste filme extraído de um livro-diário escrito no século 19. Helena Morley (Ludmila Dayer em ótima atuação) transmite seu dia-a-dia em Diamantina, Minas Gerais, quase sempre agitado por suas atitudes independentes, mas às vezes perturbado por sentimentos íntimos. Em especial, quando vê condutas adultas que em sua ganância e dissimulação lhe parecem estranhas na sua ótica juvenil. Sem jamais perder de vista a subjetividade da trama, Helena Solberg em seu primeiro longa de ficção oferece uma preciosa descrição dos hábitos de um Brasil que começava a conviver com a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. ***A.S.***

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO


SONY

Milla: muitas curvas para pouco filme

ULTRAVIOLETA*

ULTRAVIOLET, EUA, 2006. DE KURT WIMMER. COM MILLA JOVOVICH, CAMERON BRIGHT. 88 MIN. DVD/VHS SONY. FICÇÃO CIENTÍFICA

Este aqui é sério concorrente ao título de pior filme de todos os tempos. A trama não faz o menor sentido e a ação, que diverte pelos primeiros cinco minutos, é repetida à exaustão de forma entediante. Lá pela quinta luta igual dá vontade de ejetar o DVD. Mas vamos lá: Milla Jovovich é uma vampira futurista encarregada de proteger um menino que é a chave genética para curar a humanidade. Ou talvez não seja nada disso. O fiapo de história é desculpa para muita pancadaria em cenários que lembram uma mistura de *Tron* e *Minority Report*. Veja sem som para curtir a barriga sarada de Milla e o belo desenho de produção. E use muito a tecla de avanço. Em compensação, o DVD traz boa seleção de extras, com comentários de Milla (infelizmente sem legendas), making of e cenas excluídas. ***A.G.***

FILME: 1 EXTRAS: 7

DE BICO CALADO

KEEPING MUM, EUA, 2005. DE NIALL JOHNSON. COM ROWAN ATKINSON, MAGGIE SMITH, PATRICK SWAYZE. 103 MIN. DVD IMAGEM. COMÉDIA

Maggie Smith (ótima como sempre) encarna a governanta misteriosa que chega para resolver todos os problemas de um vigário inglês avoado (Atkinson, discreto e sem as caretas de Mr. Bean) e sua família problemática – a esposa é infiel, a filha vive trocando de namorado e o caçula é aterrorizado pelos colegas na escola. Só que, ao invés da magia e das canções de Mary Poppins, a velha senhora usa métodos para lá de violentos para alcançar seu intento, sem perder a pose ou a simpatia do espectador. Não chega a ser um clássico da comédia de humor negro, gênero em que o cinema inglês sempre foi mestre, mas diverte. ***R.P.***

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

IMAGEM DO MÊS

REPRODUÇÃO

RAMBO NO CASSETETE

O astro de *C.S.I. Miami*, David Caruso, esteve no Brasil recentemente para filmar um episódio da série. Ele está acostumado ao trabalho policial desde 1982, quando teve de enfrentar Sylvester Stallone em *Rambo – Programado para Matar*.

Se você souber de alguma cena ou curiosidade vista em algum filme lançado em DVD, envie um e-mail para ricardo.matsumoto@edpeixes.com.br ou envie uma carta para Caixa Postal 27020, CEP 04007-990 São Paulo - SP, escrevendo no envelope SEÇÃO CINEMA EM CASA.

HIROSHIMA MEU AMOR

HIROSHIMA, MOM AMOUR, FRANÇA/JAPÃO, 1959. DE ALAIN RESNAIS. COM EMMANUELLE RIVA, EIJI OKADA. 88 MIN. DVD AURORA. DRAMA

A dor da recordação nunca mais foi a mesma no cinema depois deste longa, o primeiro de Alain Resnais. O diretor, que vinha de documentários brilhantes como *Noite e Neblina*, fez uma abordagem original do mecanismo da lembrança, por meio da relação entre uma atriz francesa (Emmanuelle Riva) e um japonês (Eiji Okada) em Hiroshima. Com fantástica habilidade, ele entrelaça as conseqüências da bomba atômica que em 1945 caiu sobre aquela cidade, com o sentimento de perda que atormenta a atriz, por causa de um romance que teve na França ocupada pelos nazistas. Os belos e literários diálogos de Marguerite Duras hoje podem ressoar cansativos para alguns. Mesmo assim, *Hiroshima, Meu Amor* ainda é forte e inovador. Em preto-e-branco cintilante, é um dos melhores filmes de todo o cinema francês. ***A.S.***

FILME: 9,5 EXTRAS: N.A.

AURORA

Recordação: sentimento de perda

O CORVO

THE CROW, EUA, 1994. DE ALEX PROYAS. COM BRANDON LEE, ERNIE HUDSON, MICHAEL WINCOTT. 102 MIN. DVD WARNER. AVENTURA

Esta produção cult, baseada nos quadrinhos independentes de James O'Barr, finalmente chega ao DVD. *O Corvo* ficou marcado pela trágica morte de seu protagonista, Brandon Lee (filho de Bruce Lee), que levou um tiro acidental ao fim das filmagens. Ele foi substituído por um dublê e por truques de computador nas cenas que faltavam. Brandon vive o roqueiro Eric Draven, que volta da tumba para vingar sua morte e a da namorada pelas mãos de uma quadrilha de drogados. A típica história de revanche é bem contada pelo apuro visual do diretor Alex Proyas (*Eu, Robô*), que acertou no visual gótico. Passe batido pelas péssimas continuações. ***A.G.***

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

WARNER

Legado de Lee: tragédia

DRAGON BLADE

CHINA, 2005. DE ANTONY SZETO. 85 MIN. DVD FOCUS. ANIMAÇÃO

Magia, monstrengos esquisitos e duelos de artes marciais à *O Tigre e o Dragão* movimentam esta animação em 3D. Primeiro desenho chinês inteiramente confeccionado com efeitos computadorizados, levou dois anos para ficar pronto e consumiu 10 milhões de dólares. A ação se passa na época medieval, quando um jovem carateca sai em busca de uma espada sagrada, na esperança de salvar seu povo das garras de um tirano gigantesco com cara de javali. Se o roteiro é meio confuso e a animação não chega a ser top de linha, no quesito humor há boas sacadas, com direito a cenas que deram errado nos letreiros finais. ***R.P.***

FILME: 5,5 EXTRAS: N.A.

FOCUS

Lutas: animação chinesa

FOX

Adeus aos efeitos reeditados: muito antes da era digital

A SAGA SEM RETOQUES

George Lucas libera as versões originais da série *Star Wars*

STAR WARS – UMA NOVA ESPERANÇA (STAR WARS – A NEW HOPE), EUA, 1977. DE GEORGE LUCAS. COM MARK HAMILL, HARRISON FORD. 121 MIN. *O IMPÉRIO CONTRA-ATACA (THE EMPIRE STRIKES BACK)*, EUA, 1980. DE IRVIN KERSHNER. 124 MIN. *O RETORNO DE JEDI (RETURN OF THE JEDI)*, EUA, 1983. DE RICHARD MARQUAND. 134 MIN. DVD FOX. FICÇÃO CIENTÍFICA

George Lucas parecia seduzido pelo "lado negro da Força" (ou pelo "lado sombrio", para ser politicamente correto) quando anunciou, há alguns anos, que as versões restauradas dos episódios 4, 5 e 6 de sua saga galáctica eram tudo o que os fãs de *Star Wars* teriam dali para frente. Os filmes originais, como apresentados nos cinemas entre 1977 e 1983, nunca mais seriam exibidos ou lançados em DVD por conta de sua defasagem técnica frente aos novos longas da série, realizados na era digital. Bem, era tudo mentirinha – ou, vai ver, a luz se fez diante do produtor e diretor, que está disponibilizando a trilogia clássica sem os upgrades e remasterizações dos anos 90. Para agradar a Jedis e Siths, as edições são duplas e trazem as duas versões de cada filme, com e sem retoques.

De cara, a impressão de rever os filmes em estado "bruto" revela o que qualquer cinéfilo perspicaz percebeu há tempos: a tecnologia digital apenas facilitou o que já era possível: as pinturas de fundo, o desenho de produção, os figurinos e os efeitos da trilogia original são ótimos – e muito pouco se agregou a esse visual alucinante na era dos softwares. Para tirar a prova dos nove, nem é preciso recorrer a *Star Wars*: *2001 – Uma Odisséia no Espaço* e *O Planeta dos Macacos* também conservam sua estética espetacular e dispensam o uso do computador para serem bons e interessantes.

Mas é compreensível o que Lucas fez se levarmos em conta que os games e animações computadorizadas estão ajudando a formar as novas gerações de cinéfilos – e a completa ausência de recursos digitais em um filme está se tornando tão desconcertante quanto o era a ocasional inexistência de som ou cor em fitas produzidas nos anos 70, 80 e 90. O digital se tornou pré-requisito estético – e até as versões remasterizadas de *Star Wars* o empregaram com parcimônia, limitando-se a criar alguns fundos e inserir monstrengos pós-Jurassic Park aqui e ali. Nada que altere a identidade dos filmes ou que mereça tanta polêmica.

O lado problemático da repaginação é sua ocasional tendência ao puritanismo. Em *Uma Nova Esperança*, a cena da cantina foi reeditada (ver boxe). Mas todas essas inovações são mais válidas como atualizações de um conceito que 99 por cento dos remakes atuais, que incorrem em um erro mais grave: cuspir a essência do fruto e aproveitar-lhe apenas a casca. Lucas apenas caramelizou uma maçã que já era saborosa. Uma ocorrência menor na longa lista de infrações cometidas pela mercantilista Hollywood.

Eduardo Torelli

STAR WARS – UMA NOVA ESPERANÇA: 8 EXTRAS: N.A.
O IMPÉRIO CONTRA-ATACA: 9 EXTRAS: N.A.
O RETORNO DE JEDI: 8 EXTRAS: N.A.

MELHOR ANTES

Revisionismo estético é plenamente aceitável. Corrigir a qualidade de imagem e remendar um chroma key capenga são acertos cosméticos que não mexem na alma de uma obra. George Lucas, infelizmente, foi além do conceito de banho de loja ao lançar as ditas "edições especiais" da trilogia de *Star Wars* em 1997. Ele maculou e desvirtuou cenas e personagens inesquecíveis. Exemplo-mor: Han Solo, estabelecido desde 1977 como um anti-herói, transformou-se num justo bom-moço vinte anos depois, na remendada cena do duelo entre ele e o caçador-de-recompensas Greedo. No original, Solo aproveita a distração do inimigo e o fuzila por debaixo da mesa; na revisão de George Lucas, por meio de um efeito canhestro, Greedo atira primeiro, no que o agora mocinho Han Solo revida. Isso sem falar na adição de Hayden Christensen como Anakin, o Fantasminha Camarada, ao final de *O Retorno de Jedi* – com os mesmos trajes em que ele massacrou criancinhas em *A Vingança dos Sith*. Pela moral de Lucas, um remendo digital cura qualquer mau caratismo. ***André Gordirro***

Ford: "Eu atirei primeiro, e daí?"

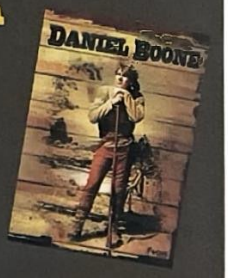
* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO

PROMOÇÃO

Daniel Boone

Qual o papel dos pioneiros na conquista do Oeste americano?

Justifique a resposta e concorra a 3 boxes da série com os volumes 1 e 2.



REGULAMENTO:

1. Participação: 1.1 - O premiado será o autor da criação. 1.2 - Só terão direito aos prêmios as cartas com todos os dados do autor (nome, endereço completo e e-mail quando houver) preenchidos de forma legível, com letras de fôrma ou impressa, enviadas pelo correio para Caixa Postal 27.020 – CEP 04007-990 - São Paulo, pelo e-mail: promoset@edpeixes.com.br 1.3 - Ou pessoalmente na Rua Helena, 260, 4º andar - Vila Olímpia - São Paulo; até o dia 06/10/2006. 2. Critérios: 2.1 - Para participar, o concorrente deverá enviar pelo e-mail de Promoções da revista SET, utilizando no máximo 05 (cinco) linhas, a resposta à pergunta: "Qual o papel dos pioneiros na conquista do Oeste americano?" 2.2 - O texto deverá ser apresentado obrigatoriamente em língua portuguesa. 2.3 - A avaliação será baseada nos seguintes critérios e pela ordem: criatividade e adequação ao tema. 2.4 - A avaliação final e a escolha definitiva dos ganhadores acontecerá no dia 09/10/2006. 3. Premiação: 3.1 - Serão escolhidas as 03 (três) melhores respostas, cuja colocação será estabelecida pela comissão julgadora. 3.2 – Os ganhadores receberão os volumes 1 e 2 dos boxes da série Daniel Boone. 3.2 - Os prêmios serão enviados pelo correio até 45 dias após a publicação dos resultados. 4. Divulgação: 4.1 - Os ganhadores serão notificados por meio de um anúncio, publicado na revista SET de novembro de 2006. 4.2 - Os participantes vencedores desse concurso autorizam automaticamente a Editora Peixes a usar suas imagens, nomes e vozes em: fotos, cartazes, filmes e/ou spots, e em qualquer outro tipo de mídia e peças promocionais para a divulgação do resultado da promoção, além de concordarem automaticamente com a cessão dos direitos autorais eventualmente existentes sobre os textos premiados a Editora Peixes e a Focus, sem nenhum ônus para que os organizadores desse concurso possam fazer uso desse material livremente e da forma que melhor lhes convier. 5. Considerações: 5.1 - Esse concurso tem caráter exclusivamente cultural, não estando vinculado à compra de produtos, nem subordinado a qualquer modalidade de sorte ou sorteio (art. 30 do Decreto-Lei Nº 70952/72). 5.2 - Quaisquer dúvidas, divergências ou situações não previstas nesse regulamento serão julgadas e decididas de forma soberana e irrecorrível pela comissão julgadora. 5.3 - É vedada a participação de funcionários (parentes e familiares) da Editora Peixes, e de quaisquer outras pessoas envolvidas na organização desse concurso.

PROMOÇÃO: Focus Filmes · Editora Peixes

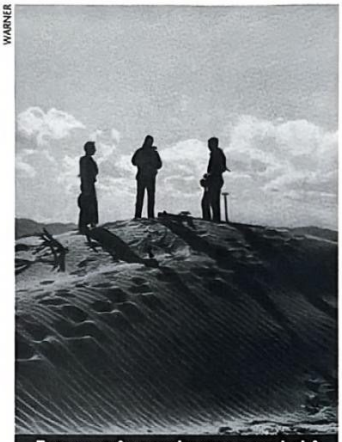
O CÉU MANDOU ALGUÉM

THE THREE GODFATHERS, EUA, 1948. DE JOHN FORD. COM JOHN WAYNE, PEDRO ARMENDARIZ, HARRY CAREY JR. 105 MIN. DVD WARNER. **FAROESTE**

Rodado em apenas 32 dias nas belas paisagens do Arizona, este faroeste marcou a segunda experiência do mestre John Ford com o maravilhoso mundo das cores (o primeiro foi *A Batalha de Midway*, com Henry Fonda, de 1942). Mais sentimental que o habitual, ele narra uma tocante parábola cristã, centrada em três assaltantes de banco (Wayne é o líder) em fuga pelo deserto Mojave. A penosa jornada (falta água, comida e a lei está em seus calcanhares) ganha novo significado quando eles encontram uma carroça e, dentro dela, uma mulher moribunda que dá à luz um bebê. A partir daí, a prioridade do trio é salvar o recém-nascido e levá-lo à cidade mais próxima, Nova Jerusalém. Ford já havia dirigido uma versão muda da mesma história, extraída do romance de Peter B. Kyne. ***R.P.***

FILME: 8 **EXTRAS:** N.A.

WARNER



Enterro: três assaltantes e um bebê

TRISTÃO & ISOLDA

TRISTAN & ISOLDE, REPÚBLICA TCHECA/INGLATERRA/EUA, 2006. DE KEVIN REYNOLDS. COM JAMES FRANCO, SOPHIA LYLES. 125 MIN. DVD EUROPA. **AVENTURA**

O título pode remeter à famosa ópera de Richard Wagner. Mas o filme passa longe da grandiosa música e apenas conta de outra forma a mesma história que parece ter surgido de uma lenda celta: o proibido romance que nasce entre um jovem cavaleiro (James Franco, que interpreta o melhor amigo de Peter Parker em *Homem-Aranha*) e uma princesa (a esforçada Sophia Lyles) de diferentes clãs na Idade Média. A trama possibilitou um

EUROPA

Franco e Sophia: romance

épico visualmente bonito graças à correta direção de Kevin Reynolds (já familiarizado com o tema com *Robin Hood – O Príncipe dos Ladrões*, estrelado por Kevin Costner). Porém, transmite pouca emoção por causa da presença do burocrático Franco. Ele oferece a mesma e abúlica expressão tanto nos momentos de desejo, como naqueles mais tristes e heróicos. Uma escolha totalmente equivocada que chega a comprometer o resultado. ***A.S.***

FILME: 6 **EXTRAS:** N.A.

TEST DRIVE

Os melhores títulos testados pela SET

JOHNNY E JUNE

WALK THE LINE, EUA, FOX. **DRAMA**

O filme que conta a trajetória de Johnny Cash, lenda da música country americana, acaba de ganhar nova versão em DVD duplo. O primeiro disco, além do filme, tem cenas cortadas – algumas mereceram ficar de fora mesmo – mostrando mais detalhes de Cash (Joaquin Phoenix) em seu caminho rumo à fama. O segundo traz preciosidades como um minidocumentário sobre a gravação do histórico disco ao vivo na prisão de Folsom. Tem declarações de ex-detentos que viram a apresentação em 1967, além de cenas atuais da prisão. Outra opção bacana presente nos extras é que os números musicais estão separados em itens sem precisar ficar procurando entre as cenas.

Nas entrevistas, espalhadas por outros minidocumentários e making of, há declarações de músicos, produtores, biógrafos, do filho (com June Carter) e da irmã de Cash. Cada um deles fala de diferentes aspectos da vida e obra do ídolo. O único senão é que os extras trazem fotos ilustrativas do próprio filme em vez de imagens reais do cantor e de sua mulher. No mais, a edição especial de *Johnny e June* é item básico para qualquer fã de Cash. ***Arianne Brogini***

EXTRAS: 8

HOUSE – A PRIMEIRA TEMPORADA COMPLETA

Hugh Laurie faz a diferença nesta série médica fora do comum

HOUSE, M.D. – SEASON ONE, EUA, 2004. DE VÁRIOS. COM HUGH LAURIE, LISA EDELSTEIN. DVD UNIVERSAL. DRAMA

Se você é infeliz com sua vida e acha todos os humanos ao seu redor um bando de idiotas que não valem um ticket-refeição, aprenda como caminhar neste planeta assistindo a *House*. Gregory House é um dos mais brilhantes médicos de diagnósticos dos Estados Unidos, mas sua inteligência é inversa à sua capacidade de socialização, o que piora quando perde os movimentos numa perna e fica viciado em analgésicos. Soa como um drama horroroso, mas *House* é o oposto: Hugh Laurie encontra com perfeição o equilíbrio entre sarcasmo, coração mole e grosseria das mais estúpidas. Nesta primeira temporada, as situações das doenças (cada uma delas mais misteriosa que a outra) tem como tema o fato de o "paciente sempre mente", enquanto o doutor se afunda na vida pessoal. O mais incrível é que nenhum episódio ganha ares de pieguice, exatamente por ter em Laurie o contraponto cômico, um homem que fala o que quer e nunca ouve o que não quer. Ponto alto? Dois: o capítulo que mostra como House convalesce; e o que ele é "obrigado" por um investidor a falar bem de um remédio novo. Seja cínico e veja a primeira temporada sem medo de ficar doente. ***Rodrigo Salem***

FILME: 9 EXTRAS: N.A.

UNIVERSAL

Lauric: tratamentos nada ortodoxos

LOST – SEGUNDA TEMPORADA

LOST – THE COMPLETE SECOND SEASON, EUA, 2005. DE VÁRIOS. COM MATTHEW FOX, EVANGELINE LILLY, TERRY O'QUINN. DVD BUENA VISTA. FICÇÃO CIENTÍFICA

Lost já se tornou um fenômeno na TV. Por todo lado você esbarra em pessoas comentando episódios, formulando teorias sobre os segredos da ilha misteriosa e discutindo o caráter dos personagens. Este segundo ano serviu para consagrar definitivamente o programa, embora com algumas ressalvas. A ausência de J.J. Abrams (que apesar de constar nos créditos, estava ocupado demais na direção de *Missão: Impossível III*), pode explicar um pouco esses pequenos escorregões. Mas que fique bem claro: nada disso chega a comprometer a qualidade da série, que continua entre as melhores dos últimos tempos. A Buena Vista faz um ótimo trabalho e lança o título praticamente simultaneamente com os Estados Unidos. Reserve o seu antes que acabe. ***R.M.***

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

BUENA VISTA

Apenas bons amigos: mistérios

THE 4400 – SEGUNDA TEMPORADA

THE 4400 – THE COMPLETE SECOND SEASON, EUA, 2005. DE VÁRIOS. COM JOEL GRETSCH, JACQUELINE MCKENZIE. DVD PARAMOUNT. FICÇÃO CIENTÍFICA

Com a estréia da terceira temporada de *The 4400* no Universal Channel, nada mais apropriado que conferir os episódios do segundo ano neste lançamento da Paramount. O boxe com quatro discos reúne os doze episódios que dão continuidade aos mistérios apresentados na minissérie original. Nela, 4400 pessoas abduzidas durante os últimos cinqüenta anos retornavam dotados de poderes sobrenaturais. Com mais ação e roteiros politizados, o programa caiu nas graças do público. O único porém desse lançamento é a total ausência de extras, ao contrário da versão americana que traz documentários e comentários em áudio do elenco. O bônus fica apenas pela possibilidade de conferir os capítulos no formato widescreen (bom recurso para quem tem TV no formato e ver a tela ser preenchida completamente e sem distorções). ***R.M.***

FILME: 8,5 EXTRAS: N.A.

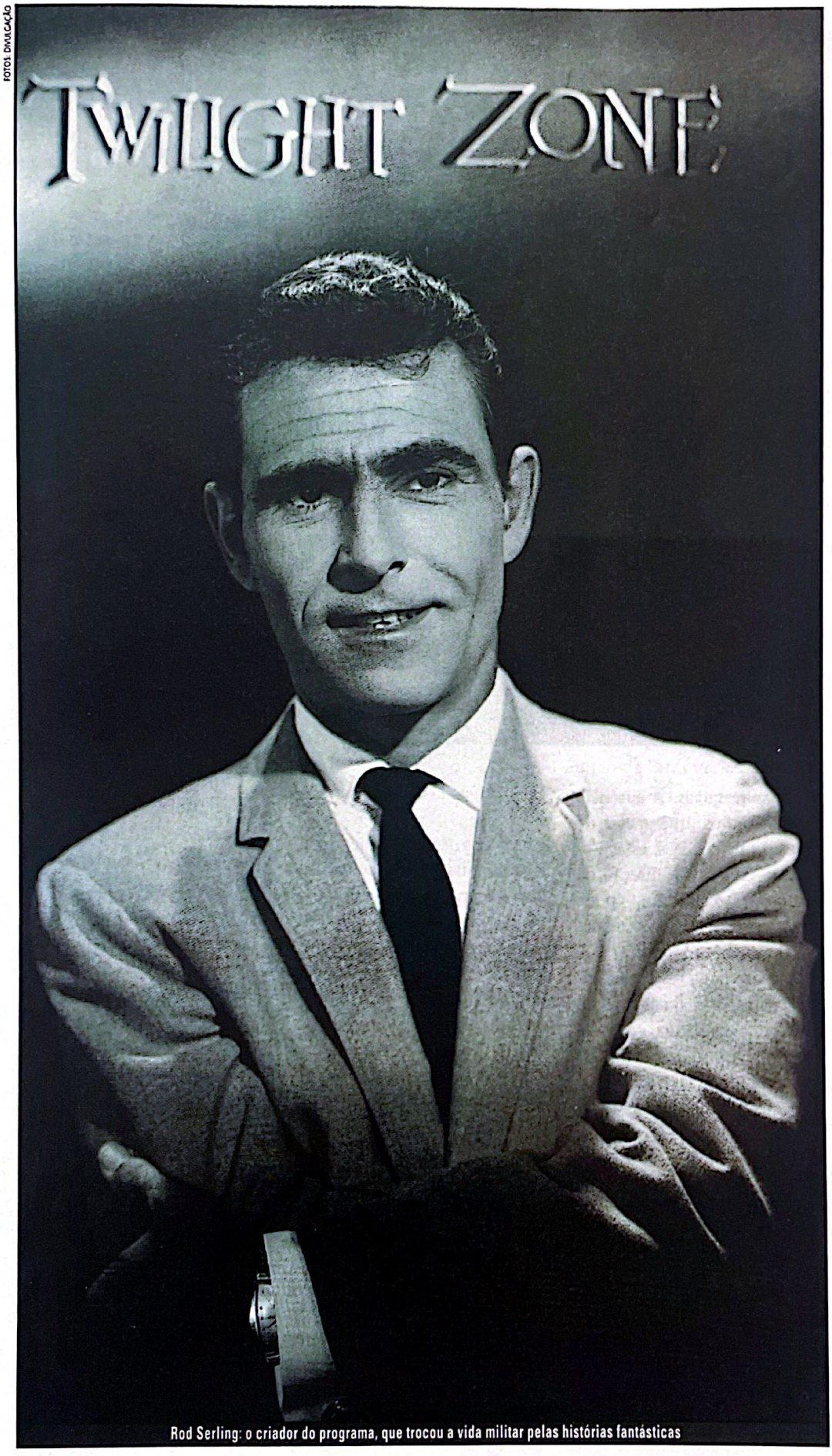
OUTROS LANÇAMENTOS E NOVIDADES

• CAROLCO >> **A Universal aproveita o mês para colocar no mercado vários sucessos produzidos pelo estúdio Carolco, que teve seu auge nos anos 80 e 90. Primeiro, lança um boxe especial da trilogia *Rambo*, estrelado por Sylvester Stallone. Com menus bem elaborados e muitos extras, os três filmes já haviam sido lançados por duas distribuidoras diferentes, mas só agora ganham um caprichado material bônus, que inclui documentários, especiais e comentários em áudio. O quarto DVD oferece especiais sobre fatos reais – como a crise no Afeganistão, acerca dos boinas-verdes e os veteranos de guerra – e também todo o misticismo em volta do famoso personagem. Outros longas que acompanham *Rambo* são *O Vingador do Futuro* (de Paul Verhoeven e estrelado por Arnold Schwarzenegger) e *Soldado Universal* (o primeiro sucesso do diretor Roland Emmerich, com Jean-Claude Van Damme). Pena que esses dois não apresentam muita coisa além dos filmes.**

• AQUAMARINE >> **A comédia adolescente estrelada pela sobrinha de Julia Roberts, Emma Roberts, está chegando às locadoras. Versão moderna de *Splash – Uma Sereia em Minha Vida*, *Aquamarine* mostra duas garotas que encontram a mítica criatura depois de uma grande tempestade.**

* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Rod Serling: o criador do programa, que trocou a vida militar pelas histórias fantásticas

NO LIMI

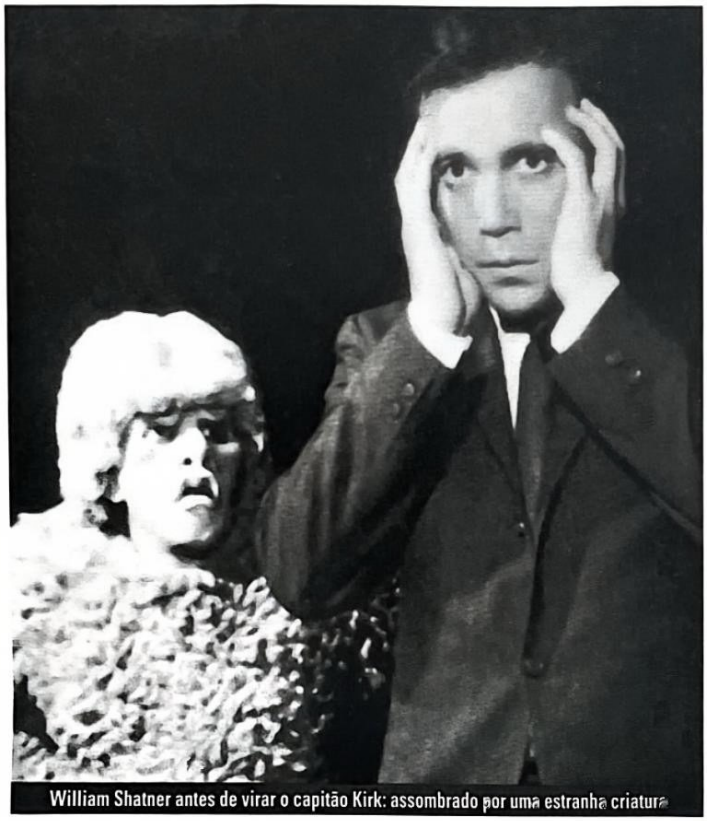
Uma das mais reverenciada original ganha nova exibiçã

"Há uma quinta dimensão além daquelas conhecidas pelo homem. É uma dimensão tão ampla quanto o espaço e tão desprovida de tempo quanto o infinito. É o espaço intermediário entre a luz e a sombra, entre a ciência e a superstição, e se encontra entre o abismo dos temores do homem e o alto dos seus conhecimentos. É a dimensão da fantasia. Uma região além da imaginação." Esse era o bordão inicial da mais antológica de todas as séries que, a partir do dia 2, às 15h30, retorna com a mesma dublagem em português da época de seu lançamento. Desde sua estréia em 1º de outubro de 1959, *Além da Imaginação* não só manteve por muitos e muitos anos o seu encanto às vezes mórbido, como também acabou sendo modelo para inúmeras produções feitas para o cinema e para a TV.

Muitos não acreditavam no sucesso da proposta. Afinal, fórmulas mais convencionais do humor e do drama predominavam na televisão americana de então. Mas a resposta do público foi boa, embora só tenha se tornado cult alguns anos depois, quando a imprensa estrangeira, em especial a francesa, deu ênfase ao seu criador, Rod Serling, que, no terreno da longa-metragem, se fez presente com os scripts de *Réquiem Para Um Lutador* (com Anthony Quinn) e *Sete Dias de Maio*. Nascido em 25 de dezembro de 1924 na cidade de Syracuse, Nova

E DA REALIDADE

séries de toda a história da TV, *Além da Imaginação* no canal TCM *Por Alfredo Sternheim*



William Shatner antes de virar o capitão Kirk: assombrado por uma estranha criatura

York, mas criado em Binghamton, esse ex-militar condecorado por sua atuação na Segunda Guerra Mundial foi um dos primeiros roteiristas expressivos da TV em seu início. Depois de mostrar o seu talento a partir de 1948 escrevendo episódios para séries como *Kraft Television Theatre*, *Studio One* e *The Doctor*, entre outras, em 1959 tornou-se popular quando lançou *Além da Imaginação*. Isso porque, além dos textos e da produção executiva, aparecia nas apresentações.

Já nos primeiros episódios, ficou patente que o seu gosto pelo mistério e pelo sobrenatural tinha encontrado o caminho certo. Serling evitou se acomodar na ação fácil que o gênero poderia oferecer e, em vez disso, fez com que os roteiros, muitos escritos por outros sob a sua supervisão, provocassem a reflexão. As contradições e as fraquezas do comportamento humano ganharam realce em tramas que sempre culminavam com epílogos de fato surpreendentes, de acordo com o título do programa. Temas pouco abordado pela TV na época, como preconceito racial, condutas vaidosas na guerra, a ganância em família e tantos outros, acabaram sendo expostos de forma muito própria e provocativa. Foram produzidos ao todo 156 episódios em cinco temporadas, que mantêm o charme até hoje.

OUTRAS RELÍQUIAS

Não foi só *Além da Imaginação* que o TCM tirou do baú. Outras séries de grande sucesso acabaram sendo resgatadas e, em sua maioria, com as vozes em português da época. "Não foi fácil encontrar as dublagens originais em bom estado. Porém, nos empenhamos para isso", garante Marcelo Gonzalez Tamburri, diretor da TCM Classic Hollywood e encarregado de coordenar as ações do canal. Sediado em Buenos Aires, ele anunciou em São Paulo o novo bloco retrô que começa neste mês. Com exibição diária, serão apresentados *A Ilha dos Birutas* (14h) e *FBI* (12h). A comédia, de 1964, passa-se em uma ilha quase deserta no Pacífico Sul onde se encontra perdido um grupo de turistas. Já *FBI* é um policial de ação lançado em setembro de 1965. "Cada capítulo era assessorado e revisado rigorosamente por J. Edgar Hoover, o todo-poderoso chefe da instituição", lembra Tamburri. "Foram 239 episódios em nove temporadas". Efrem Zimbalist Jr. interpretou o inspetor Lewis, o personagem principal da série.

Outro resgate é o de *Centro Médico* (de segunda à sexta-feira, às 13h). Exibida pela primeira vez em setembro de 1969, permaneceu sete anos na TV, antecipando a moda do gênero médico. Retornam também, aos sábados e domingos, dois clássicos dos anos 60. Uma é *O Túnel do Tempo* (13h), produzida por Irwin Allen e que acompanha as aventuras de dois cientistas perdidos no tempo que tentam voltar para casa. Outra é *O Besouro Verde* (14h), cult baseado em série radiofônica da década de 30 e estrelada por Van Williams e o lendário Bruce Lee (que interpretava Kato, o assistente do herói). Em novembro, será a vez do saudoso *Agente 86* e da novela *Dallas*. "Por problemas técnicos, nem sempre será possível apresentar na ordem cronológica os episódios de algumas séries, exceto quando isso for fundamental, como é o caso de *Dallas*", frisou Tamburri.

A Ilha dos Birutas: clássico da comédia de volta à telinha

RELEMBRANDO O 11 DE SETEMBRO

Em três canais, a recordação dos atentados que atingiram os EUA em 2001

Escombros: History Channel relembra a queda do World Trade Center

No quinto aniversário dos atentados que em 11 de Setembro de 2001 atingiram o World Trade Center, em Nova York, e o Pentágono, em Washington, nada mais natural a sua evocação pela TV. É o que fazem três canais. No Discovery (dia 6, às 22h), o programa *Torres Gêmeas: entre os Escombros* mescla reconstituições dramáticas com depoimentos de pessoas que, por acaso ou participando ativamente das diversas missões de resgate, testemunharam esses dramáticos e inesquecíveis acontecimentos provocados pelo deliberado choque de dois aviões contra os famosos prédios de Nova York. No National Geographic (dia 10, às 21h), é a vez de *Mohamed: o espião de Bin Landen*, documentário com duas horas de duração sobre um ex-militar norte-americano que se infiltrou no governo americano a serviço dos terroristas chefiados por Osama Bin Laden. Sua atuação foi considerada decisiva para os atentados de 11 de Setembro. Ele foi preso pelas autoridades dos EUA, mas seu paradeiro é ignorado. O History Channel (dia 11, às 21h) traz outro enfoque dessa organização islâmica em *A Guerra de Al Qaeda.* O documentário mostra seu início na década de 1990, com imagens dos campos de treinamento. Além disso, por meio de depoimentos de especialistas, reitera que algumas autoridades nos EUA tinham indícios desde 1995 da possibilidade do seqüestro de aviões comerciais e da destruição de locais de valor simbólico para os norte-americanos. Às 23h, a temática prossegue em *72 Horas – De 11 a 14 de Março*, sobre as explosões provocadas por terroristas em quatro estações de trens em Madri, três dias antes das eleições presidenciais de 2004 na Espanha.

< ZAPEANDO >

ISLE OF WIGHT

Onde: A&E
Quando: Dias 10 e 17, às 22h
O que: Dividido em duas partes, a edição 2005 do tradicional festival de música pop acontece há mais de três décadas nessa pequena ilha na costa sul da Inglaterra. Podem ser vistas, entre outras, as apresentações de grupos e artistas como Supergrass, Faithless, Embrace, R.E.M., Travis e Caravan.

NIP/TUCK

Onde: Fox
Quando: Dia 12, às 22h
O que: Início da terceira temporada desta série sobre médicos e pacientes no mundo da cirurgia plástica. Três intérpretes que já haviam aparecido antes estão agora no elenco fixo: Kelly Carlson como Kimber Henry; Jessalyn Gilsig vive Gina Russo e o brasileiro Bruno Campos é o dr. Quentin Costa.

PUCCA

Onde: Jetix
Quando: Dia 11, às 21h
O que: Estréia de nova animação sobre uma menina com 10 anos que vive na imaginária Sooga Village. Apaixonada por Garu, um garoto descendente de família ninja, ela faz tudo para chamar a sua atenção. A série começa no dia de aniversário de Pucca, que faz compras enquanto os amigos preparam uma festa-surpresa.

THE BEDFORD DIARIES

Onde: Warner Channel
Quando: Dia 13, às 21h
O que: O primeiro episódio da série dramática que estreou nos Estados Unidos em março último. Filmada em Nova York, traz conflitos românticos e eróticos, em meio da rotinas de alunos e professores de uma escola. Matthew Modine, Audra McDonald e Penn Bradgley vivem alguns dos personagens centrais.

SÃO PAULO NA VISÃO DE ESTRANGEIROS

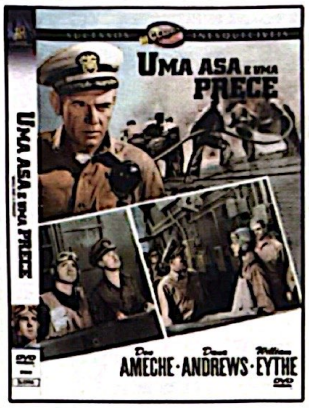
Depoimentos: contradições e dificuldades na grande metrópole

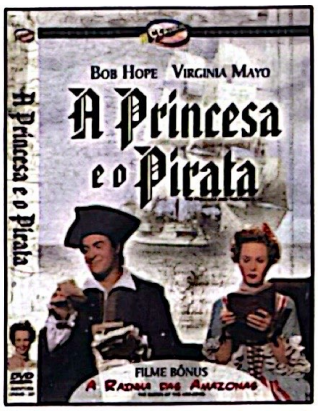
EUROCHANNEL

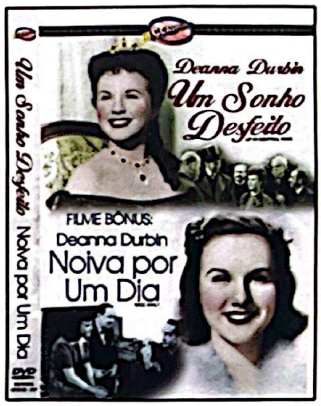
Eurochannel Dia 12, às 22h

Quatro nacionalidades se fazem representar em *Europa Paulista*. Com clima documental, a realização mostra São Paulo sob a ótica de imigrantes espanhóis, portugueses, italianos e alemães. Em 67 minutos, jornalistas, motoristas de táxi, arquitetos e pessoas engajadas em movimentos sociais apontam em quatro segmentos as atraentes contradições da cidade, bem como as dificuldades que alguns enfrentaram no processo de integração aos costumes do povo. Exemplo, o hábito da impontualidade.
Trata-se da primeira produção brasileira do canal, em cooperação com a empresa Mixer. A direção é de Michel Tikhomiroff e Edu Rajabally, nomes conceituados no mercado publicitário. A trilha sonora é de André Abujamra.

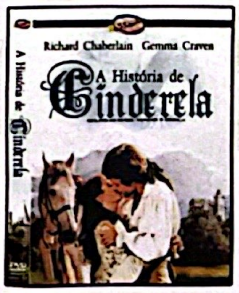
LANÇAMENTOS PARA SETEMBRO

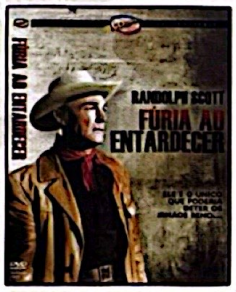


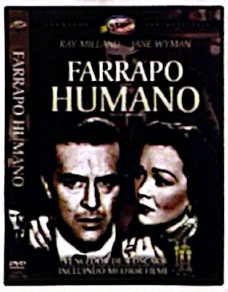


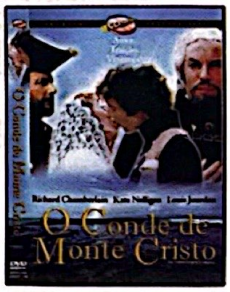


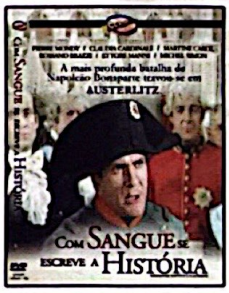
CATÁLOGO

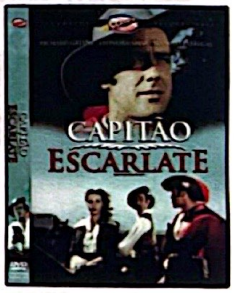


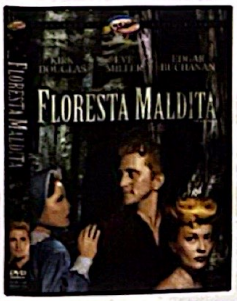


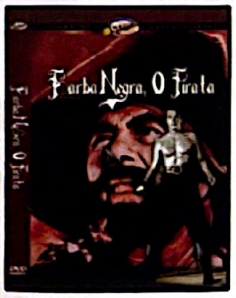


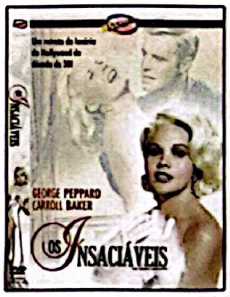


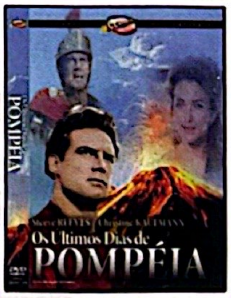


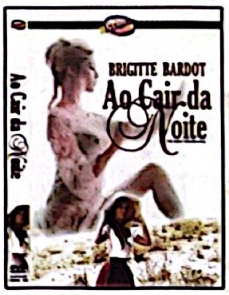


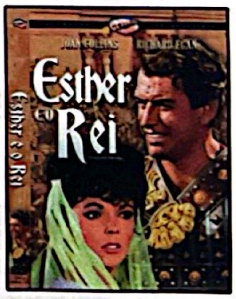












CENTRAL DE VENDAS

TEL./FAX: (85) 3226-9341 • 3231-2436 - TEL.: (85) 3253-0651 • 3251-1804

www.classicline.com.br - e-mail: classicline@uol.com.br / reparrais@secrel.com.br

VERIFICAR CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

UM LONGA DO MATO GROSSO

Canal Brasil Dia 23, às 23h30

Em meio à concentração de filmes no eixo Rio-São Paulo, uma raridade: um longa totalmente produzido no Mato Grosso. *A Oitava Cor do Arco-Íris* (2004) começa em pequena vila perto de Cuiabá. Um menino decide vender uma cabrita de estimação para obter o dinheiro que possibilite os remédios necessários à sua avó que o criou. Escondido, sai de casa com essa intenção e vai parar na capital. O filme é fruto da tenacidade de Amaury Tangará, um paranaense radicado desde a década de 70 no Mato Grosso. "Fazendo fora desse eixo, você já está perdendo de 1 a 0, de qualquer forma", ressalta esse dramaturgo que estreou como cineasta em 1997 com o curta *Pobre É Quem Não Tem Jipe*, premiado no Festival de Brasília. "Mas se eu faço dessa maneira é porque tenho muitas histórias para contar. O Brasil não é só Rio e São Paulo, nós temos uma infinidade de histórias e no meu Estado tenho tramas e situações que nunca foram exploradas. É esse Brasil profundo que estamos tentando imprimir na tela", disse Tangará em conversa com a SET. Diego Borges, Isabel Serra, Renan Dimuriez e Waldir Bertúlio são os principais intérpretes do longa que permanece inédito na maior parte do país. A reprise no Canal Brasil acontece dia 25, às 21h30.

CANAL BRASIL

"Ninguém toca na minha cabritinha"

FOTOS DIVULGAÇÃO

O centro das atenções: o ator James Roday vive Shawn Spencer, que usa seu "poder mental" para ajudar em investigações policiais

MENTE QUASE BRILHANTE

O canal Universal traz a estréia da comédia detetivesca *Psych*, além das novas temporadas das séries *Monk* e *The 4400*

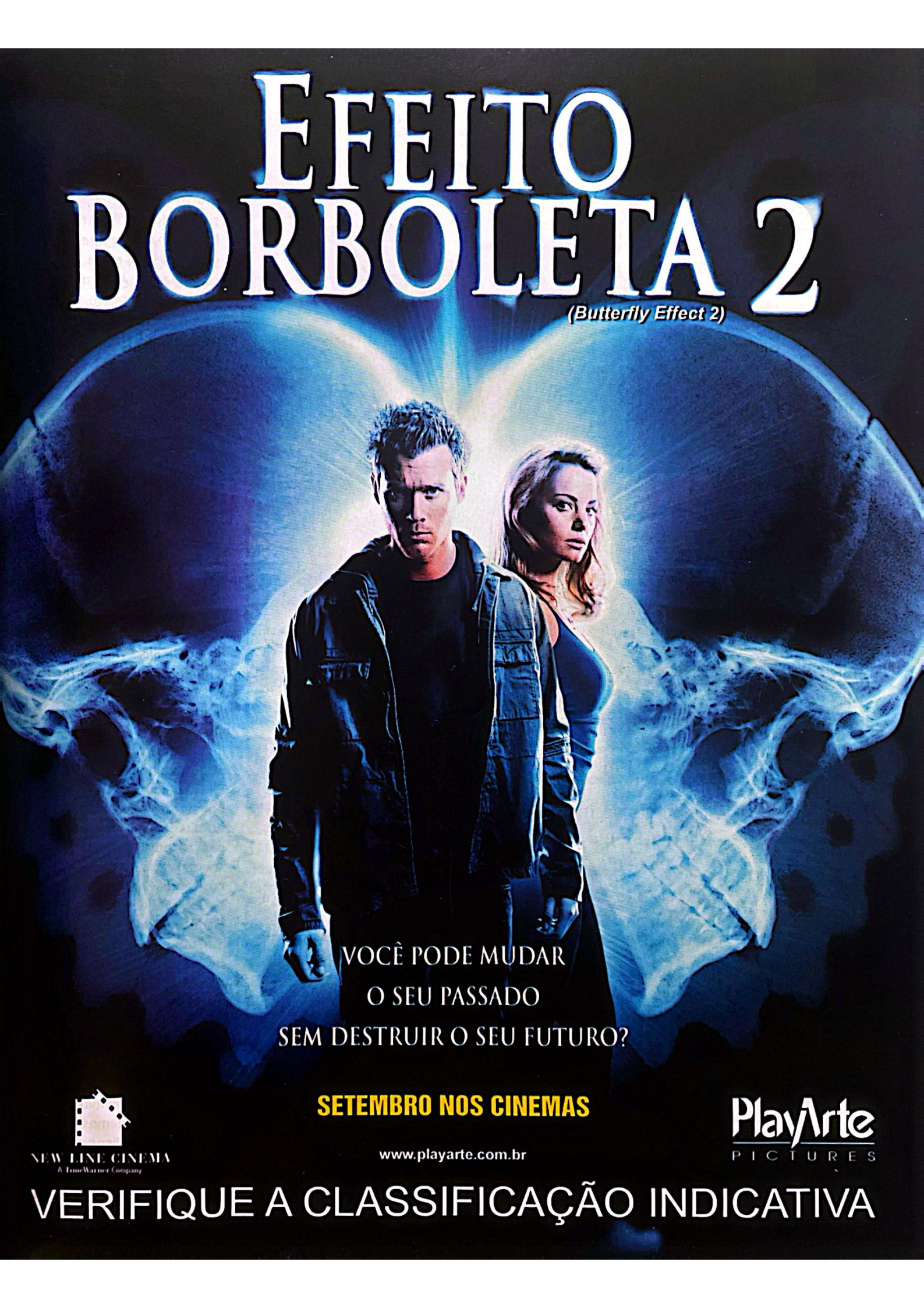
Misturar o sobrenatural com uma série policial não é nenhuma novidade na televisão. Quem nunca viu uma pessoa com poderes psíquicos, que usa sua habilidade para ajudar em uma investigação? *Psych* também apóia-se nessa premissa. Só que esta série, cuja estréia acontece no dia 27, às 23h, se diferencia das demais pelo humor total que cerca a capacidade mental de Shawn Spencer, o protagonista. Seu principal dom é exposto sem reverência desde o início, quando ele aparece menino em 1986 ao lado do pai, um policial, em uma lanchonete de Santa Barbara. Na verdade, suas "premonições" não passam de deduções lógicas desenvolvidas com treinos. Vinte anos depois, na mesma cidade da Califórnia, Shawn ajuda a polícia por meio de um telefonema, mas se vê em encrenca diante de uma autoridade que desconfia desse poder. Mesmo assim, ele passa a trabalhar em dupla com o detetive Gus (Dulé Hill, o Charlie Young de *The West Wing*). Shawn é interpretado por James Roday, um texano de 30 anos que vem de pequenos papéis em filmes como o recente *Estrela Solitária*, de Wim Wenders. Atuam também Corbin Bersen, Maggie Lawson (a Andrea da série *Crumbs*) e Timothy Omundson. A criação é do novato Steve Franks, também produtor.

The 4400

As novidades não param por aí. No dia 24, o canal Universal dá início à quinta temporada de *Monk* (às 20h). No ar desde 2002, é também uma comédia sobre um detetive compulsivo, personagem que fez Tony Shalhoub ganhar prêmios como o Emmy e o Globo de Ouro. No dia 29, às 23h, é a vez da terceira temporada de *The 4400*, série de ficção científica que mostra a vida de 4400 abduzidos que retornam à Terra de uma só vez. O programa investe ainda mais em seu lado X-Men, revelando uma nova facção de "retornados terroristas" que usam seus poderes para o mal.

EFEITO BORBOLETA 2

(Butterfly Effect 2)



VOCÊ PODE MUDAR
O SEU PASSADO
SEM DESTRUIR O SEU FUTURO?

SETEMBRO NOS CINEMAS

NEW LINE CINEMA
A TimeWarner Company

www.playarte.com.br

PlayArte
PICTURES

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

WARNER

Na butique do Muse, você compra uma camisa e ganha um sofá de brinde

A FRONTEIRA FINAL

Muse despista o clima de mesmice e compõe um disco que evoca o espaço, épicos medievais e o Velho Oeste *Por Rodrigo Salem*

MUSE – *BLACK HOLES AND REVELATIONS*. WARNER

Quando o Muse resolveu cantar o final do mundo em *Absolution*, disco de 2003 que vendeu cerca de três milhões de cópias, todos acharam que a banda tinha chegado a um beco sem saída. Não é fácil escapar da armadilha do tema máximo do rock épico (apocalipse) e suceder um disco que finalmente transformou a banda numa entidade coesa, com personalidade e podendo repousar entre os grandes novos representantes do gênero. Além de todos esses poréns, *Black Holes and Revelations* pegou o grupo gravando em diferentes continentes e com os nervos à flor da pele pela longa turnê pelos Estados Unidos. O guitarrista Matt Bellamy transformou esses males no maior trunfo do novo disco, uma perfeita seqüência do trabalho anterior. Mesmo depois do fim do mundo.

O rock grandioso do Muse encontrou no espaço e no íntimo, no coloquial e no extravagante, na crítica e no amor, um belo truque de mágica para compor outro bonito pedaço de música. Logo na abertura, "Take a Bow" mostra uma banda que respeita o seu próprio passado, apesar de se assemelhar demais com o clima inicial da introdução de *Absolution*. *Black Holes and Revelations* começa a dizer que não é mais do mesmo em "Starlight", um cruzamento bizarro de T. Rex, Erasure (!) e Radiohead. A faixa romântica ("Quero apenas ter você em meus braços") apresenta a pura síntese do que é o Muse hoje: baixo dançante, guitarras sujas e riffs contagiantes. A virada radical acontece em "Supermassive Black Hole", com Bellamy emulando Prince num funk-rock-garage que pode funcionar na boate mais descolada do universo como num bar de heavy metal. Se a canção é um dos grandes choques do álbum, ela não prepara para a segunda pancada, "Map of Problematique". Imagine se o Depeche Mode na época do *Violator* tivesse tomado mais ácido que o necessário e você terá uma vaga idéia do poder dessa música.

Os dois exemplos acima fazem de *Black Holes and Revelations* se destacar do incômodo clima de "não-mudar-para-não-desagradar", mas, por incrível que pareça, não são os melhores momentos. Se "Exo-Politics" conquista por ser a mais energética do disco, com um refrão para sacudir estádios, letras sobre o espaço e uma batida crescente, "Knights of Cydonia" é a mais perfeita tradução do álbum. Sério. Se 2006 conseguir produzir uma canção tão exoticamente pop, o ano vai ficar para a história. Em pouco mais de seis minutos, somos jogados para um cenário de Velho Oeste americano, depois caimos no galope do spaguetti de Ennio Morricone e viajamos para planetas onde aliens ouvem rock para se alimentar. Candidata à música do ano.

NOTA: 8,5

JOHNNY CASH

AMERICAN V: A HUNDRED HIGHWAYS. UNIVERSAL

Esquecido por toda uma nova geração, Johnny Cash retornou aos braços do povo com a série *American*, na qual batizava versões inesperadas de artistas contemporâneos, como Nine Inch Nails ("Hurt"). A quinta parte da saga foi construída quando Cash estava em estado crítico e finalizada dois anos após sua morte pelo produtor Rick Rubin, que virou amigo íntimo da lenda nos últimos dez anos. *American V: A Hundred Highways* pode não ter o vozeirão do astro no auge, mas esse talvez seja seu grande charme. "Like the 309", sua derradeira canção, combina perfeitamente a fragilidade dos pulmões com uma letra sobre morte e uma visita ao médico. Despedida de honra. ***R.Sl.***

NOTA: 8,5

THE TEARS

HERE COME THE TEARS. SUM RECORDS

Separados há doze anos, o vocalista Brett Anderson e o guitarrista Bernard Butler, mais conhecidos por serem o núcleo do Suede, se reencontram para tentar recuperar o tempo perdido. E aí reside o melhor e o pior de sua nova banda, o The Tears, e do disco de estréia: enquanto o som cristalino da guitarra de Butler continua encantador e a voz hedonista de Anderson ainda caiba em seus riffs, esse seria o tipo de som para estourar no final dos anos 90, quando o Idlewild ainda engatinhava. Se isso não importar para você, então caia de cabeça no britpop redondinho do Tears, principalmente "Refugees" e "Imperfection". ***R.Sl.***

NOTA: 7,5

BRAKES

GIVE BLOOD. TRAMA

Formado por integrantes do British Sea Power, Electric Soft Parade e The Tenderfoot, o projeto Brakes não tem nada a ver com o trabalho titular de seus membros. É um delicioso encontro do pós-punk do Pixies com a parte mais alegre do country americano. Suas letras são narrativas divertidíssimas acerca da música pop ("Heard About Your Band" é sobre um sujeito arrogante que fala mal de tudo e de todos no mundo indie, principalmente do Yeah Yeah Yeahs) e situações constrangedoras ("NY Pie" é sobre grosseria policial, e "Fell in Love with a Girl" parece Nick Drake tirando sarro de uma garota). O disco ainda traz ligações com Jesus and Mary Chain ("The Most Fun") e Ramones ("What's in It for Me?"). Engraçado, meio maluco e escondido. ***R.Sl.***

NOTA: 8

NELLY FURTADO

LOOSE. UNIVERSAL

O novo disco da canadense de ascendência portuguesa é o que se pode chamar de "operação salvamento". Explicando melhor: Nelly Furtado apareceu há seis anos com o CD *Whoa, Nelly*, que emplacou a saborosa balada "I'm Like a Bird" (a canção maravilhou até os adoradores de rock indie depois de ter sido elogiada pelo escritor inglês Nick Hornby). Como seu disco seguinte, *Folklore* (2003), não rendeu o resultado esperado, a companhia de Nelly recrutou o produtor Timbaland (Jennifer Lopez) para dar um ar de modernidade ao trabalho da cantora. O principal aspecto negativo da mudança está na perda da identidade. Em compensação, o trabalho com Timbaland mostra que Nelly sabe ser "cachorra" com muito mais personalidade e talento que Gwen Stefani, J. Lo ou outro caô do pop. Basta conferir a balançada "Promiscuous" e "All Good Things (Come To an End)", parceria da cantora com Chris Martin, do Coldplay. ***Sérgio Martins***

NOTA: 6,5

THOM YORKE

THE ERASER. SUM RECORDS

Vai entender o mundo. Lançado como um projeto difícil e numa gravadora centenas de vezes menor, o primeiro disco-solo do líder do Radiohead vendeu 90 mil cópias na semana de estréia e foi para a vice-liderança da parada da Billboard – perdendo apenas para a coletânea *Now*, que vende mais que galinha em terreiro de umbanda. Mas não caia na armadilha dos números: *The Eraser*, de Thom Yorke, não tem nada de pop e os raros dedilhados de guitarra servem somente para climatizar as bases eletrônicas das músicas viajandonas. Quando "Harrowdown Hill", menos vendável que o último trabalho do Radiohead inteiro, se torna single é sinal que as salas de lounge estão ganhando destaque em demasia. Ou que *Kid A* foi um álbum muito além de seu tempo. ***R.Sl.***

NOTA:

DVD MUSICAL

MEGADETH

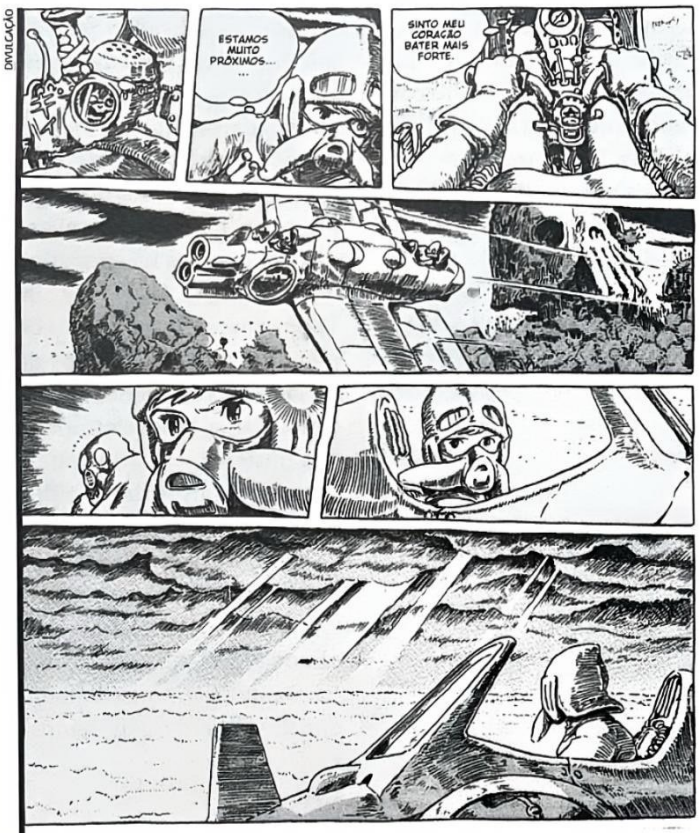
ARSENAL OF. EMI

A geração "noventista" adora tirar um sarro (na maioria das vezes, merecido) dos anos 80. No entanto, se alguém quiser se vingar, pode pegar os vídeos do Megadeth para ver que nem tudo foram flores na década passada. Mas julgar com a estética de hoje é uma sacanagem das brabas. Quem viveu o encontro do trash metal com o pop, primeiramente com o Metallica e, conseqüentemente, com o Megadeth, sabe como caras e caretas, clipes bem cuidados e músicas sobre destruição eram essenciais para a molecada atingir o devido nível de rebeldia. *Arsenal of Megadeth* não tem vergonha disso. Resgata os clipes toscos do começo de carreira da banda de Dave Mustaine, pouco tempo depois de ele ter sido expulso do Metallica até o auge em "Symphony of Destruction" e "Foreclosure of a Dream". Os extras ainda trazem um vasto material de vídeos inéditos e apresentações raras do Megadeth até o ano passado. Bem, tem gente que se diverte dançando ao som de Fábio Júnior e Belchior, por que se sentir culpado com o fato de gostar de bater cabeça? ***R.Sl.***

NOTA: 7,5

EXTRAS: 8

DIVULGAÇÃO



SEMENTES ADORMECIDAS

Obra-prima do criador de *A Viagem de Chihiro* ganha versão brasileira *Por Rodrigo Salem*

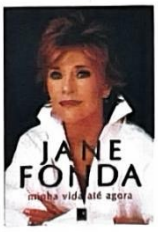
NAUSICAÄ DO VALE DO VENTO **DE** HAYAO MIYAZAKI; ED. CONRAD; 136 PÁGS.; **PREÇO:** R$ 29,90

Existem inúmeros motivos para não se ler mangá quando você tem mais de 20 anos nas costas – leitura ao contrário, uma das idéias mais estúpidas inventadas no Brasil; preço em ascensão; e profusão de títulos de baixa qualidade. Mas se há uma razão para se ler mangá, essa é *Nausicaä do Vale do Vento*, primeiro volume da saga de sete capítulos criada por Hayao Miyazaki, diretor de *Princesa Mononoke* e *A Viagem de Chihiro*. Batizada "melhor graphic novel de todos os tempos" pela publicação alternativa *Comics Journal*, a revista foi concebida por Miyazaki em 1982 porque nenhum estúdio japonês arriscava fazer desenhos sem um mangá como base. A trama reflete todas as características do animador, da sua paixão pelo vôo às críticas socioecológicas: mil anos no futuro, a humanidade paga pelo auge tecnológico do passado com a reviravolta da natureza. Florestas inundam o planeta com poléns venenosos, gigantes robóticos repousam adormecidos em seus túmulos de musgos e monstros dividem o espaço com os poucos humanos que restaram. Ao contrário de obras com o mesmo tema, a sensibilidade do autor transforma *Nausicaä* (também nome da princesa que pode mudar o futuro da raça) numa história ainda moderna, pacifista e de moral acima de qualquer conceito ocidental de bem versus mal.

NOTA: 10

MINHA VIDA ATÉ AGORA

DE: JANE FONDA; ED. RECORD; 642 PÁGS; **PREÇO:** R$ 45,00



Ela foi rebelde, falou contra a Guerra do Vietnã, foi vanguarda, vendeu a idéia do corpo sarado, teve vários maridos, guarda dois Oscar na estante e, aos 61 anos de idade, acha que a vida só está começando. Do suicídio da mãe ao retorno às telas com *A Sogra*, depois de quinze anos de ausência, Jane Fonda colecionou muitas histórias para contar. É o que ela faz nesta autobiografia franca e sincera, sem grandes revisões, nem arrependimentos. A mulher que encarnou Barbarella e animou os sonhos de muitos adolescentes nos anos 50 agora faz papel de avó sem o menor pudor. Mas continua sendo um mulherão. ***Alessandro Giannini***

NOTA: 7,5

ENCONTRAR VOCÊ

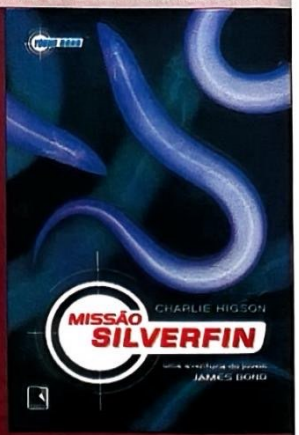
DE: MARC LEVY; ED. BERTRAND BRASIL; 304 PÁGS; **PREÇO:** R$ 39,00

Continuação de *E Se Fosse Verdade*, romance de estréia do escritor francês Marc Levy e adaptado para os cinemas com Mark Ruffalo e Reese Witherspon, *Encontrar Você* traz de volta o arquiteto Arthur e a jovem Lauren, agora convertida em respeitada neurocirurgiã. Nesta sequência, ela tenta descobrir a identidade do homem que encontrou sentado à beira de sua cama quando voltou do coma. Considerado o "Dan Brown francês", Levy, arquiteto que estreou na literatura aos 39 anos de idade, faz jus ao rótulo. Seus romances são bem escritos, de leitura ligeira e tão leves que parecem não ter nem consistência e profundidade. ***A.Gn.***

NOTA: 5

MISSÃO SILVERFIN – UMA AVENTURA DO JOVEM JAMES BOND

DE: CHARLIE HIGSON; ED. RECORD; 400 PÁGS.; **PREÇO:** R$ 49,90



Desde a morte de Ian Fleming, o mercado editorial tenta recriar a fórmula vitoriosa dos livros de 007. Nos anos 80 e 90, com autorização do espólio de Fleming, John Gardner publicou quatorze livros sobre um James Bond cinqüentão que continuava a salvar o mundo na era da Aids e da Perestroika. Agora é a vez de Charlie Higson dar prosseguimento às peripécias do herói, por meio de uma série que segue o caminho oposto: em *Missão Silverfin*, ambientado nos anos 30, Bond é um pré-adolescente matriculado no tradicional colégio Eton. Órfão, meio solitário e bom nos esportes, ele nem sequer imagina que um dia será o maior dos espiões. Sua missão é impedir o progresso de uma sinistra experiência genética. Equilibrando violência e tensão em um nível intermediário entre a criança e o leitor adulto, Higson consegue o milagre de reunir, na mesma trincheira, fãs veteranos de Fleming e leitores de J.K. Rowling. ***Eduardo Torelli***

NOTA: 8

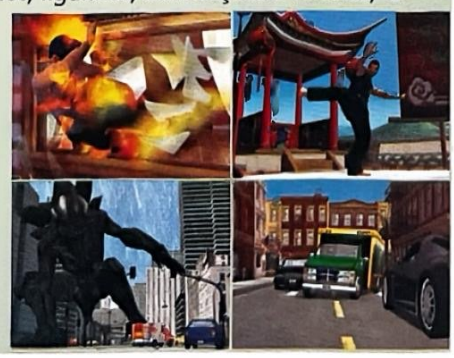
FOTOS: DIVULGAÇÃO

CINEMA SUADO

Os desafios de fazer um filme *Por Renato Carlini*

THE MOVIES: STUNTS & EFFECTS, EUA, 2006. **PARA:** PC. **PRODUTORA:** ELECTRONIC ARTS **DESENVOLVEDORA:** LIONHEAD STUDIOS

Aspirantes a diretor de cinema e atores desempregados ganham vida na expansão *Stunts & Effecs*, que agrega ao *The Movies* original dezenas de novos desafios. O objetivo é manter seu estúdio de cinema funcionando a todo vapor, cuidando para que as estrelas de seus filmes não fiquem estressadas ou chateadas com o salário. Como no primeiro game, será preciso seguir um "roteiro" para conseguir que seu longa seja lançado. A primeira coisa a fazer é buscar um roteirista e selecionar um gênero entre ação, romance, horror, ficção científica e comédia. Com o roteiro em mãos, é hora de reunir a equipe e partir para um dos sets de filmagens disponíveis. Depois, basta seguir para a sala de exibição e esperar a nota dos críticos. Dá para assistir às cenas criadas e até decidir se os atores devem ficar bravos, chateados ou felizes em determinadas situações. Tudo isso cansa os envolvidos. Então, é preciso fazer com que eles voltem à forma saudável, se exercitando, tomando um refresco no bar ou comprando balas e indo descansar no trailer. Com as novas opções de *Stunts & Effects*, é possível criar novas situações com o movimento de câmera livre, o cromaqui e os efeitos especiais. Os dublês – grandes inovações dessa expansão – conquistaram espaço reservado nos sets, e também são avaliados pela crítica. Em meio aos novos cenários, figurinos, construções e veículos, é necessário ainda se preocupar com a premiação que acontece de tempos em tempos. Com tantas opções, fica difícil dizer se o jogo é um simulador ou um editor de filmes.



NOTA: 8,5

PREY

EUA, 2006. **PARA:** X360. **PRODUTORA:** 2K GAMES. **DESENVOLVEDORA:** VENOM GAMES/ HUMAN HEAD STUDIOS

Um índio e sua namorada abduzidos por alienígenas e lutando pela sobrevivência parece não ser a trama ideal para um game de sucesso, mas *Prey* está aí para mostrar o contrário. Ao pisar na nave, o cherokee se depara com portais, trilhas para caminhar na parede, veículos invisíveis e um plano espiritual repleto de vultos, além de uma quantidade considerável de armas potentes. A busca pela namorada fará com que enfrente criaturas e, literalmente, encontre seu lado espiritual. Com ambientação espetacular e uma trilha que cumpre muito bem seu papel, *Prey* tem tudo para se igualar aos hits *Half-Life 2* e *F.E.A.R.* ***R.C.***

NOTA: 9

PIRATES OF THE CARIBBEAN: THE LEGEND OF JACK SPARROW

EUA, 2006. **PARA:** PLAYSTATION 2. **PRODUTORA:** BETHESDA SOFTWORKS/ UBISOFT. **DESENVOLVEDORA:** 7 STUDIOS/ BUENA VISTA GAMES

A volta de Jack Sparrow aos videogames rendeu mais uma bem-humorada aventura. Desta vez, a trama é narrada por Jack enquanto espera as ordens para ser enforcado – ele e seu fiel escudeiro Will Turner foram pegos em uma emboscada feita pelos próprios piratas. O game, apesar de linear, é muito bem ambientado visualmente, e encanta pela beleza cinematográfica de uma vila de piratas. Os modelos dos personagens foram muito bem trabalhados e é possível enxergar a expressão facial de cada um deles durante os diálogos. O sistema de combate é simples, mas é uma pena que não demora muito para o jogo se tornar repetitivo à exaustão. ***R.C.***

NOTA: 6,5

TEKKEN: DARK RESURRECTION

EUA, 2006. **PARA:** PSP. **PRODUTORA:** NAMCO. **DESENVOLVEDORA:** NAMCO

Um dos jogos de luta mais conceituados da atualidade ganhou sua versão portátil. *Tekken: Dark Resurrection* é uma conversão quase exata de *Tekken 5* e explora ao máximo o potencial do PSP. Como de costume, os personagens estão muito bem balanceados e proporcionam batalhas incríveis em estágios visualmente deslumbrantes. Os lutadores sofreram um pouco na conversão e receberam texturas mais simples, algo passável, levando em conta o completo modo de edição. Para aqueles que querem mais desafios, a Namco preparou seis modalidades diferentes, além dos famosos minigames. Mais dois extras fazem do game uma ótima escolha: a possibilidade de enfrentar um amigo via wireless e a opção de enviar um replay da luta para a Internet. ***R.C.***

NOTA: 9

SEMPRE EM FOCO

Modelo CyberShot da Sony promete fotos nítidas com estabilizador e sem a necessidade de flash *Por André Gordirro*

PREÇO SUGERIDO: R$ 2.299,00. **ONDE ENCONTRAR:** WWW.PIONEER.COM.BR WWW.SONYSTYLE.COM.BR OU PELO TEL.: (11) 3677-1080

Quem tem alguma experiência com fotografia sabe que o flash deixa as imagens chapadas e mata o fundo do ambiente. Mas ao cancelar o recurso em uma câmera digital, são comuns as fotos tremidas, uma vez que a ausência do flash deixa a lente mais sensível a qualquer oscilação da mão. O novo modelo da linha CyberShot da Sony, a T30, promete solucionar esse problema por meio do sistema Super Steady Shot, que estabiliza as tomadas ao calibrar o foco por um jogo de lentes.

Dois outros recursos tornam a novidade da Sony ideal para capturar objetos em movimento rápido e fotografar em condições de pouca iluminação, como restaurantes, bares e shows. Essas tecnologias são ajudadas imensamente pelo visor de três polegadas da T30, que rompe o padrão de 2,5 polegadas do mercado. Isso sem falar na resolução de 7.2 megapixels e nas lentes Carl Zeiss que não deixam você sair mal na foto.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

SOM E IMAGEM

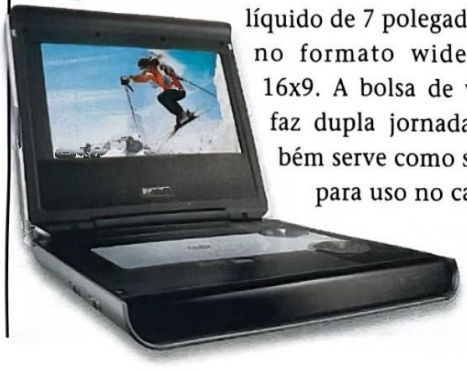
PREÇO SUGERIDO: R$ 1.299,00. **ONDE ENCONTRAR:** WWW.LGE.COM.BR

A sigla da vez é o MP4, o formato de vídeo portátil que está revolucionando o mercado de tocadores de MP3 – agora não somente meros reprodutores de música, mas também de vídeos. O JM-53 da LG é um player MP4 que tem 8 Gb de memória e suporta arquivos de áudio (MP3 e WMA), de imagens, textos e, claro, de vídeos. Eles podem ser curtidos em seu display de 1,7 polegada e 260 mil cores no formato 4x3 (infelizmente não é widescreen). O aparelho ainda funciona como gravador de voz e rádio FM. Sua bateria de lítio sustenta 30 horas de uso.

PORTÁTIL E PRÁTICO

PREÇO SUGERIDO: R$ 999,00. **ONDE ENCONTRAR:** WWW.PHILIPS.COM.BR

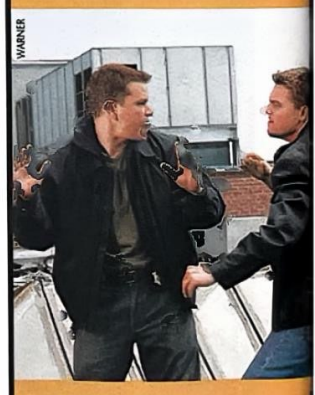
A imagem do Sargento Tainha com sua pequena TV sobre a barriga nas tiras do Recruta Zero ficou ultrapassada: o lance agora é deitar com um tocador de DVD portátil para curtir seus filmes na cama. O PET725 da Philips é um aparelho que encara qualquer formato de disco – DVD+R/+RW/-R/-RW, VCD e SVCD –, além de ler arquivos MP3 e, principalmente, DivX e MP4 (ambos formatos de vídeo digital). Os falantes internos têm potência de 250mW RMS e a tela de cristal líquido de 7 polegadas vem no formato widescreen 16x9. A bolsa de viagem faz dupla jornada: também serve como suporte para uso no carro.



PRÓXIMAS ATRAÇÕES

DÁLIA NEGRA

Uma atriz assassinada. Um serial killer à solta. Um caso nunca resolvido. Brian De Palma dirige um elenco estelar na adaptação do clássico de James Ellroy, mesmo autor de *Los Angeles – Cidade Proibida*



THE DEPARTED

Martin Scorsese retorna ao mundo da máfia para colocar Leonardo DiCaprio e Matt Damon num duelo até a morte

TELE
CINE

O MELHOR DO CINEMA

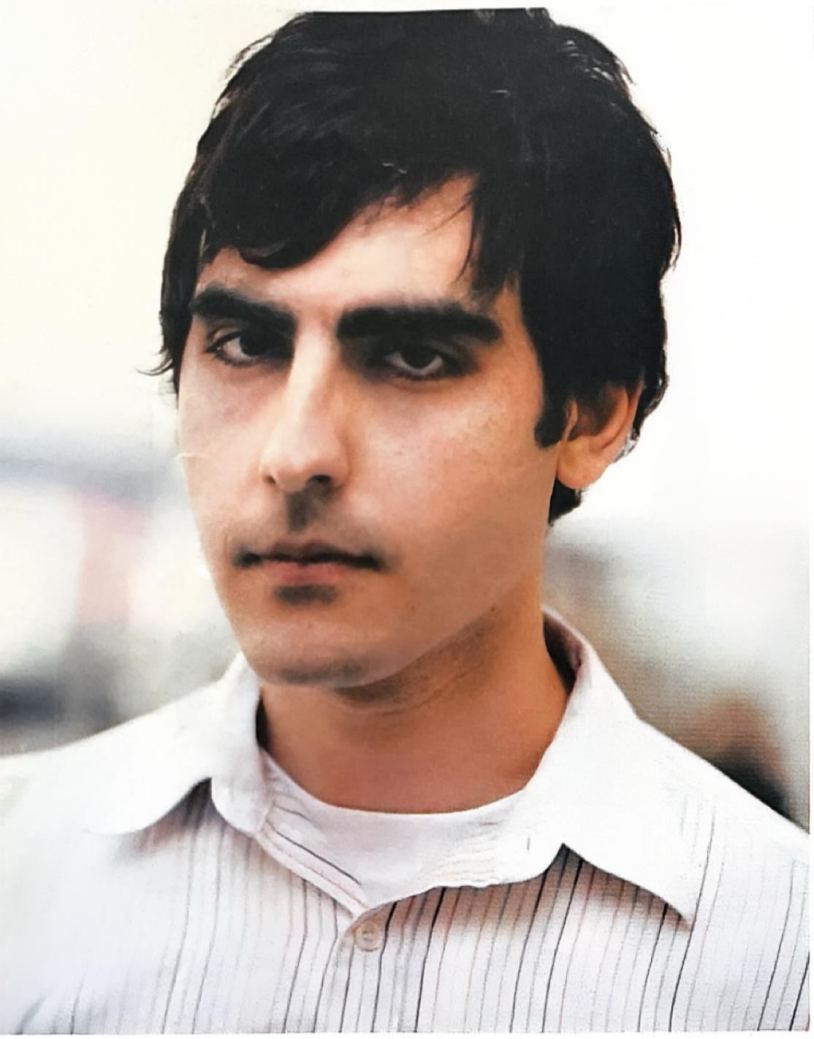
SEM TELECINE, VAI DEMORAR MUITO TEMPO PARA VOCÊ VER ESSA TRANSFORMAÇÃO.

STAR WARS III
A VINGANÇA DOS SITH

Estréia 16/09.

Assine: NET 0800 726 0800 / SKY 4004 2868*

*Custo de uma ligação local. Para demais localidades e regiões metropolitanas, ligue 0XX 11 4004 2868. Consulte o custo com sua operadora local.



COLUMBIA

gil kenan

Gil Kenan parece uma criança no parque de diversões quando questionado sobre como o projeto de *A Casa Monstro* chegou às suas mãos. Ele conta que ainda estava na faculdade de cinema, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, quando fez um curta-metragem de animação com dez minutos chamado *The Lark* (2002). O criador da trilogia *De Volta para o Futuro*, Robert Zemeckis, viu o curta de Kenan e o convidou para dirigir um filme.

Assim começou a carreira do diretor de *A Casa Monstro*, a animação por computador que conta a história de três amigos às voltas com uma mansão assombrada na vizinhança onde moram. Feito a partir da técnica de "motion capture", em que eletrodos infravermelhos são colocados no corpo de atores para capturar os movimentos numa tela de computador, o filme ganhou uma versão em 2D e outra em 3D – que não será lançada no Brasil. Não faz mal, como garante Kenan nesta entrevista a SET realizada no México.

Pode começar dizendo como tudo isso começou? Deve ser uma sensação diferente fazer o primeiro filme com Steven Spielberg e Robert Zemeckis, não?

É muito louco, não é mesmo? Meus pais não acreditaram nos seis primeiros meses. Só estão acreditando agora, que o filme está há algum tempo em cartaz nos Estados Unidos. Mas basicamente foi o seguinte: eu estava na faculdade de cinema da UCLA e fiz um curta-metragem chamado *The Lark*, que foi meu cartão de visita para uma agência de representação. Eles começaram a mandar o filme para vários lugares em Hollywood e, alguns meses depois, recebi um telefonema de meu agente dizendo que Robert Zemeckis havia visto meu filme e queria conversar. Fiquei louco. Li o que ele tinha me mandado e fiquei mais louco ainda, porque era uma coisa sobre a qual eu me interessava também e senti que, de alguma forma, estávamos conectados. Faria o que ele me propusesse, mesmo que fosse um filme de assassinato. Mas acabou sendo algo pelo qual sou apaixonado, uma grande exploração do ambiente humano, algo que eu estava fazendo nos meus filmes.

Você trabalhou diretamente com Zemeckis e Spielberg?

Antes, deixe-me colocar mais uma peça desse quebra-cabeça para iluminar melhor a história. Quando eu fui contratado, apresentei a minha versão da história, com tudo o que tinha direito: roteiros, storyboards, etc. Ele achou que fazia sentido e resolveu me dar uma chance. Preparei-me e, quando estava tudo pronto, apresentei o projeto para Spielberg. Basicamente, os dois estão espiritualmente em todo o filme, em termos de eles terem me dado a chance de dirigi-lo, de ter crescido com seus filmes e de ser um grande fã deles. No dia-a-dia, era eu dirigindo o filme, porque eles estavam dirigindo e produzindo os deles. Mas sempre que precisava dos dois, eu tinha acesso.

O filme foi concebido originalmente em 2D ou 3D?

Na verdade, em 2D. A razão é que, para mim, uma composição boa deve ser dimensional. Boa é subjetivo, mas digamos a minha versão de boa. Eu sei que se compusesse corretamente os planos para 2D, eles acabariam sendo bons também em 3D.

Muita gente que viu o filme primeiro em 2D e, depois, em 3D, disse que fazia um pouco mais de sentido. O que acha disso?

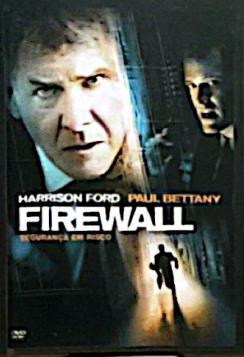
Não posso falar por essas pessoas, mas talvez faça mais sentido para elas assistirem pela segunda vez (*risos*). Só sei que quando se vê um filme como *A Casa Monstro* em 3D, você acaba imerso na história e a tela meio que lhe envolve. Há uma espécie de estranha experiência psicológica e você acaba sendo jogado na tela. Essa é a grande vantagem do 3D, porque, caso contrário, seria apenas uma novidade. Mas o que mais me interessa não é isso, e sim a experiência psicológica, como poder quebrar a barreira da tela e estabelecer uma conexão.

A casa é uma espécie de personagem no filme. Foi difícil animá-la?

A casa é "a" personagem do filme. Eu gosto muito de todos os humanos, mas para mim o mais legal foi criar uma casa viva. Foi a coisa mais complexa. E criá-la de verdade, sem revelar logo de cara a sua história, o espírito e a tragédia de Constance. Para mim, sempre que o espírito da casa quisesse se expressar, precisaria ser uma batalha, não podia ser nada tranqüilo. De certa forma, foi muito difícil concebê-la, animá-la e introduzi-la na história.

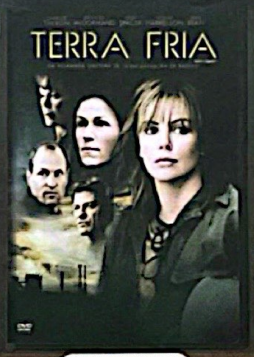
Alessandro Giannini, de Los Cabos, México

AMERICANAS.COM



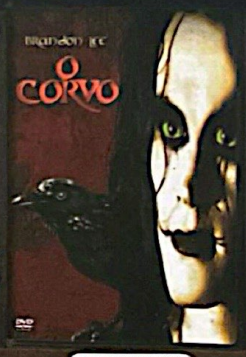
Firewall - Segurança Em Risco
R$ 39,90

LANÇAMENTO 14.09



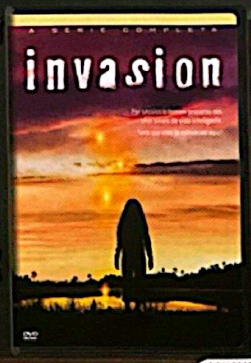
Terra Fria
R$ 39,90

LANÇAMENTO 28.09

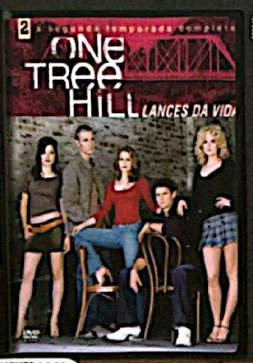


O Corvo
R$ 29,90

LANÇAMENTO 28.09

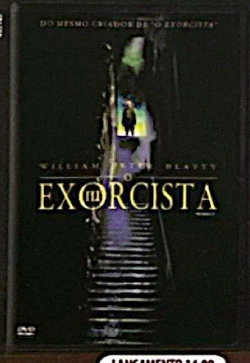


DVD Box Invasion (6 Discos)
R$ 129,90
10x R$ 12,99



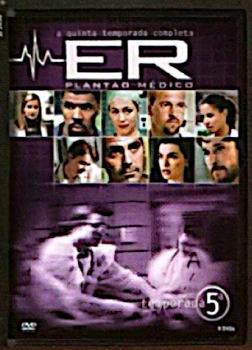
DVD BOX One Tree Hill - 2ª Temporada (6 Discos)
R$ 129,90
10x R$ 12,99

LANÇAMENTO 14.09

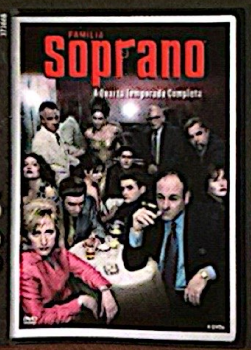


O Exorcista 3
R$ 29,90

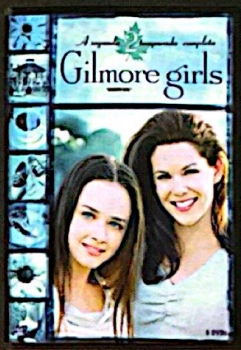
LANÇAMENTO 14.09



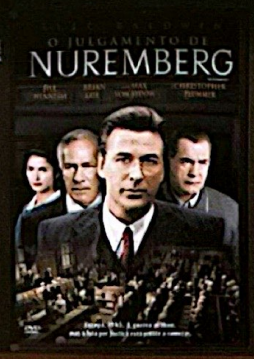
E. R. Plantão Médico
5ª Temporada (6 DVDs)
R$ 129,90
10x 12,99



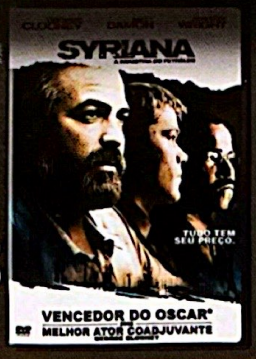
Família Soprano
4ª Temporada (4 DVDs)
R$ 109,90
10x R$ 10,99



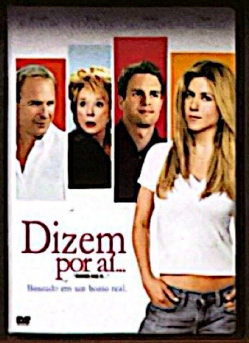
Gilmore Girls - 2ª Temporada (6 DVDs)
R$ 129,90
10x 12,99



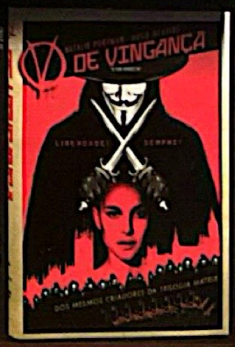
Nuremberg
R$ 29,90



Syriana
R$ 39,90



Dizem Por Aí
R$ 39,90



V de Vingança
R$ 44,90

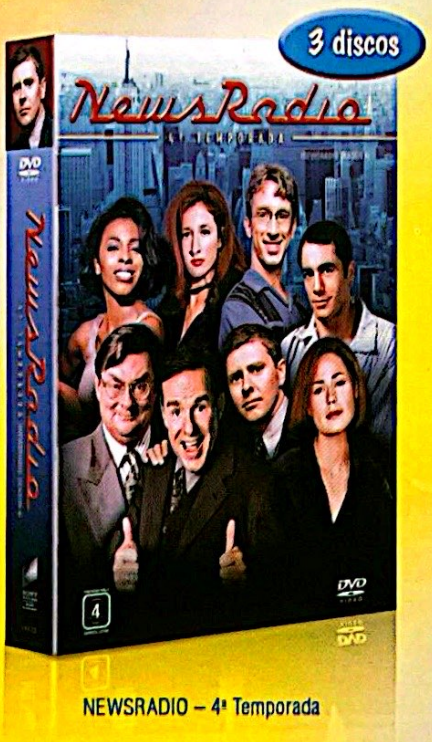
Acesse: www.americanas.com.br

Compre também pelo telefone:
4003 1000**

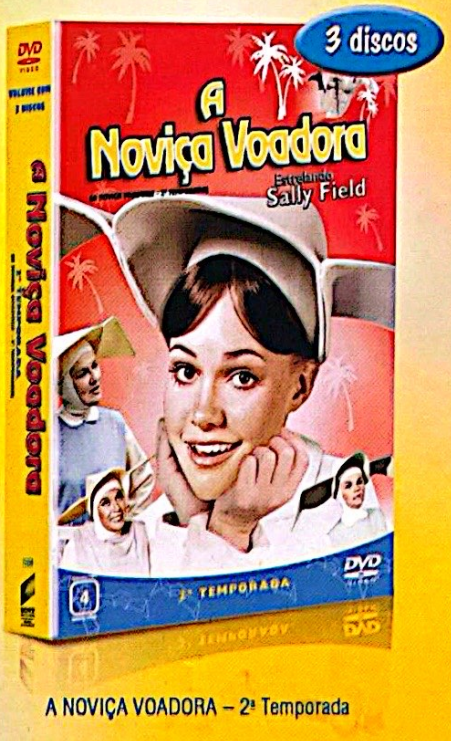
AMERICANAS.COM

Ofertas válidas para compras feitas pela internet ou telefone, até 31/09/2006, ou enquanto durarem nossos estoques. O produto pode esgotar-se antes do prazo previsto, já que os anúncios são feitos com grande antecedência. As fotos constantes neste anúncio são meramente ilustrativas. Todo site em 12 x sem juros - Somente no cartão de crédito, com parcela mínima de R$ 25,00, e exceto para produtos SONY, HP, TIM, Mormaii e Ingressos. Frete grátis nas compras acima de R$ 199,00, para entregas em todo Brasil - Para os departamentos de Eletrodomésticos e Eletroportáteis, FRETE GRÁTIS VÁLIDO SOMENTE para as entregas nas regiões SUL e SUDESTE. ** O serviço 4003 tem custo de ligação local + impostos locais, conforme o Estado de origem, para telefones-fixos. E custo de ligação + impostos para celulares, conforme a operadora, e serão cobrados na conta telefônica.

Cada dia você pode assistir a um episódio diferente.



NEWSRADIO – 4ª Temporada



A NOVIÇA VOADORA – 2ª Temporada

Compre também:

Compre já.

www.sonypictures.com.br

SONY PICTURES HOME ENTERTAINMENT

NewsRadio – 4ª Temporada © 1997, 1998 Brillstein-Grey Communications. Todos os Direitos Reservados.
A Noviça Voadora – 2ª Temporada © 1967, renovado 1995 CPT Holdings, Inc. Todos os Direitos Reservados.